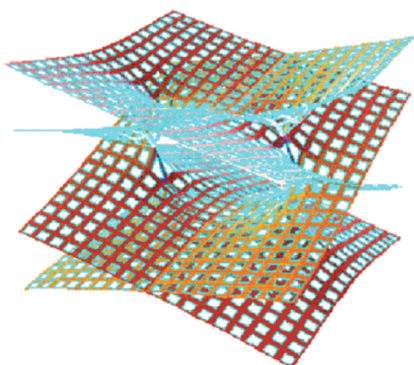


WUNSCH 20

BOLETIM INTERNACIONAL
DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

Maio 2020



WUNSCH

Número 20, maio 2020

JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA
PRIMEIRA CONVENÇÃO EUROPEIA DA EPFCL
Paris, 14 de julho de 2019

TERCEIRA JORNADA INTERAMERICANA
DA EPFCL
III SIMPÓSIO INTERAMERICANO DA IF-EPFCL
Pereira, 18 de julho de 2019

BOLETIM INTERNACIONAL DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO

EDITORIAL

Este número de *Wunsch* é o vigésimo, o que nos recorda que, no ano que vem, celebraremos justamente os 20 anos de nossa Escola! *Wunsch* é o reflexo de nossa história comum enquanto Escola pois, desde sua criação, ele recolhe os trabalhos que nos reuniram.

Na primeira parte deste número, publicado em um momento particular no mundo, vocês encontrarão as intervenções da Jornada de Escola da Primeira Convenção Europeia, que se realizou em Paris, no dia 14 de julho de 2019, cujo tema foi “Escola dos cartéis”. Essa jornada foi dividida em duas sequências, pontuadas pela intervenção de Sophie Rolland-Manas, AE: uma foi dedicada aos “Cartéis do passe”, a outra aos “Cartéis na Escola”.

Na segunda parte, reunimos as intervenções da Terceira Jornada de Escola, do III Simpósio Interamericano da IF-EPFCL, que se realizou em Pereira (Colômbia), no dia 18 de julho de 2019., sobre o tema “Clínica do fim de análise”. Vocês lerão intervenções de diferentes atores do dispositivo do passe: passadores, secretariado, membros do CIG precedente e atual, assim que a intervenção de Adriana Grosman, AE.

Esse número se termina com uma contribuição de Nicole Bousseyroux, realizada a partir de seu trabalho no atual CIG.

Beatriz Maya e Elisabete Thamer

(pelo CAOÉ)

JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

ESCOLA DOS CARTÉIS

ABERTURA

Elisabete Thamer

Paris, França

Caros colegas,

Em nome do Colegiado Internacional da Garantia e de todos os que participaram da organização, dou as boas-vindas a esta Jornada de Escola da nossa primeira Convenção Europeia, cujo tema é “Escola dos cartéis”.

Devo admitir que aprecio particularmente esse tema e sua fórmula simples porque coloca hoje, no centro de nossas discussões, esse dispositivo que Lacan disse ser o órgão de base de sua Escola. É fato que nos acostumamos, durante as Jornadas de Escola, a tratar sobretudo de questões relacionadas ao passe, ao final de análise, a tentar abordar as mais recentes elaborações de Lacan sobre o real, questões que às vezes consideramos “mais difíceis” do que a questão dos cartéis.

Assim, coletei algumas impressões divergentes sobre a escolha desse tema: alguns ficaram encantados, precisamente, por estarmos falando de algo que não é o passe, e outros, pelo contrário, torceram o nariz com relação a esse tema que, segundo eles, não é muito palpitante.

Estariamos errados, ao que me parece, em considerar o tema dessa maneira, porque *Escola – cartel – passe* estão intimamente associados e formam um tripé. Eles são, todos, invenções de Lacan que poderíamos dizer solidários ou até mesmo simultâneos, ou quase. Não há Escola, nem concretização da formação dos analistas que lhe cabe, sem esses dois dispositivos, o cartel e o passe.

É uma evidência que o dispositivo do cartel teve grande sucesso desde a sua invenção, enquanto que o dispositivo do passe teve uma aceitação menos unânime.

Como nosso tema o indica, nossa Escola é uma “Escola dos cartéis”, cartéis no plural. Não poderia ser de outra forma. Esse dispositivo, profundamente democrático, sem mestre, e que trabalha para reduzir os efeitos de grupo, permite que cada um nele trabalhe a partir do ponto em que se encontra em seu percurso, seja para se iniciar no ensino de Lacan em pequenos grupos, onde se sente mais à vontade, seja para pensar as questões de Escola ou, ainda, para acolher o dispositivo do passe.

Foi, entretanto, depois de Lacan, parece-me, que o júri do passe se transformou em cartel, em “cartel do passe”. Não importa quando este foi instituído, o fato é que mantivemos seu uso, reunindo, no coração da Escola, os dois dispositivos: cartel e passe.

É evidente que “os cartéis do passe” não são exatamente cartéis como os outros. Não apenas pela forma como são formados, mas principalmente porque mantêm sua missão de ser o que Lacan havia chamado, em sua “Proposição”, de *júri*. Cabe a eles nomear Analistas da Escola e dedicar-se ao desenvolvimento de um “trabalho de doutrina”. Em que esses dois objetivos

específicos – nomeação e elaboração de doutrina – alteram a prática do *cartel* nos cartéis do passe? Eles têm uma especificidade? Qual?

É por isso que dedicaremos esta manhã aos “cartéis do passe”, onde abordaremos dois aspectos do que faria sua especificidade: a temporalidade particular ligada à sua função de tomada de decisão – nomear ou não nomear – e o encargo de um trabalho de doutrina. Existiria um risco de que esse trabalho de elaboração se transforme em *orthé doxa*, em uma espécie de ortodoxia? Em outras palavras, que esse trabalho possa se transformar em um modelo teórico rígido, deixando menos espaço tanto para o testemunho das soluções singulares de cada análise, quanto para a variedade de nossa elaboração coletiva? O problema não é tanto o fato de que haja *doxa*, que em grego significava “opinião”, mas que uma *doxa* se transforme para nós no que Platão chamou de “opinião justa (*orthé doxa*) ou opinião verdadeira (*alethés doxa*).

No final desta sequência, teremos a oportunidade de ouvir, pela primeira vez em uma jornada internacional, Sophie Rolland-Manas, Analista da Escola.

Esta tarde, trabalharemos sobre a outra parte de nosso tema, os “cartéis na Escola”, questionando o tipo de laço de trabalho particular que os cartéis mobilizam, sua estrutura e seu vínculo com nossa Escola.

Para concluir, eu diria àqueles para quem a questão do cartel possa ter perdido o interesse que, em nossos “Princípios diretivos”, está escrito que, para aqueles que desejam ser membros de nossa Escola, pedimos-lhes, da participação efetiva nas atividades da Escola, que eles tenham feito, cito, “*a experiência da Escola em um cartel*”.

O cartel é, essencialmente, uma experiência de Escola. Ele constitui uma porta de entrada, além da análise, propícia a forjar o desejo de pertencer a esta Escola, enquanto o passe é apenas um horizonte possível cuja única necessidade é que ele determina a orientação do conjunto. Mantenhamos, portanto, vivo o interesse pelos cartéis, porque o futuro da nossa Escola depende disso, se queremos que ela prospere.

Gostaria de agradecer novamente a todos os que participaram da organização desta Jornada, a todos os que intervirão e aos debatedores, bem como aos autores dos “Prelúdios”. E um agradecimento muito especial aos incansáveis colegas tradutores: Rosa Escapa, Maria Teresa Maiocchi e Camila Vidal.

OS CARTÉIS DO PASSE

QUESTÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EFÊMERA

Sol Aparicio
Paris, France

O que nos reúne hoje aqui, o que reúne aqueles que são concernidos pela psicanálise, é a experiência do inconsciente – experiência que se tornou possível graças à descoberta freudiana e a correlativa invenção do dispositivo analítico. Há uma coerência, uma adequação necessária entre os dois. A possibilidade de uma experiência desta alguma coisa *evasiva*¹ que é o inconsciente depende do funcionamento do dispositivo inventado por Freud

No momento da fundação de sua Escola e no tempo subsequente, Lacan inventou dois outros dispositivos, o cartel e o passe. Tanto um como o outro são congruentes com a experiência que está em questão.

Pouco tempo depois de colocar em funcionamento sua “Proposição...” sobre o passe, Lacan falava na Grande-Motte, em 1973², da *experiência* do passe – experiência diferente daquela da análise, radicalmente nova. É uma experiência em curso, ressaltava. Ela o é sempre, para nós e alguns outros. A experiência do passe perdura há quase cinquenta anos! Este fato contrasta com o ponto que desejo interrogar, como sugerido em meu título: o caráter efêmero da experiência dos cartéis do passe.

Ela é, literalmente, “efêmera”, pois dura apenas um dia... *Isso passa*, nos dois sentidos da expressão. Depois de confirmar a recepção, alguma coisa da ordem do esquecimento acontece. Uma vez tomada sua decisão, o cartel cessa de se debruçar sobre o testemunho do passante e um véu de esquecimento parece recobri-lo. Ficam, apenas, alguns significantes e, este ponto essencial, o resultado, a decisão tomada.

Se podemos dizer que a característica do passe é de ir contra [*contrev*] o esquecimento do ato, do ato graças ao qual houve o passo do analisante a analista³, o que dizer sobre o efêmero da experiência dos cartéis do passe? Seria da ordem de um esquecimento, de uma amnésia, de um ato⁴?

Primeiramente, direi algo sobre a experiência. Uma experiência, Lacan destacava no *Seminário RSI*, supõe que *nela nos engajemos*. No passe, é o que acontece com o passante, é claro, assim como com os passadores. Mas também com os membros do cartel. Eles também *se engajam nela*, mas de outra forma.

Isto quer dizer que cada um é tomado, se deixa tomar, condição necessária para se deixar surpreender e se deixar ensinar pelo saber inconsciente em jogo, o saber fazer com a língua e

¹ Termo com o qual Lacan qualifica o inconsciente no *Seminário 11*

² J. Lacan, “Sobre o passe”, 3/10/1973, *Lettres de l'EFPP*, 1975, n°15, p. 186-193.

³ Cf. S. Aparicio, “O passe contra o esquecimento”, *Wunsch* n.14, dezembro 2014, p. 16-20.

⁴ Encontramos as duas expressões utilizadas por Lacan ao tratar do ato analítico: a amnésia é atribuída ao analista que se “precipita na experiência, e o esquecimento, que ele denuncia, se refere àqueles que « pagam por seu status de analista com o esquecimento do ato que o funda”. Ver “Discurso na l'EFPP”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p 277.

seus efeitos. A experiência confronta cada um a um desafio, qual seja, o de se deixar “instruir pelo singular de cada análise⁵” deixando de lado, tanto quanto possível, a *doxa* – o que não quer dizer que abordará a experiência sem teoria.

Lacan acrescentou à sua breve observação sobre sua experiência o seguinte: se ele fosse o único a se engajar nela, o que ele dizia “não teria nenhum alcance⁶”. Isso me parece particularmente bem-vindo para o cartel em sua função de júri. Cada membro se engaja na escuta atenta do dizer do passante, que se faz escutar no testemunho, e se pronuncia sobre isso. Mas o que conta é que ele não é o único a fazê-lo. O cartel no seu conjunto se engaja na resposta, resultado que conjuga o que foi escutado por cada um e a elaboração conjunta imediatamente após o testemunho dos passadores⁷. Essa resposta merece o nome de ato.

Se a experiência dos cartéis do passe é efêmera, não haveria, assim, uma dificuldade que faria obstáculo ao “trabalho de doutrina” esperado, que Lacan esperava, de início, de seu júri⁸, depois dos AEs, aos quais ele propunha “de deixar a seus cuidados esclarecê-lo [seu testemunho] depois⁹?”

Dito isto, não é somente a experiência dos cartéis em si que é efêmera. Também podemos dizer que neles vivemos a experiência do efêmero. Nos cartéis do passe compartilhamos, a cada vez, a experiência do efêmero própria às manifestações do inconsciente – aí verificamos os efeitos das epifanias de *l'Une-bévue*¹⁰. Digamos assim para evocar a dimensão do real em jogo.

Seria necessário considerar que o esquecimento ou a amnésia do cartel é um signo de sua experiência do efêmero?

Isso significa admitir que esse é, por assim dizer, o preço a pagar se nós quisermos “confiar no inconsciente para [nos] recrutar¹¹”, para recrutar os analistas da Escola. O que, claro, não nos dispensa do dever de fundamentá-lo.

Como a experiência da análise, a experiência do passe perdura através do tempo. Graças à manutenção do seu dispositivo.

A escolha de mantê-lo em nossa Escola supõe que, seguindo Lacan, consideramos que o “recrutamento”, em se tratando de psicanalistas, não poderia se fazer segundo as leis de concorrência que regem o funcionamento da “maioria dos grupos humanos.” (O que é talvez ainda mais verdadeiro hoje do que em 73.)

A instauração deste “modo de exame que é o passe” tinha por ambição estabelecer um modo de recrutamento diferente, mais em conformidade com o discurso analítico, permitindo que “alguém que pensa que pode ser psicanalista, [...] que está próximo de se autorizar, ou mesmo se ele já se autorizou [...], de comunicar o que o fez se decidir [...]”. E isso “tendo a visada de isolar o que é do discurso analítico”, sendo, então, um modo de recrutamento diferente dos

⁵ E. Thamer, “Sobre os limites do saber”, *Wunsch*, n.18, junho 2018, p. 5-9.

⁶ J. Lacan, *O seminário, livro 22, RSI*, inédito, 15/04/1975.

⁷ Agnès Metton falava “de um misto de íntima convicção e de elaboração coletiva”, cf. “Passe e *Witz*”, *Wunsch*, n.19, fevereiro de 2019, p. 51-53.

⁸ Cf. J. Lacan, “Proposição de 9 outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros Escritos*, *op. cit.*, p 256.

⁹ Cf. J. Lacan, “Discurso na EFP”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p 282.

¹⁰ Lacan utiliza “Une-bévue”, que seria equívoco, em português, para se referir ao inconsciente, para tanto uso o recurso do equívoco homofônico entre “une-bévue” que seria equívoco em francês e “Unbewusste” que seria inconsciente em alemão.

¹¹ *Ibid.*, p. 287.

predominantes no discurso do mestre e da universidade, não suscitando o recurso ao mestre nem as concupiscências em torno de um saber que se tornou uma mercadoria.

Foi com este objetivo que foi inventado esse dispositivo singular no qual aquele que passa à analista testemunha aos passadores que, por sua vez, transmitem seu testemunho ao júri que terá que decidir sobre nomear, ou não, o passante como Analista da Escola.

O dispositivo do passe toma por modelo, tal qual Lacan o revelará, o chiste, o *Witz*¹². Este, tal qual Freud o mostrou, supõe uma estrutura à três, cujo funcionamento se verifica pelo efeito que produz, ou seja, o riso no auditor que o autentica¹³. Não se trata de detalhes, é claro, Lacan toma como “modelo¹⁴” nada mais que uma formação do inconsciente. Não é à toa que ele alegará nunca ter falado em formação do analista, mas de formação do inconsciente¹⁵!

Abro aqui um parênteses para evocar um ponto do texto de Colette Soler publicado no último *Wunsch*, que diz respeito ao que ela chama “Um-dizer performativo” que marca, sublinha ela, um deslocamento, no ensino de Lacan, ênfase colocada, de início, sobre a verdade dirigida ao real. É isso que está em ação no dispositivo do passe, ou seja, “uma performance de transmissão que, assim como a do chiste, supostamente deveria passar, segundo Lacan, justamente por um efeito produzido sobre o outro¹⁶”, ou seja, sobre os passadores e o cartel.

Este modo de funcionamento foi inventado levando em conta o inconsciente, a estrutura, e está em curso também no cartel, no “quatro mais um” do cartel. Encontramos no cartel a estrutura quadripartite, sempre exigível¹⁷, que Lacan já tinha isolado quando propôs o cartel para sua Escola e a manteve durante todo o seu ensino – desde os esquemas L e R, passando pelos discursos, até os nós.

A estrutura do cartel, com a condição de permutação a ele associada, impõe um funcionamento diferente daquele do grupo. Lacan apontou a esse respeito que a estrutura do grupo, identificada por Freud a partir do exemplo oferecido pela Igreja e pelo Exército, inclui a função do sujeito suposto saber¹⁸ – é isso que o funcionamento do cartel deve permitir, de alguma maneira, causar um curto-circuito pela colocação em prática de um desejo de saber.

No entanto, nossos cartéis do passe introduzem o funcionamento deste dispositivo no outro, o do passe. Como vocês sabem, trata-se de uma novidade com relação à composição do júri que existia quando Lacan estava vivo, uma novidade que data da ECF e que nós guardamos, assim como outros grupos analíticos. Podemos dizer que o nosso dispositivo do passe não tem um “júri”, ele tem “cartéis do passe” que desempenham essa função.

¹² *Ibid.*, p 265.

¹³ Ver S. Freud, *O chiste na sua relação com o inconsciente* (1905), “Os motivos do chiste – chiste como processo social”. Freud explica que “O chiste, enquanto jogo de palavras e pensamentos [...] necessita de um terceiro ao qual possa ser comunicado seu sucesso [...] pode-se descrevê-lo como um processo psíquico entre três pessoas [...]” E cita Shakespeare para enfatizar a importância da terceira pessoa : “A fortuna de um gracejo reside no ouvido, De quem o escuta, nunca na língua, De quem o faz...” in : *Edição Standard das Obras Completas Brasileiras de Sigmund Freud*, vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 168.

¹⁴ É o termo que ele emprega. Ele critica em seguida esta “metáfora usada para o que se chama o acesso ao real”. Cf. “L’insu que sait...”, 16/11/1976.

¹⁵ Cf. note 2.

¹⁶ C. Soler, “O que não se garante”, *Wunsch*, n.19, fevereiro 2019, p. 43.

¹⁷ Cf. J. Lacan, “Kant com Sade” (1963), *Escritos*, Paris, Zahar, 1966, p. 785: “Uma estrutura quadripartite, desde o inconsciente, é sempre exigível na construção de uma ordenação subjetiva”.

¹⁸ Ver “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 262.

A pertinência dessa inovação não havia me ocorrido antes. Parece-me que ela é coerente com o que tentei destacar anteriormente, ou seja, a insistência com que Lacan volta à questão das modalidades de funcionamento, sua preocupação permanente em encontrar modalidades adequadas à experiência do inconsciente¹⁹.

Lembremos, a esse respeito, de sua observação na época da dissolução em 1980: “Não espero nada das pessoas e algo do funcionamento²⁰”. A frase soa além do momento específico que a motiva. As pessoas, como Lacan tinha podido formular em seu seminário, não são os sujeitos, isso começa onde o gozo entra em jogo, isso se situa no nível do sintoma²¹.

Eu diria que colocar cartéis no dispositivo do passe, fazendo função de júri, incluindo, no passe, esse “quatro mais um” que leva em consideração o real do número²², contribui para tornar possível um funcionamento além das pessoas, como Lacan o fez ao inventar primeiro o cartel e, depois, o dispositivo do passe.

“Acreditar no inconsciente para se recrutar” necessita, concludo, passar pelo real que se incarna nestes dispositivos.

Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

O TEMPO EM AÇÃO NO DISPOSITIVO DO PASSE

Bernard Nominé
Pau, França

O tempo subjetivo está longe de fluir com a regularidade dos nossos relógios. Ele se dilata nos momentos de espera, ele gagueja nas repetições, ele se precipita no acontecimento. Nós encontramos, evidentemente, essas turbulências do tempo em uma análise, onde esses tormentos se escrevem sobre a forma de momentos cruciais.

Até agora nós temos estudado pouco esse conceito de momento crucial que é, todavia, um termo interessante que evoca o cruzamento, quer dizer, o elemento de base da escrita de um nó. Se o passante pode transmitir, em tão pouco tempo, o que se passou em sua análise, é porque não se trata de narrar a história, mas de apreender alguma coisa desses momentos cruciais.

A lógica do percurso analítico se escreve com RSI e não com o relato. Para localizar a lógica desse percurso, o passador não deve se deixar levar pelo sentido da história, mas, sim, estar

¹⁹ Não apenas na Escola que ele fundou, mas na psicanálise propriamente dita, pois em toda comunidade analítica a dita formação depende da questão do recrutamento.

²⁰ J. Lacan, *Seminário du 15 janvier 1980*, publicado no jornal *Le Monde* de 26/01/80.

²¹ Cf. J. Lacan, *O seminário, livro 16, De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 317-318.

²² Por que confiar no número? Por que esse recurso a matemática? Lacan explica-se sobre isso no congresso da Escola da Causa freudiana realizado na Grande Motte, em Montpellier: para as relações entre esse inconsciente, na medida em que testemunha um real tão inacessível, entre esse inconsciente, e a realidade que alcançamos, a do número, é algo que requer para nós toda essa revisão, essa revisão da lógica em função da lógica matemática”. Intervenção publicada em *Lettres de l'École freudienne*, 1975, nº15, p. 69-80. Pouco depois, desde 1974, a lógica irá se tornar a “ciência do real”.

presente e receptivo ao dizer do passante e ao seu compasso. Eu falo do dizer porque é isso que faz nó e é isso que pode se transmitir no passe.

Na experiência que eu tenho nos cartéis do passe e dos testemunhos que permitiram, aos diferentes cartéis dos quais participei, nomear um AE, nós temos notado que alguma coisa de determinante se passara no presente, durante o encontro entre o passante e o passador. Nós poderíamos, portanto, falar de momento crucial para o passante, bem como para os passadores no dispositivo. Momento crucial que pode se escandir com lapsos, atos falhos memoráveis do passante, modificando a forma de seu testemunho. Momento crucial para o próprio passador e que poderá encorajá-lo a se engajar, mais tarde, na experiência do passe.

Eu falo do passe como dispositivo. Mas o passe é também um momento lógico na análise. Aliás, podem haver vários. O momento de passe é o momento onde o analisante se vê, de repente, “num piscar de olhos” [*en un éclair*], diferentemente da maneira através da qual ele se via até agora. Para retomar a temática que nos reúne nesse fim de semana, dizemos que ele se vê, de repente, a partir de um ponto de exílio. Esse ponto de exílio implica uma mudança de perspectiva: é frequentemente a consequência de uma interpretação ou de um ato do analista. É um momento crucial, ou seja, um momento onde o nó com o qual o analisante tecia as repetições de sua vida se desfaz para se refazer de outro modo. As significações fixadas que o faziam estar no mundo, sempre do mesmo modo, se dissipam. Aparece outra coisa que revela a enganação do sujeito suposto saber. Mas é necessário tempo para isso, o tempo de esgotar o sentido, o tempo para compreender como funciona o inconsciente.

Ele funciona como a cadeia borromeana, ele enoda o real do gozo com as leis simbólicas da fala e isso tem consequências sobre o imaginário do corpo. Freud dizia que o inconsciente não conhece o tempo. Ele queria dizer com isso que ele ignora a cronologia dos momentos da história de um sujeito. É verdade que ele enoda os momentos da história de cada um à sua maneira, tornando presente os elementos do passado e lhes dando uma significação num futuro anterior. Nós não podemos dizer, então, que o inconsciente não conhece o tempo: ele tem seu próprio tempo, o tempo do dizer onde se enodam os elementos significantes, uns com os outros, para fazer surgir significações surpreendentes.

O tempo do inconsciente é o tempo do sujeito, não é o tempo de sua história. Esse tempo, na análise, é o presente. É mesmo exatamente o “*presente do presente*” tal como falava Santo Agostinho¹. Ou seja, esse objeto evanescente, efêmero, que escapa às redes da gramática dos enunciados que conjugam, em nossas línguas, o tempo no presente, no passado ou no futuro. Esse presente do presente agostiniano tem alguma coisa a ver com a pressa [*bâte*], com “o objeto pressa (*a-t*) [*l’objet bâte (a-t)*]” do qual fala Lacan em “Mais, ainda²”, mas que ele tinha descoberto muito cedo, sob a forma da pressa que caracteriza a relação do ser falante com “o carro do tempo” [*le chariot du temps*] que o esporeia. É na pressa que “a fala se situa, e que não se situa a linguagem que, ela, dispõe do tempo inteiro³”.

No dispositivo do passe, nós não temos todo o tempo. O passante não tem todo o tempo para testemunhar diante dos seus passadores. Os passadores não têm todo o tempo para transmitir o testemunho diante do cartel do passe. E o cartel não tem todo o tempo para decidir.

¹ Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XI.

² Essa formulação é audível na gravação do seminário, realizada por Patrick Valas, mas desapareceu na versão publicada pelas edições Seuil. Ela foi substituída por um neologismo: “a função da pressa, já é esse a minúsculo que a tetizá?”. J. Lacan, *O seminário*, livro 20, *Mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 67.

³ J. Lacan, *O seminário*, livro 2, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p. 363.

Ou seja, o objeto *hâ té* [apressado] está no coração do dispositivo. Ele esteve durante toda a análise. É isso, em todo caso, que a presença do analista deve favorecer. A emergência do inconsciente está ligada ao presente da sessão. A sessão sendo, em geral, bastante curta, ele é escutado na pressa e provoca a surpresa.

Esta pressa, Lacan estudou sua função lógica no seu sofisma concernente aos três prisioneiros que devem descobrir a cor de um disco que eles trazem em suas costas para poder sair da prisão.

A função do tempo é essencial nesta lógica coletiva. Existem tempos compartilhados: o de ver, o de compreender, se admitirmos que eles têm todos as mesmas faculdades de compreensão. Mas o tempo para concluir os separa porque ele é marcado pela pressa. Esse problema do tempo lógico no sofisma dos três prisioneiros se adapta muito bem ao dispositivo do passe. Adivinhar a cor que portarmos sem saber é o que podemos esperar de uma análise. Nós precisamos da ajuda dos outros para isso. De um analista num primeiro tempo, e para quem quiser testemunhar no final do processo, o passante precisa dos dois passadores que foram escolhidos porque eles também estão prestes a sair da prisão. Eles estão no mesmo tempo.

Nós observamos, aliás, que isso condiciona o tempo do testemunho. Alguns passantes testemunham muito rapidamente, para outros, é mais longo.

Vem em seguida o tempo do testemunho dos passadores diante do cartel do passe. Aqui, mais uma vez, o tempo é contado. Os passadores gostariam de poder dizer tudo, de não esquecer nada, de não falsificar nada. O cartel só se reúne de tempos em tempos. Seus membros têm que fazer, algumas vezes, longas viagens, os passadores também. Assim, é preciso dispor de tempo, mas este é contado, o trabalho, portanto, se faz na pressa.

Depois vem o momento de concluir para os membros do cartel que escutaram duas versões, algumas vezes diferentes, do testemunho do passante. Aqui, ainda, nós poderíamos evocar o problema dos três prisioneiros. Aqui, eles são cinco, mas a lógica coletiva é a mesma. A conclusão de uns está na dependência da conclusão dos outros. O que conta, é que a lógica só se constrói passo a passo, de uma maneira coletiva, graças a certos pontos cruciais que alguns notaram e com os quais os outros vão poder perceber a estrutura lógica da experiência analítica que lhes relataram. Nos bons casos, a coisa se torna imediatamente evidente para todo mundo, e nos dizemos: “É isso!”. A resposta não tarda. Alguma coisa foi captada nas malhas dos dizeres do passante e de seus passadores. É na pressa que o cartel se exprime. Se ele precisar de mais tempo para compreender, isto muitas vezes é sinal de que não é isso.

Nos casos onde a resposta é favorável, isso quer dizer que alguma coisa se transmitiu do percurso analítico do passante sem ser alterado pelas ingerências dos diferentes egos que participam do dispositivo. Alguma coisa que indica a emergência do desejo do analista.

O desejo do analista é o que permite àquele que ocupa/esta função, estar presente lá onde é preciso, quando é preciso. A qualidade dessa presença deve poder ser localizada em todos os níveis no dispositivo do passe. Ao nível do passante, cuja presença deve poder se perceber mesmo que, paradoxalmente, ele esteja por definição ausente do dispositivo quando o cartel está trabalhando. Ao nível dos passadores, cuja qualidade da presença é essencial no momento de receber o testemunho do passante, assim como no momento da transmissão ao cartel. Ao nível de cada membro do cartel que deve, enfim, estar nesse momento particular de presença para poder recolher a lógica deste nó do tempo que caracteriza a subjetividade do passante.

Último ponto que eu lhes proponho, o da singularidade do momento onde o candidato decide se apresentar ao passe. Este momento não coincide com o fim da análise. A maioria demanda fazer o passe quando a análise já está concluída, muitas vezes concluída há muito tempo. O que os faz decidir que é o momento de testemunhar? Eu tenho a ideia de que isso tem a ver com a temporalidade particular do sujeito que caracteriza, sem dúvida, seu modo de ser no mundo.

Por isso que não serve para nada que a Escola pressione os colegas a se apresentarem ao passe, assim como não deve pressionar os AMEs a designar passadores. Tudo o que é feito nesse sentido não respeita o tempo de cada sujeito, seu objeto apressado [*hâte*] – *a-t* – que o separa do tempo do Outro.

Cabe aos efêmeros cartéis do passe recolher a emergência e a lógica desse instante precioso.

Tradução: Elynes Barros Lima

O PASSE, UMA MARCA A ENCONTRAR?

Patrick Barillot
Paris, França

Uma psicanálise que visa formar um analista deve tocar o real. Mas essa realidade é plural.

Hoje em dia, uma forma de real é favorecida por nossa escola. Muitos dos testemunhos de passe enfatizam um real, o da letra do sintoma, antecipando o que os cartéis esperariam ouvir. Efeito da doxa da nossa escola certamente. Essa busca pelo Um, que representa o ser, que o identifica em seu gozo, é um esforço louvável, mas com um resultado incerto e hipotético. De fato, o “Um encarnado na lálingua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento”, como diz Lacan em *Mais ainda*¹. Todo o pensamento de encarnar o Um, provoca vertigem.

Indecisão, portanto, quanto ao Um da identidade que a análise pode fazer emergir, mas sem certeza. Além disso, essa emergência é uma questão de elucubração, como qualquer passagem de lálingua à linguagem. E, finalmente, esse Um do sintoma que o discurso analítico² pode vir a tocar deve explicar-se mais no fim da análise do que no momento de passe propriamente dito.

Portanto, pode ser arriscado se focar sobre esse real nos testemunhos, enquanto que o que se explora no passe é mais a mudança na relação do analisante com o sujeito suposto saber. Uma mudança que implica uma mutação das relações do sujeito com um real mais segura do que aquela da letra do sintoma.

Lacan nos dá indicações sobre esse ponto. Já em “L’étourdit”, ele nos diz que o passe garante ao analisante um saber sobre o impossível em suas três dimensões que se desdobram em sexo, sentido e significação. A partir disso, ele saberá se fazer uma condução precisa.

¹ J. Lacan. *O seminário, livro 20, Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 154. [No original: J. Lacan, *Le Séminaire*, livre XX, *Encore*, Paris, Seuil, 1975, p. 131].

² “O discurso analítico é um dispositivo cujo real toca o real”. J. Lacan, “... ou pior” (relatório do seminário de 1971-1972), *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. p. 545. [No original: Le discours analytique est “un dispositif dont le réel touche au réel”, J. Lacan, “...ou pire” (Compte rendu du séminaire 1971-1972), *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 548].

Não é uma maneira de sugerir que o saber do psicanalista sobre o impossível produz modificações no curso de sua existência, nos atos que ele realiza em sua vida que também nos dizem o quanto se elabora em uma análise?

A outra indicação que me interessa hoje está na “Nota italiana”, posterior a “L’*étourdit*”.

O passe aí é definido como o levantamento de um “Eu não quero saber nada disso”, ou seja, o levantamento de seu horror ao saber. Deste levantamento, abre-se para o analisante, a passagem de seu “não quero saber nada” para um desejo de saber.

Novo desejo, inédito na ordem da humanidade, é a tese lacaniana. De fato, antes do surgimento da psicanálise, ele não existia porque, esse saber, a humanidade não o desejava e ainda não o deseja. Que esse novo desejo chegue, o analisante se faz rebotalho da humanidade [*rebut de l’humanité*]. Se fazer rebotalho não deve ser tomado no sentido de se fazer desprezível, do que há de mais vil, mas mais no sentido do sem valor, de estar afastado. Se ele se faz rebotalho, é por estar destacado do um de todos, concernido na causa de seu próprio horror ao saber.

E vem essa indicação preciosa para o passe desde este lugar, o analista, por alguma faceta de suas aventuras, deve trazer a marca³. Marca que os membros do cartel de passe devem saber encontrar.

Esse lugar de rebotalho, por se distinguir das aspirações da humanidade, só é possível ao analista pela efetividade do discurso analítico, no sentido de que ele é o único a colocar a função fálica no seu lugar.

De fato, essa função proposicional, os outros discursos a recalcam. Ela é recalçada porque o gozo fálico é impróprio à relação sexual. Se ele conviesse, não o recalcaríamos. Como ele não convém, fala-se de outras coisas, de beleza, de verdade, de amor idealizado em sua completude, todas as coisas que tornam possível satisfazer-se de outra maneira. Todos os discursos, com exceção do discurso analítico, excluem o impossível da relação sexual. Esse efeito, relacionado à estrutura da linguagem, os discursos aí suplementam por um laço social que lhe é próprio.

A função fálica, colocada em seu lugar, a análise cessa de não escrevê-la. Ao contrário dos outros discursos que não a escrevem para ser recalçada. Esta função escreve Um. Um do gozo castrado que objeta a fazer dois, o dois do casal. O que uma análise levada ao seu termo revela ao analisante.

Saber ser rebotalho, decerto, mas não um qualquer. Destacar-se, distinguir-se da humanidade por ter identificado a causa de seu horror ao saber anda de mãos dadas com a percepção de que a humanidade está banhada pelo feliz acaso⁴ [*bon heur*], apesar do clamor que a anima. Esse clamor é uma demanda. Demanda de mudança disso que causa o seu infortúnio, em primeiro lugar o gozo do Um que programa a solidão e depois a castração que os discursos atuais falham em proporcionar. A insatisfação sempre estará presente, quaisquer que sejam os objetos disponibilizados como mais-de-gozar e o aumento do poder de compra também não a compensará.

³ “Digo-o desde já: essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe aos congêneres ‘saber’ encontrá-la”. J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 313. [“Je dis déjà: c’est là la condition dont par quelque côté de ses aventures, l’analyste doit la marque porter. À ses congénères de ‘savoir’ la trouver”. J. Lacan, “Note italienne” [*Lettre aux Italiens*], *Autres écrits, op. cit.*, p. 308].

⁴ “Se o analista se criva do rebotalho de que falei, é por ter um vislumbre de que a humanidade se situa pelo feliz-acaso [*bon-heur*] (é onde ela está banhada: para ela, só existe o feliz-acaso) [...]” *Ibid.*, p. 313. [“L’analyste, s’il se vanne du rebut que j’ai dit, c’est bien d’avoir un aperçu de ce que l’humanité se situe du bon heur (c’est où elle baigne: pour elle n’y a que bon heur) [...]” *Ibid.*, p. 309].

Então, as aventuras do sujeito? Pensamos imediatamente na aventura analítica, mas é isso mesmo? Obviamente, que ela deve portar a marca, mas é precisamente o que estamos encarregados de identificar nos cartéis do passe. Portanto, isso não ajuda especialmente o cartel e duplica a questão. Portanto, trata-se de aventuras no plural. Não são essas aventuras as que tramam a vida do falasser, as que o ordenam e das quais uma frase pode vir a dar conta?

O que há de melhor do que as aventuras românticas para testemunhar esta marca? A marca do saber adquirido, do qual, segundo “L’étourdit”, o analisante saberá como se conduzir no registro de sua relação com o sexo.

Mas o que essas aventuras devem ter como marca não é o que elas devem à análise terapêutica, de seu sucesso, pois, como escreve Lacan, se isso é fruto da análise, não há mais a fazer do que devolver o sujeito aos seus queridos estudos⁵.

Eles devem portar a marca do saber adquirido relacionado à estrutura e desse novo desejo de saber.

A marca desse novo desejo de saber pode ser dividida em:

- Marca da castração da qual o analisante no fim deve se fazer submetido.
- Marca de um sujeito seguro de um saber sobre o impossível de dizer o objeto, furo no saber.

Mas isso é tudo?

Não devemos esquecer que esta carta aos italianos ocorre no momento de sua nova definição de inconsciente como saber sem sujeito, inconsciente real. As marcas precedentes fazem parte do real do simbólico como impossível e não do real do inconsciente.

Lacan nos diz nesta carta que existe saber no real, que o cientista precisa alojar. E que o analista aloja um outro saber, que deve levar em conta esse saber no real.

Esse saber, o cientista o escreve com letras minúsculas. O analista aloja um saber sobre o inconsciente real.

Ser o rebotalho é também a queda dos amores com a verdade⁶, o fim da miragem da verdade que implica o vislumbre de um saber impenetrável, de um saber sem sujeito.

Uma maneira de dizer que é necessário romper com os impasses que habitam na busca pelo saber, deixar a decifração sem fim, visando as falhas do saber.

Soma-se a isso o vislumbre de um saber próprio ao inconsciente real, opaco, que trabalha para o gozo com o que implica como consequência da impossível completude subjetiva⁷ e também do incalculável destino que nosso inconsciente nos faz.

⁵ “Isso serve de esteio às realizações mais eficazes, bem como às realidades mais cativantes. Se isso é fruto da análise, devolvam o referido sujeito a seus diletos estudos”. *Ibid.*, p. 314. [“Ça fait support aux réalisations les plus effectives, et aussi bien aux réalités les plus attachantes. Si c’est le fruit de l’analyse, renvoyez le dit sujet à ses chères études”. *Ibid.*, p. 310].

⁶ “Haja o que houver com o que a ciência deve à estrutura histórica, o romance de Freud são os amores com a verdade. Ou seja, o modelo do qual o analista, quando existe, representa a queda, o rebotalho, disse eu mas não qualquer um”. *Ibid.*, p. 313. [“Quoiqu’il en soit de ce que la science doit à la structure hystérique, le roman de Freud, ce sont ses amours avec la vérité. Soit le modèle dont l’analyste, s’il y en a un, représente la chute, le rebut ai-je dit, mais pas n’importe lequel”. *Ibid.*, p. 309].

⁷ “Existe saber no real. Ainda que, este, não seja o analista que tem de alojá-lo, mas sim o cientista. O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve leva rem conta o saber no real”. *Ibid.*, p. 312 [“Il y a du savoir dans le réel. Quoique celui-là, ce ne soit pas l’analyste, mais le scientifique qui a à le loger. L’analyste loge un autre savoir, à une autre place mais qui du savoir dans le réel doit tenir compte”. *Ibid.*, 308].

O passe, com o fim do amor de transferência, assegura a redução do analista a seu semblante de objeto *a* como função causal e também da percepção da falha do sujeito suposto saber. O passe abre a via para um amor diferente, mais digno, disso que aí se revela, o gozo Um que um desejo sustenta na visada de um-a-mais de gozar. Como a transferência, o amor é demanda de algo. Sempre narcisista, ele opera a substituição do parceiro pelo objeto de seu fantasma como solução para a não-relação.

O analista não escapa do amor, mesmo que nem todos tenham a mesma inclinação a serem satisfeitos.

Ele pode ter notado que o que o guia é a busca de seu mais de gozar que o fantasma veste de imaginário, ele não está vacinado, no entanto.

Com a resolução transferencial, de uma transferência para obter algo, a análise pode produzir um amor que não demanda, sabendo-se portador de um desejo que sustenta seu objeto.

As aventuras românticas carregam a marca desses diferentes saberes que o cartel do passe deve saber encontrar. Para encontrá-lo, supõe-se que é preciso procurar localizá-lo e, assim, ter ideia de que existe.

Tradução: Miriam Pinho

CARTEL DO PASSE: TRABALHO DE DOCTRINA OU ORIENTAÇÃO TEÓRICA?

Carme Dueñas
Barcelona, Espanha

No período anterior, 2016-2018, tive a sorte de ser eleita para fazer parte do CIG. Do trabalho realizado, tanto nos Cartéis do Passe como no Cartel permanente que realizamos, pude extrair algumas reflexões e, seguramente, mais perguntas que respostas.

Estar em uma instância internacional como o CIG implica um trabalho que deve ser compartilhado, não somente entre os membros que o compõem, mas também com a comunidade. Um dever que surge do desejo e de uma posição ética de reverter para a Escola o produto que se logrou obter da experiência.

Lacan, em sua Proposição de 9 de outubro de 1967, assinala que a experiência no Cartel do Passe deve se comunicar “primeiro à Escola, para as críticas”, e que “o júri em funcionamento, portanto, não pode abster-se de um trabalho de doutrina, para além de seu funcionamento como selecionador.”¹ Contudo, o que entendemos por trabalho de doutrina? E como fazer com que esse trabalho não venha a ser uma orientação teórica, uma *doxa* dogmática?

Em muitas ocasiões, temos falado de como a *doxa* que circula na Escola em uma determinada época pode contaminar, não somente os testemunhos do passe, mas também o que o Cartel espera escutar para poder concluir se houve Analista ou não. É uma questão que aparece em diferentes contribuições de colegas que fizeram parte do Cartel do Passe.

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 261.

Em minha experiência no Cartel do Passe, encontrei-me com a surpresa de que, em vários dos passes que escutei, a análise havia terminado fazia tempo, anos inclusive, antes da demanda de Passe, e ainda que saibamos que o tempo do inconsciente não é o tempo cronológico, e que a decisão de se apresentar ao passe é uma decisão íntima que frequentemente “se impõe” como uma necessidade ao passante, uma pergunta me surgiu: por que na maioria dos casos essa decisão não se dá no momento do passe clínico, já que é isso o que Lacan esperava encontrar no passe?

Que houve passe clínico, quando houve, pode-se escutar nos testemunhos dos passadores, no que o passante pôde extrair de sua análise, na virada que se deu em sua escuta e em sua autorização como analista, um tempo antes de terminar sua análise. Porém, na maioria dos casos, não foi nesse momento que surgiu o desejo de testemunhar, mas em um tempo posterior, quando a transferência ao SsS se havia dado por liquidada e a análise tinha terminado, em alguns casos, havia muito tempo.

Sabemos que, em uma análise, a queda da transferência não supõe de imediato o final da análise. A destituição subjetiva implica um tempo de desassossego e um tempo de luto, “a paz não vem selar prontamente essa metamorfose em que o parceiro se esvaece, por já não ser mais do que o saber vão de um ser que se furta”², disse Lacan.

Esse tempo de luto, como todos os lutos, implica uma retirada libidinal dos objetos do mundo e um trabalho para destacar a libido do objeto causa que até esse momento havia sido o analista. Isso impediria que surja no sujeito o desejo de testemunhar justamente quando está atravessando esse luto? Creio que é possível, mas há também outros fatores em jogo.

Sobre a diferença entre o momento do passe e o final da análise, temos muitos textos publicados em *Wunsch*. A maioria se pergunta se é a *doxa* que circula na Escola o que condiciona que a decisão de se apresentar ao passe esteja intimamente ligada ao final de análise. Colocamos demasiada ênfase nos textos de Lacan que falam do final de análise, dos diferentes “afetos do final”? Isso segue condicionando, doze anos mais tarde, “O Passe, penso nisso, mas...”³, título de uma Jornada Europeia sobre o passe que se realizou em Paris, em 2007?

Como disse Luis Izcovich, em *Wunsch 11*: “[...] ao se isolar as formulações do último Lacan, e ao considerá-las como ponto único de orientação na teoria, consolida-se uma *doxa* que não é sem consequências para o testemunho dos passantes, para a elaboração dos passadores e que condiciona mesmo a escuta dos cartéis. Iríamos tão longe ao ponto de dizer que isso condiciona as nomeações? É impossível de generalizar, mas é um fato que a *doxa* infiltra insidiosamente a ideia que uma comunidade de escola se faz de um AE”⁴.

De minha experiência nos Cartéis do passe, pude experimentar que houve alguns passes nos quais, ao finalizar o testemunho dos passadores, todos os membros que fazíamos parte desse Cartel tivemos a íntima convicção de concluir com uma Nomeação. É um juízo íntimo que somente a posteriori se racionaliza, mas certamente isso não exclui que, nesse juízo íntimo, a *doxa* circulante tenha um peso.

Talvez não haja muitas respostas à pergunta pela relação entre a *doxa* e o passe, já que, como disse Colette Soler no último Encontro de Escola em Barcelona:

“No passe [...] não se sanciona nenhuma competência, mas uma performance [...] uma performance de transmissão. Pode-se discutir o que deve se transmitir [...], mas o que é certo é

² *Ibid.*, p.260.

³ N. T.: Conforme *Wunsch 7*.

⁴ Izcovich, L. “A *doxa* e a comunidade de Escola”, *Wunsch*, Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, nº 11, outubro de 2011, p.49.

que se trata de uma performance de transmissão que, assim como a do chiste, supostamente deveria passar, segundo Lacan, justamente por um efeito produzido sobre o outro, em primeiro lugar sobre a placa sensível dos passadores que fazem passar o efeito [*effet*] – o *effect* recebido. Então, uma vez mais, é inútil perguntar aos cartéis suas razões [*raisons raisonnantes*]⁵.

Não me estenderei mais nesse tema, do qual sem dúvida seguiremos falando, e para o qual ademais não tenho muito mais o que acrescentar ao que já se disse até o momento, mas gostaria de me centrar na pergunta que dá título ao meu trabalho. Como conseguir fazer um trabalho de doutrina que não implique uma orientação teórica? Como transmitir algo que não faça barreira ao saber, que não obture a hiância necessária para deixar-se surpreender?

Lacan fala da boa posição do analista com respeito ao saber, que não é “se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do que ele tem de saber”, que é um saber “em reserva” onde “o não sabido ordena-se como o quadro do saber”⁶. Essa posição é também a que possibilita escutar sem esperar ouvir algo específico, e deixar-se surpreender quando surge algo inesperado, tanto na clínica quanto nos testemunhos do passe.

Entretanto, no momento de comunicar esses achados à Escola, desde que posição se faz a transmissão? A do ensinante fica descartada, já que não se trata de transmitir nenhum significante mestre para fazer uma “verdade” do transmitido. A do analista tampouco, já que não se trata de situar-se no lugar do SsS, não se trata de analisar o que teria sido a análise do passante. Resta, então, a posição analisante.

Em 1970, na “Conferência pronunciada no encerramento do Congresso da Escola Freudiana de Paris”, que se intitula “Alocução sobre o ensino”, lemos, “[...] ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição psicanalisante, isto é, a não produzir nada que se possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma”⁷.

Da forma como o entendo, a transmissão da psicanálise implica, pois, produzir algo a título de sintoma, ou seja, seria uma produção particular, no sentido de que levará o traço daquele que faz a transmissão, e também no sentido de que o transmitido de um passe não pode ser coletivizável. Mas o sintoma, ademais, implica a transferência.

Em uma análise, trata-se de “esclarecer” o sintoma, de encontrar o real que o funda e assim poder fazer algo diferente com o gozo que o acompanha, para obter uma identidade própria, e um novo saber fazer. A marca que encontramos no passe está do lado do real, e por isso é tão difícil que seja transmissível, mais além de verificá-lo.

Assim, pois, podemos dizer que um trabalho de doutrina implicaria, para os membros do Cartel, situar-se em posição de fazer um trabalho analisante, para extrair, da experiência, o que lhe tocou a cada um, o que se pôde escutar de novidade, e isso sustentado no ponto de real e do que pôde verificar da “verdade mentirosa” à qual cada um chegou em sua própria análise.

Mais do que um saber, tratar-se-ia de transmitir o que cada um captou, no passe, de uma invenção alcançada, com a condição de não fazer disso algo generalizável, já que em uma análise justamente se trata de encontrar a resposta singular. Uma transmissão impulsionada por um desejo articulado à transferência à Escola, ou ao psicanalista mesmo, pois como disse Lacan em seu *Ato de Fundação*, “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”⁸.

⁵ C. Soler, “O que não se garante”, *Wunsch*, Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n° 19, fevereiro de 2019, p. 43.

⁶ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 254.

⁷ J. Lacan, “Alocução sobre o ensino”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p.310.

⁸ J. Lacan, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 242.

Uma transferência de trabalho que se vincula à Escola, nos cartéis, nos Seminários de Escola locais e nos Encontros como este, onde podemos nos escutar e debater entre nós, e onde também o desejo se relança, para prosseguir nesta tarefa “alegre”, mas também “impossível”, que é a do psicanalista.

Tradução: Maria Laura Silvestre

O CARTEL DO PASSE: NORMA, DOXA E SINGULARIDADE

Albert Nguyễn
Bordeaux, França

De minha experiência plural no cartel do passe, eu extraí esse ternário que gostaria de interrogar. Percebi que se, em geral, os testemunhos no procedimento colocam, antes de tudo e essencialmente, a singularidade do percurso e dos resultados obtidos, encontramos, nas publicações da Escola, um deslizamento bastante frequente em direção a uma certa *doxa*, marcada pela repetição de algumas fórmulas que fazem ritornelo e diluem o que, no momento do cartel, produz centelha, originalidade. E esse deslizamento do singular à *doxa* pode, também, se reproduzir da *doxa* à norma.

Esses deslizamentos são a oportunidade para nós nos interrogarmos sobre o que espera o cartel, mas também sobre o que ele transmite e o que se transmite, primeiramente, da experiência analítica e em seguida da própria psicanálise.

O cartel do passe é “à parte”, no entanto participa do que Lacan chamava “a base da Escola”. Ele acolhe e recolhe os caminhos em direção à singularidade e as decisões que toma são submetidas à evolução da *doxa*: às vezes satisfação, às vezes surpresa, às vezes o novo, mas também o dizer que pode “passar” através dos testemunhos dos passadores. O trabalho de elaboração do cartel é crucial por suas múltiplas abordagens: articulação lógica do testemunho, relação com a *doxa*, relação com o ensino de Lacan e de alguns outros, relação com a análise e com a Escola.

Observo uma dificuldade para o cartel: se ele não diz nada, corre o risco de ver seu silêncio criticado porque não fornece nada para a comunidade, não acrescenta nada ao saber analítico. Ao contrário, se ele divulga suas elaborações, existe o risco de “fazer *doxa*”, o risco da identificação e o deslizamento em direção ao que seria a norma. A solução: que o cartel continue a compartilhar as elaborações tiradas de sua prática, mas, em contrapartida, que ele esteja vigilante durante a escuta dos testemunhos e focalizado sobre a solução singular proposta pelo(a) passante, a originalidade da experiência e de sua transmissão. Que ele se dê a chance de escutar o novo: isto só ocorre ao acolher os ditos para, aí, colher o dizer.

Para isso, a escuta do cartel deve ser o máximo possível desembaraçada da *doxa*. Em contrapartida, em sua elaboração, o cartel não pode abstrair-se da *doxa*, pois de todo modo ela está lá. Pode-se observar que ela varia ao longo do tempo, mas nunca está ausente. A *doxa* atual é o real, e me parece oportuno trabalhar sobre o que daí decorre: *lalíngua*, o *sinthoma*, a vida. No entanto, isto não é a norma, mas não é tampouco uma garantia de apreendermos melhor a singularidade.

Para interrogar a *doxa*, apoio-me na referência de Lacan à *doxa* no seminário “...ou pior”¹, nas duas páginas que dedica a isso em “O aturdido” e no livro de Barbara Cassin intitulado *Jacques le Sophiste*.

Lacan denuncia nessa referência do *Seminário 19* “...ou pior” a virada da *doxa* à norma, ainda que na *doxa* antiga “não haja nenhum traço da palavra norma. Fomos nós que inventamos isso”. E Deus sabe que vivemos em um mundo que fabrica mais e mais normas e regras para frear os desencadeamentos de gozo e a falência do simbólico. A tese de Lacan é que a *doxa* – havia *doxai*² –, é inserida hoje no discurso universitário. No tempo de Platão havia *doxai* em todos os cantos, observa Lacan, e, ademais, verdadeiras. Dito de outro modo, as *doxai* eram saberes dos quais se pode pensar que seus defensores debatiam sem cair na norma.

O livro de Bárbara Cassin traz avanços sobre a questão da *doxa*. Barbara Cassin havia encontrado Lacan para lhe falar de *doxografia*. Ela conta de maneira divertida seu encontro com Lacan que, em 1975, estava em seu período borromeano, mas, na continuidade do relato, ela diz que ele quis encontrá-la porque se perguntava o que fazer com sua Escola, o que ela transmitia, como os dispositivos sucessivos que ele propunha não haviam logrado constituir sua Escola segundo o modelo antigo, ao ponto de que ele virá a dissolvê-la. Podemos fazer a hipótese de uma disjunção, de um hiato entre isso a que ele foi conduzido pela experiência da análise (o objeto *a*, o real, a letra, *lalíngua*) e a tradução institucional da doutrina.

Os filósofos da Antiguidade se apaixonavam pela verdade e pela questão do ser, mas é preciso dizer que, com a entrada do discurso da ciência e o nascimento da análise, o que é posto em relevo é mais a questão da transmissão do saber, transformada pela centralidade do real.

Em “O aturdido”, Lacan associa a *doxa* ao dizer e à *fixação* outra do real³.

O problema é o que nós entendemos por real, a definição não sendo unívoca. Ela abarca, em todo caso, a definição do sentido como enigma, e a minoração da verdade, o ser se situando a partir da fala. Nesse mesmo capítulo de ...ou pior, Lacan dá uma definição do inconsciente como esse saber: “Assim é o inconsciente. Esse saber – é o que assumo –, eu o defino, traço novo na emergência, por só poder postular-se a partir do gozo do sujeito⁴”.

Meu título diz que o cartel tem de lidar com os discursos e, mais fundamentalmente, com o discurso analítico. Eu direi duas coisas sobre os discursos: Não há discurso que não seja do semblante, inclusive o discurso analítico; e que todo discurso é laço social, mas, ao mesmo tempo, segregativo. Desde que se fala, se supõe o Outro e, no fundo, a questão é sempre a da segregação, da exclusão, do bode expiatório; e o capitalismo não corrige isso.

Não há preeminência do discurso analítico (DA) sobre os outros, mas foi a partir desse laço social novo que Lacan articula os quatro discursos, seus quatro lugares fixos e seu giro. Falar de laço social quer dizer, então, que cada um deles comporta sua parte de segregação. Não há discurso que não seja segregativo... Ou pior ainda.

Não há, portanto, o Um do discurso, assim como não há o Um da relação sexual, mas *Há Um*, que é sem dúvida a via graças à qual Lacan indica uma saída possível da segregação.

Inicialmente, ele mostra no “Discurso na EFP” que o semblante analítico difere dos outros semblantes⁵: semblante impudente que faz tremer os outros semblantes.

¹ J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 70.

² N.T.: *doxai*: plural de *doxa* em grego.

³ J. Lacan, “O Aturdido”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 484.

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior, op. cit.*, p. 77.

⁵ J. Lacan, “Discurso à EFP”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 287.

Em seguida, se tomamos a série dos seminários “...ou pior”, “Mais; ainda” e “Os não-tolos vagueiam”, percebemos que Lacan faz do saber a questão central: saber inconsciente, saber sem sujeito, desarmônico e inapreensível, saber irritante [*emmerdant*], termina por dizer.

Para colocar em questão o segregativo, é preciso levar em consideração o que resulta do manejo do semblante analítico, a saber, o desejo do analista. Eu faço aqui a hipótese, de que é a consequência da queda do semblante de *a* e do encontro com a não-relação [sexual] que, no lugar da impossibilidade, se inscreve a relação entre o saber e o desejo do analista. Esse desejo não é mais articulável do que qualquer desejo, mas em relação com esse saber inconsciente, saber sem sujeito, é a relação que diz: “tomar o desejo à letra” enquanto ela é função de gozo, certamente irreduzível, mas escrita.

Tocar esse ponto coloca em valor a singularidade e permite refletir sobre uma resposta concernente à comunidade dos dispersos díspares. Digamos que eles fazem borda que delinham o real da Escola. Lacan nos recordando que esse real produz *seu próprio desconhecimento* até sua *negação sistemática*, é ao cavar sem cessar, até destapar esse furo, que o desejo do analista pode despertar: o analista é vigíl e também desperta.

O saber do analista é a “materialidade da palavra” [*motérialité*], e a relação ao desejo do analista é a relação dessa “*motérialité*” com a “variedade”: sair da verdade mentirosa leva à variedade.

No fundo, a Escola do passe, Escola dos usos de *lalíngua*, é a Escola da variedade. A experiência que eu tive dos cartéis do passe me levam a dizer que a *motérialité* implica uma Escola da variedade. É um contraponto chistoso e leve ao que me parece sempre uma ameaça, a saber, uma *doxa* de Escola que se transforme em uma norma. A Escola é, então, o lugar onde as singularidades podem fazer série sem que elas sejam absorvidas pela instituição: é a Escola do *Há Um*, ela se inscreve em contraposição à Escola do Um (que nós abandonamos), uma Escola que trata a heresia de uma boa maneira (*Seminário 23*): trata-se de RSI anodados ao *sinthoma*.

Conclusão:

Eu parti de três termos, norma, *doxa* e singularidade. Em definitivo, eu penso que é preciso acrescentar dois termos que orientam essa articulação: semblante e saber, semblante referente ao discurso e saber referente ao inconsciente, ao saber sem sujeito; esses cinco fazem o cartel! Brincadeiras à parte, convém enfatizar o discurso e, em particular, o discurso analítico que visa o gozo e o real sobre o qual é preciso também se interrogar para que ele não se torne, por sua vez, ritornelo ou S1.

Tradução: Elisabeth da Rocha Miranda

TRAVESSIA DE ANÁLISE... FRAGMENTOS DE PASSE

Sophie Rolland-Manas
AE, Narbonne, França

Desde o início da função de AE, há alguns meses, prossegue o caminho da transmissão do passe. De um espaço a outro, o entusiasmo está presente em cada encontro.

Hoje, aqui em Paris, durante esses três dias, o momento é matizado, para mim, de uma emoção particular, a de encontrar, neste mesmo lugar, as duas línguas que traçaram o curso da vida e da análise. Também gostaria de agradecer muito aos membros do CIG por me convidarem para esta Jornada de Escola da Convenção Europeia, para trazer meu testemunho. E vocês já se deram conta que estou feliz em dividir esse momento de trabalho e de intercâmbio com Camila Vidal.

Nos dias que se seguiram à nomeação, surgiu a seguinte questão: por que parte abordá-la para que uma transmissão seja possível? “A psicanálise é intransmissível”, diz Lacan em 1978. Trata-se, antes, de “re-inventá-la a partir do que cada psicanalista conseguiu apreender do fato de ter sido psicanalisante, por um tempo”¹.

É nessa perspectiva que proponho extrair, da travessia singular de uma psicanálise, alguns fragmentos de saber, alguns lampejos, *rayo* ou *centella*, como se diz em espanhol, que conduziram até o final.

Nestes lampejos, com a poesia participando, começemos a leitura desse caminho com um poema de Roberto Juarroz:

*Desdoblar un papel,
alisarlo con esmero
y ensayar luego su lectura.
No importa que no tenga nada escrito:
es justamente esa lectura
la que debemos ensayar.
Podemos, eso sí, preguntarnos
por qué estaba entonces el papel
tan cuidadosamente doblado².*

O instante de ir lá

Havia pressa em fazer o passe depois do final da análise. Engajar-se nele foi falado como uma *e-vidência* na última sessão... No entanto, “dar-o-passo” [*pas-à-faire*³] necessitou algum tempo... Era como uma espera, uma *in-decisão*, um arriscar-se. Eu não sei... Eu não pensava realmente nisso... De fato, foi por não pensar nisso que isso se passou, no acaso de uma contingência.

Quase um ano se passou entre o final da análise e o pedido de passe. Esta ponte entre esses dois momentos confirmará o arriscar-se nele. O passo decisivo é dado depois de assistir ao filme *120*

¹ J. Lacan, “9^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris sur ‘La transmission’ », *Lettres de l’École freudienne*, n. 25, vol. II, 1979, p. 219-220.

² R. Juarroz, *Treizième poésie verticale, Ibériques*, José Corti, 1993, p. 217.

³ N.T.: A expressão “pas-à-faire” comporta um equívoco em francês que repousa sobre o termo *pas* (“passo”/negação): “dar o passo” e “não fazer”.

batimentos por minuto, de Robin Campillo, por uma ressonância ligada à minha história. Um roteiro sobre o engajamento de *Act Up*⁴, nos anos 90, no combate ao desprezo das pessoas com AIDS ou soropositivas. Mas é além do relato do filme que se produz um encontro, sem que o sujeito se desse conta.

Em um lampejo, fico tomada por três letras H.I.V... “*Ab (j)’y vais*” [*Ab (eu) vou aí*⁵]. É no fulgor desse dizer vinculado ao desejo que se escreve o pedido de passe. Instante fugaz do encontro de palavras com o corpo que produz um movimento e opera a inversão de uma escrita que, impregnada de morte, se torna viva. Um momento efêmero que ecoa com a longa travessia da análise que havia conduzido a essa inversão do lado da vida. Era sobre isso que eu podia e desejava testemunhar e, talvez, transmitir algo. Foi assim que, alguns meses depois, o encontro com os dois passadores começou.

O tempo necessário... e suas contingências

Ainda que se trate de vários períodos e de diferentes analistas, o curso da análise se efetua em um único processo para o analisante. Minha análise se deu com dois analistas e em três tempos.

Os dois primeiros segmentos [“*tranches*”] quase se sucederam. Eles remontam à minha vida de jovem adulta e ao meu primeiro encontro com a psicanálise no âmbito profissional, que orientou o fato de dirigir-me a um analista, laciano, e isso por simples contingência, ou seja, uma sorte.

O primeiro segmento é o de um tratamento analítico com, digamos, fins terapêuticos. Esse tratamento pôde desvalorizar o gozo que se expressava em uma dor diante do pensamento da morte, um sintoma de exclusão e uma propensão a ser o objeto do Outro e dos outros.

Ele desfez o nó da fantasia infantil “eu salvei meu pai”, construída a partir de palavras ouvidas na família. Um jovem pai convocado para combater na Argélia e que escapa de uma emboscada mortal graças à licença concedida após o nascimento de sua segunda filha.

É também neste tempo de análise, do encontro com Freud e Lacan, que algo de uma ética “de não ceder sobre seu desejo” se revela e se tece com o que aí é capturado da língua espanhola dos avós maternos. Uma transmissão que enoda o brilho da poesia às trevas da história espanhola, da Guerra Civil à *retirada*, o caminho do exílio dos republicanos espanhóis. Um estranho contraste entre a paisagem luminosa das palavras de Lorca e Machado e o dos sombrios abusos franquistas.

Após esse período, de um trajeto de uma dezena de anos, o desejo de saber não queria parar por aí e a questão da passagem a analista veio à luz. Continuei, então, por mais três anos com o mesmo analista, escavando e fazendo “*tours/trous*” [voltas/buracos] em torno desta questão. O fim desta análise foi causado pela mudança do analista para uma cidade muito distante, deixando, após um efeito de satisfação, uma experiência de abatimento e tristeza por não ter chegado ao fim da análise e, sobretudo, por não ter decidido sua conclusão.

A ideia de retomar uma parte de caminho analítico aparece, então, como uma *e-vidência* e é atualizada após um tempo de suspensão gerado pela perda real do companheiro de vida.

O endereçamento ao segundo psicanalista se fez a um membro da Escola, quando eu acabara de entrar nos Fóruns. A transferência já estava lá, ela tinha começado com uma jornada de trabalho em comum sobre Federico Garcia Lorca.

⁴ N.T.: Associação de luta contra a AIDS.

⁵ N. T.: Em francês, a pronúncia das três letras *HIV* é homófona com a expressão “*Ah (j)’y vais*”: “Ah, eu vou aí”.

Bem decidida a chegar ao fim da análise com esse analista, consente em arriscar-se ao horror de saber. A orientação deste terceiro tempo avançou, portanto, em direção à sua conclusão. Mas, para isso, ainda havia que continuar a volta dos ditos e aí cavar mais e mais a língua para poder chegar. As travessias e *é-preuves* [provações] que estiveram em jogo na análise e no passe se articulam em torno do significante, da língua, da letra e da escrita.

Tristeza, marca do infantil

Confiada por um tempo aos avós maternos, as primeiras palavras se esboçam em espanhol. Essa língua se impregna com o ambiente colorido e libertário do interior e com a gravidade da ditadura que ronda no exterior. O retorno à França junto aos pais e a irmã mais velha, e apesar do ambiente “amoroso”, é vivido com tristeza pela menina. Ela se cala. A fala se apaga e se *re-anima* lá, ao ritmo das idas e voltas rituais. Um entre duas línguas, um entre dois portos. Ela não sabia mais onde estava sua língua.

Redobrada pelo luto e pelo pensamento da morte, esse afeto de tristeza, enterrado desde a infância, faz retorno. Além do afeto, que até gruda na pele, “tristeza” é um significante que atravessa toda a análise.

Na transferência, se desdobram perguntas e solicitações ao analista para tentar se desfazer da falta e da covardia moral ligadas à tristeza. A ideia da morte é forte e se confunde, às vezes, com o desejo. Um combate às vezes silencioso, às vezes devastador, entre ceder ou não ceder sobre seu desejo.

Eu me remetia ao Outro com formulações dirigidas ao analista em torno do saber, até escutar o equívoco: “*J'en – Jean sait rien – c'est rien*” [Eu disse – Jean sabe nada – é nada⁶] e que abre um vislumbre da inconsistência do Outro. Uma vacilação, um arrebatamento, uma provação, mas que relança o desejo.

Advém um dizer do analista: “Não deixar ao Outro o encargo de lá onde você vai”, que interpreta e direciona a análise para o ato de separação por uma série de sequências, das quais dois sonhos fazem a virada que levam à queda do sujeito suposto saber.

O soçobrar da transferência

Eu apareço em um sonho vestida de branco e preto e como em pleno inverno. O analista não está visível, mas presente. Uma Outra mulher, atrás de mim, me incomoda por suas roupas leves, um lenço amarelo nos cabelos. Ela está em um espaço carnavalesco. Afasto-me dela e faço a escolha de ir em direção ao preto e branco, a cor da tristeza. O analista não está mais lá. Há, aí, uma orientação, uma determinação do sujeito em direção ao real, aliás também não muito colorido, e que não se apoia mais no Outro. Um branco e preto que provoca um rasgo na transferência, um vislumbre da falha do sujeito suposto saber. O sonho aponta para um momento de “reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia⁷”. Na sequência dessa “travessia”, há a experiência inesquecível da função de passador, com o encontro de dois passantes. E, depois, a “autorização” da passagem à função de analista.

Antes do processo de fim, o sonho da chave vem, de certo modo, responder ao que está em trabalho naquele momento. “Como deixar este lugar e o analista, como terminar, como decidir

⁶ N.T.: “J'en” é homófono a “Jean”, nome próprio masculino, e “sait”, saber, é homófono a “c'est”, é.

⁷ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 259.

isso?” “O que resta depois?” A transferência está gasta, está de outra maneira, mas e a destituição do sujeito suposto saber?

O analista e a analisante estão em um sofá comprido, cada um em uma extremidade. Ele ativa um controle remoto que projeta fórmulas matemáticas na tela. Ele entrega uma chave, que eu pego, e diz “até daqui a pouco”, precisando, daqui a 10 minutos. Ora, eu tenho que pegar um trem. Surge a questão da escolha entre voltar ao analista ou me direcionar “para lá onde vou”. Encontro-me, sozinha, na plataforma da estação, carregando a chave, preocupada, antes de tudo, que o analista esteja esperando por mim e que ele não possa abrir a porta do seu consultório. E com essa questão: como ele vai fazer sem mim?

No final, a decisão tomada foi a de ficar com a chave, de deixar o analista “cair” diante da porta fechada. Uma decisão que somente o analisante pode tomar.

Além de ter *de-suposto* o saber, que já pode ser lido no sonho do branco e preto, neste se esclarece a operação da destituição do analista, sua colocação como rebotalho.

De agora em diante, é do meu lado que isso se passa. A virada do fim começa a partir deste momento. Uma virada decisiva que faz a passagem do amor de saber ao desejo de saber, da transferência ao analista à transferência à análise. A queda do sujeito suposto saber não assina o final da análise, mas o que o orienta e o precipita. Ainda permanece todo o trabalho de elaboração até o ponto de conclusão.

Decomposição até a letra do sintoma

Momento de passe, atravessamentos, queda do sujeito suposto saber, mas isso não é suficiente. Há, ainda, a questão da tristeza que não cessa de se repetir. Um gozo tão útil quanto molesto.

Voltar aí, ainda e ainda, se torna um momento crucial na análise. No divã isso interroga, isso quer saber essa tristeza. Para reduzi-la, até a depuração.

“*Tristesse*” [tristeza] e se acrescenta um “?” Um ponto de interrogação, mas que ainda faz apelo a um Outro que responda.

“*Tristesse?*” [tristeza?], depois corte da palavra, ato: “*Triste est-ce?*” [¿Triste é? ⁸] “*Est-ce triste?*” [É triste?] Isso muda, isso fica mais leve, mas ainda há sentido.

“*S triste*”, uma afirmação: o ponto de interrogação desaparece, o Outro se desvanece, fica o S.

Uma decomposição até a letra de gozo que nomeia o sujeito real. Uma letra móvel, fora de sentido, uma escrita, que deixa à palavra “triste” o peso do sentido.

“S triste” como traço sinthomático, a orientação que visa o desejo da análise, o “de obter a diferença absoluta⁹.”

S, da “marca do significante sobre o ser vivo de onde o desejo surge”¹⁰.

Enfim, S, este fragmento de real in-tratável.

⁸ N.T.: “Tristesse” é homófono com “Triste est-ce”; “Est-ce triste?” é homófono com “S triste”.

⁹ J. Lacan, *O seminário*, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 260.

¹⁰ J. Lacan, *O seminário*, livro 12, *Problemas cruciais para a psicanálise*, inédito, lição de 5 de maio de 1965.

O mal(e)¹¹ espanhol – Reencontros com lalíngua

A extração da letra, o despreendimento do peso do sentido, a insignificância da tristeza provoca leveza e entusiasmo.

É preciso crer que isso não basta, ainda uma volta, ainda um buraco.

Algumas sessões ainda, e surge um ponto de encontro com o real, algo de estrangeiro, “de êxtimo” e que, contudo, se aloja no mais íntimo do sujeito. Um dizer impactante faz irrupção: “não me molesta mais ser espanhola”. Como pronunciar algo semelhante da língua que anima o sujeito?

E é deste dizer que o assustador, o triste e o mal, são experimentados, no lado espanhol. De também ter estado no carnaval, nas touradas, nos campos, de se reconhecer igualmente na parte sombria e estrangeira. Dizer que o mal(e) espanhol é terrível, é isso, se virar com o in-tratável.

Foi aí, neste momento, que o significante espanhol “estúpida”, escutado na infância, retornou e no qual foi reconhecida a palavra “*toupié*” [pião¹²], apelido dado pelo pai.

Escutar o equívoco, és/tu/pida: “é tua demanda”, mas, desta vez, prescinde dela. Além do sentido, reencontra aí o *S*. Encontrar-se no cruzamento de duas línguas: *S-toupié* como resto dos sulcos das duas línguas, esses poucos aluviões que fazem traços.

Intraduzível e intratável no final da análise e apenas um vislumbre de um ponto de *co-incidência* com lalíngua.

É nesse ponto de encontro com o impossível, esse ponto de ausência, que a análise se termina.

Hoje, a análise está concluída, o passe passou e o caminho da psicanálise continua com o que poderá ser transmitido a partir da função de AE. Também destinada a passar. Permanece o real, o que está sempre aí, o que não se move, e com o qual o psicanalista tem que lidar.

Terminemos, como no início, com um poema de Roberto Juarroz:

*Inesperadamente
llega a veces una música
que palpa nuestra palabra más oculta.
Puede ocurrir entonces
que esa música la saque a la luz
o se quede con ella
en el tenebrario más secreto.
En cualquier caso,
nuestra soledad ha encontrado
la compañía que no abandona*¹³.

Tradução: Elisabete Thamer

¹¹ N.T.: No original “mâl(e)”, que faz equívoco entre “mal” e “mâle”, macho.

¹² N.T.: Em francês, “toupié” se pronuncia “tupi”, sonoridade presente na palavra “estúpida” em espanhol..

¹³ R. Juarroz, *Quatorzième poésie verticale, Ibériques*, José Corti, 1997, p. 222.

OS CARTÉIS NA ESCOLA

O CARTEL, UM DISPOSITIVO INAUDITO PARA FAZER LAÇO DE ESCOLA A PARTIR DO NÃO PARTILHÁVEL

Anne Castelbou Branaa
Toulouse, França

Este título, que se impôs a mim para minha intervenção de hoje, condensa as questões que me acompanharam durante os dois anos que passei a colocar em função a responsabilidade da Escola em relação aos cartéis, compartilhando-a com a diretoria da Escola [EPFCL-França], presidida por Agnès Metton. A permutação, uma arma anti-rotina eficaz, permite aproveitar o que foi colocado em prática anteriormente, mas também se arriscar propondo modificações ou novidades. Voltar alguns anos depois a essa experiência foi, portanto, uma oportunidade de poder “pensar com atraso” e dela extrair questões e comentários que ainda hoje permanecem atuais acerca da responsabilidade do cartel no estabelecimento de laços na Escola, assim como da Escola em relação aos cartéis.

“Parece-me difícil que os analistas não se perguntem o que quer dizer analiticamente seu trabalho, visto que é um trabalho em comum. Será que o analista deve permanecer um isolado? Por que não¹?”

Lacan havia proposto o dispositivo do cartel para sair do isolamento da posição do analista e pensar a psicanálise com outros. No funcionamento do cartel, a responsabilidade de cada um é engajada, pois, se alguém sair, o cartel se desfaz. Lacan, formalizando assim esse tipo de laço com um enodamento borromeano, preocupou-se em combater os efeitos do grupo, a cola, a inércia ou a propensão a fazer grupo para esconder-se no anonimato. A aposta do cartel era fazer com que analistas que concluíram suas análises trabalhassem em conjunto com não analistas para a transmissão da experiência. “Os que vierem para essa Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier².” Lacan esperava, assim, que cada um dos membros de sua Escola se arriscasse a produzir sua própria elaboração de saber, em um pequeno grupo benevolente e não hierárquico, para ir contra as identificações com significantes-mestres ou com um líder cuja função ele subverte. É “ao mais-um”, eco do grupo, que ele atribui a responsabilidade da seleção dos trabalhos produzidos no cartel para colocá-los em circulação na *Escola*. Lacan, neste debate de 75 sobre a formalização do cartel, se interroga longamente com seus alunos sobre a função do “mais um”, como uma pessoa, um lugar ou a encarnação de uma transferência à psicanálise ou mesmo função de “infinitude latente”, aquela que deixa um lugar para o indeterminado, para o que ainda resta por saber e ser produzido e que relança *ad infinitum* o desejo de elaborar, indo contra o fechamento da *doxa*.

A responsabilidade do “mais um” no funcionamento do cartel e em seu vínculo com a Escola permanece atual, sendo ele o responsável por declarar sua constituição e dissolução. A reintrodução dos temas de trabalho no formulário de declaração de cartéis foi realizada a partir do pedido de um “mais um” que se surpreendeu, justamente, com seu desaparecimento em prol do tema do trabalho comum ao cartel. Isso dá a medida da importância da função de zelo do

¹ J. Lacan, *Lettres de l'École freudienne*, n.18, p. 246.

² J. Lacan, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 235.

“mais um” com relação à formalização do cartel, para colocar a ênfase na singularidade da elaboração a ser produzida e que não se resume a problemas puramente administrativos.

A Escola também espera do cartel que ele organize “exposições à céu aberto”, quando julgar necessárias, para testemunhar sobre os efeitos de cartel, seus progressos ou crises de trabalho.

A responsabilidade da Escola em relação aos cartéis é, antes de tudo, a de garantir as condições propícias à transmissão e à difusão das elaborações da relação de cada um com o saber inconsciente. “Há o recalcado. Sempre. É irreduzível. Elaborar o inconsciente, como se faz na análise, não é senão produzir ali esse furo. Freud, ele mesmo, eu o lembro, leva isso em conta, faz disso o caso³”. Lacan, depois de ter falado da solidão do analista em relação a esse buraco, pelo fato de que o inconsciente deve ser enfrentado sozinho, fala então do grupo de analistas e do funcionamento do cartel na fundação da Escola para que a “causa” do que os reúne possa se sustentar. Foi, de fato, uma aposta inaudita colocar no cerne do funcionamento do cartel a consideração da questão de cada um, com o que resiste a ser compreendido e a ser compartilhado, com o tropeço no real próprio a cada um. Essa falta de saber é bem o que dá origem e provoca o turbilhão do desejo de saber ligado ao inconsciente através do que o causa. Cada cartelizante experimenta isso em seu cartel, se confrontando ao enigma de não saber muito bem o que está procurando e o que vai encontrar, e que, no entanto, coloca em movimento sua busca. Nesta experiência tateante, nós nos ensinamos mutuamente através das respostas dadas aos impasses encontrados, na falta de poder compartilhá-las. Em um cartel, na verdade, não fazemos par com o outro ou mesmo com o “mais um”, antes vamos de par com a questão que tentamos elaborar nós mesmos e metaforizar com os conceitos psicanalíticos para subjetivá-la. Os efeitos dessa subjetivação são sempre imprevisíveis, mas é possível testemunhar sobre eles, no que passa então à elaboração. Às vezes, os textos ou seus autores podem ser os “passadores” da própria questão de cada um, como nos indicou recentemente Marie-José Latour, “mais um” de nosso cartel.

“O inédito é que, claro, acontece tanto mais que você quer menos, é assim que eu percebo algo que é um efeito [...]” Lacan descobriu com surpresa, ao ler os produtos dos cartéis que seriam expostos durante as Jornadas de 75, os efeitos de seu ensino, os do seminário (ainda não publicado) sobre “A ética da psicanálise”, que orientava a transferência de trabalho dos seus alunos.

Para Lacan se tratava, sobretudo, de que sua Escola de psicanálise não fizesse obstáculo ao funcionamento do cartel, esse princípio mínimo de “caixa de correio” não é suficiente para sustentar e mesmo renovar o interesse em cartéis e elaborações produzidas. Também é necessário poder propor dispositivos para submeter os produtos dos cartéis à troca e à crítica externa ao cartel e renovar regularmente o debate sobre o papel do cartel na Escola.

Lembro brevemente os dois tipos de dispositivos específicos dos cartéis de nossa Escola. Existem aqueles que permitem *o testemunho dos produtos dos cartéis e aqueles que asseguram sua difusão*. Os cartéis do passe são divididos em cartéis efêmeros e cartéis do CIG. Os primeiros estão a serviço do próprio procedimento do passe com um objetivo preciso, a nomeação do AE. Os cartéis do CIG são cartéis de elaboração das questões resultantes do testemunho do desejo do analista, enquanto os demais cartéis da Escola tratam da passagem à elaboração da transferência de trabalho como práxis e como ética.

As exposições a céu aberto de cartéis são uma iniciativa do cartel que intervém, então, em sua totalidade. Os inter-cartéis são propostos pela Escola, sobre uma temática comum, em conexão

³ J. Lacan, “Carta para a Causa Freudiana”, 23 de outubro de 1980, publicada no *Catálogo 2016-2018*, IF-EPFCL, p. 210.

⁴ J Lacan, « Ouverture des Journées de 75 », *Lettres de l'École freudienne*, n. 18, p. 1.

com os encontros nacionais ou internacionais. Foi em outubro de 2016 que foi organizado, em Atenas, uma nova modalidade de *encontro inter/cartéis-inter/fóruns*, com os “mais uns” franceses de cartéis dos dois Fóruns gregos sobre uma temática comum. Esta fórmula teve um grande sucesso em termos de participação e debates. Esta experiência foi renovada por Laurence Mazza-Poutet e Gloria Fernández de Loaysa com a organização, em Madrid, em outubro de 2017, de um inter-cartel franco-espanhol, cujos textos foram objeto de uma publicação.

Existem vários dispositivos de informação e de difusão: O *Catálogo de cartéis* torna legível a comunidade do cartel, a diversidade dos temas trabalhados na Escola. Nele foi criada uma nova rubrica para classificar os cartéis dos países europeus anexados à zona francófona, por Fórum ou por país. Sua atualização bianual permite acompanhar sua dinâmica e observar as novas modalidades de formalização, como os “cartéis ampliados”, cartéis sem “mais um declarado”, bem como cartéis cuja dissolução não é declarada apesar de não serem mais ativos. A declaração, que permite colocar um ato apoiado em uma transferência de trabalho, teria para alguns mais importância do que a informação do ato de dissolução do cartel? A *Newsletter* trimestral, “Atualidades dos cartéis”, reúne o conjunto das atividades relacionadas aos cartéis, as anuncia e inclui uma breve descrição daquelas que já ocorreram. Sua seção “Procura-se cartel” permite colocar em relação aqueles que desejam fazer cartéis, e uma outra acolhe os “*Impromptus*”, breves comentários sobre a vida e a função do cartel. O *Boletim dos cartéis* publicava todas as apresentações feitas durante os vários encontros de cartéis, alguns dos quais são publicados agora no *Mensuel* da Escola (EPFCL-França).

A reintrodução de uma “comissão de cartéis” pelo novo Conselho de Direção dá ênfase à necessidade de uma prática entre vários, para colocar em ação a responsabilidade da Escola em relação aos cartéis, como nós mesmos havíamos experimentado anteriormente. Longe de manter o ronronar administrativo, contra o qual Rithée Cevasco nos alertou, tínhamos, antes, o desejo de contribuir com ofertas de novos dispositivos para valorizar a comunidade de cartéis da Escola e, principalmente, as elaborações produzidas, para que todos possam fabricar seu próprio mel com o os achados colhidos, aqui e ali, nos encontros de cartéis, afim de combater a tentação de permanecer no funcionamento fechado do seu próprio cartel. Para concluir, eu diria que é sobretudo a cada um daqueles que ainda têm o mesmo interesse e o mesmo prazer em trabalhar em um cartel, que compete a responsabilidade de transmitir a relevância desse dispositivo de Escola àqueles que o descobrem. O cartel é o único dispositivo que permite de fazer laço de Escola a partir desse saber ligado ao inconsciente, e poder testemunhar, para outros, o que passa deste impartível à elaboração de uma transferência de trabalho sobre a psicanálise com seus próprios significantes. É precioso para uma Escola de psicanálise que ela seja capaz de ouvir o estilo de enunciação e a tessitura da voz daqueles que se deixam ensinar pelos efeitos de seu cartel.

Se perguntar o que seria uma Escola de psicanálise lacaniana sem o cartel, inventado por Lacan para pensar a psicanálise e esclarecer a passagem a analista, equivale a se perguntar o que seria uma análise sem a regra da associação livre inventada por Freud para acolher as formações do inconsciente?

Tradução: Elisabete Thamer

EX-CARTELISAR¹

Maria Teresa Maiocchi
Milão, Itália

“[...] e inclusive não considerar resolvido, ao cabo do processo de espanto com que nele se ingressou [...]”

J. Lacan, “De um desígnio”, *Escritos*

“[...] enfim há um conteúdo nessa palavra: cartel, que já evoca quatro [...]. Usei a palavra *cartel*, mas, na realidade, é a palavra *Cardo* que está por trás, isto é a palavra *gonzo*, eu tinha antecipado essa palavra *Cardo*, mas confiando a cada um de vocês mostrar o que ela significa”.

J. Lacan, *Jornadas sobre o cartel (1975)*

“Portanto, é necessário que eu estabeleça um turbilhão que seja favorável a vocês. Isto é, a cola garantida. [...] A hierarquia só se sustenta gerando o sentido. [...] Estou contando com o turbilhão. E, devo dizer, sobre os recursos doutrinários acumulados no meu ensino”.

J. Lacan, *Dissolução (1980)*

“Nós temos um nome para designar esses grupos”, afirma Lacan nos introduzindo ao cartel em 1964 e retornando também em 1975, de maneira contundente, à questão do nome. Anteriormente a esse nome *cartel*, encontra-se a palavra *gonzo* como ele sublinha... Porque então não se interrogar esse nome precioso, interrogar suas razões, para encontrar talvez – ainda – após um longo tempo de impactos e de múltiplas crises atravessadas de surpresas para nos orientar, ainda, na “contra-experiência” permanente na qual nos faz herdeiros². Ademais, se a intenção declarada é de “confiar a cada um para ver isso que ele significa”, o que nos diz esse “gonzo” ao qual Lacan nos reenvia com o termo *cartel*³ ?

¹ Em italiano esse termo catalão ressoa em diferentes dimensões: próximo da gíria “*scartellato*”, designa alguém que está à margem, fora da regra, à margem da ordem constituída. Na cabala napolitana a figura nomeada de “o *scartellato*” nos remete especialmente a uma boa aventura, à sorte do dom encontrado no termo *kartos*, cesta, que o “*scartellato*” carrega de maneira escondida em seu dorso. Cf. <https://www.fanpage.it/chi-e-lo-scartellato-il-significato-e-l-origine-scaramantica-del-termine-napoletano/>

² Sorte do engano, futuro “que está nas mãos daqueles a quem formei”. J. Lacan, “O engano do sujeito suposto saber” (1967), *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Riod e Janeiro, Zahar, 2003, p. 340.

³ Cito integralmente a passagem nas *Journées EFP sur le Cartel*, abril 75, que figura no início do texto e retomada depois: “[...] isso que se constitui a via própria de um cartel tem a mais estreita relação com isso que tento articular no momento no seminário. Eu, eu sei o que gostaria de ter como funcionamento dos cartéis; se lhes dei essa porta limitada dizendo que três a cinco fazem no máximo seis; isso deve ter uma boa razão. De qualquer forma, isso não é um enigma. Normalmente, isso deveria sugerir pelo menos para alguns, aqueles que têm mais prática, uma resposta, mas não é que eu esteja seguro disso, mas enfim há algum conteúdo na palavra: cartel, que em si mesma evoca quatro, quer dizer três mais um e, apesar de tudo, eu considerava como possibilidade elucidar seu funcionamento, e que se possa ir até seis, faz-se necessário inicialmente que a coisa seja colocada à prova; eu empreguei a palavra cartel, mas na realidade é a palavra *Cardo* que está subjacente à palavra *gonzo*, eu defendi essa palavra *Cardo*, mas certamente esperando que cada um de vocês verificassem o que ela quer dizer. Finalmente, preferi a palavra cartel porque, ao mesmo tempo, era uma precisão e a ilustração que forneci imediatamente falando de um nó mínimo de ‘três mais um’ teria tornado possível esperar por um jogo eficaz e garantir não apenas a existência de um a mais, mas também a de alguns que desempenham seu papel não apenas em uma das seções que eu previ que também eram três, isso implica perceber que fazendo três seções há também “mais uma”, a saber uma quarta. Talvez isso significa que a escola ainda não tenha realmente começado a funcionar. Pode-se dizer isso, por que não?”

Gonzo: Dispositivo simples de abertura-fechamento. Introduzimos um prego no buraco que permite o movimento, uma articulação. Isso que mantém o conjunto e, ao mesmo tempo, separa. No domínio anatômico diz-se da mesma forma. (Ver nota 8). O cartel também reúne, não sem um movimento de abertura-fechamento mesmo nas crises que ele pode provocar, de modo sempre *singular*⁴. De um lado o cartel evoca algo de público, uma escrita que engaja, que faz signo e que declara um acordo compartilhado. “Isso que é escrito torna-se lei”, diz-se em italiano. Por outro lado, o que é precisamente isso que impulsiona a essa expressão tão energeticamente insistente do “cardo”, a qual se refere explicitamente ao número quatro? Mencionado em 64 como órgão da Escola⁵, porta de entrada e de polarização da experiência, o cartel é retomado em 75 (nas passagens citadas das Jornadas da *EFP* e em *R.S.I.* onde Lacan faz uma alusão direta) como via radical, mesmo que não muito praticada, da Escola. Via de reabertura, abertura nova⁶ apresentando “a mais estreita conexão” com o nó avançado no seminário e seus “vazios” que ele indica, oposto mas também vinculado ao grupo, à identificação que dele emana, porém incluindo o ponto real dessa identificação, o buraco da não-relação⁷.

Na lição de *RSI* de 15 abril de 75, *car-tel* é novamente lembrado, com veemência, dez anos de distância, ao *car-do* enquanto gonzo⁸: o pivô fixo que entra em uma caixa para obter batimentos, uma articulação, uma rotação. Já em 64, em *O Ato* – dito de “fundação” – a referência ao mundo latino-etrusco não é seguramente fortuita: ao fundar a Escola, recordando em termos institucionais a novidade de sua experiência, o apelo à fundação da cidade não deve ser tomado, eu creio, como metáfora. *Cardo*, origina-se da raiz antiga *skar, skrad, kurd*, (compartilhada com *cor-cordis*, o coração), significa *agitar, balançar, pular, sacudir, vibrar* ou mesmo *jogar* algo que não se move, mas que é palpitante... E que vem também da antiga referência simbólico-astronômica: para os latinos, trata-se de duas extremidades do eixo que serve de pivô (norte-sul) ao “movimento” (leste-oeste) do sol: então a passagem do tempo, ciclo da vida, das estações, de seus dias idênticos e sempre novos. As “primaveras” continuam a ser o modo poético de dizer o número de anos, que renascem a cada vez.

É precisamnete esse eco *cardo* que, talvez, abra um espaço inesperado: pois a fundação da “cidade”, em particular a cidade latino-etrusca coincidiu com o motivo da montagem do *templum*. Este espaço é acima de tudo uma quadripartição da abóbada uniforme do céu a partir da contingência do vôo dos pássaros e sua observação feita de maneira corretamente posicionada pelo sacerdote, graças à sua ciência. O *templum* (palavra de origem grega *tem-no*, separar) é portanto, acima de tudo, uma parte do céu localizada entre o universal da abóbada, seu enquadramento e suas partes, e como está ancorado ao particular do acontecimento, à chance do voo, contingência que se abre à lógica de separação e da orientação que implica o particular. *Cardo* presentifica portanto, por assim dizer, a linha que rompe, o (duplo) *decumanus*, produzindo uma quadridimensão essencial do “céu estrelado acima de nós...”, pelo qual o espaço-tempo geográfico do *urbs*, da cidade terrestre, é consequência, reflexo⁹. Aqui não são mais os mitos

⁴ O que é, com efeito, mais radicalmente separativo que o termo grego *krino*? Crivar, peneirar, julgar, decidir...

⁵ J. Lacan, “Ato de fundação” (1964), *Outros escritos, op. cit.*, p. 241.

⁶ J. Lacan, “Clôture des Journées d’Étude des Cartels de l’École freudienne” (1975), *Lettres de l’École freudienne*, 1976, n.18, p. 263 *sq.*; et *O seminário XXII, RSI* (1974-1975), lição de 15 abril 1975. Cf. <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975>.

⁷ Ver *ibid.*: “Mas eu não disse com qual ponto do grupo eles devem se identificar. O ponto de partida para qualquer nó social se constitui, já disse, da não-relação sexual como buraco. Não dois: pelo menos três, e o que quero dizer é que se vocês forem três, isso fará quatro. O mais-um estará aí, mesmo se vocês forem três...”

⁸ A palavra francesa *gond* se associa ao grego *gompbos*, prego, tornozelo, bem como *gonfosis*, termo da anatomia que implica uma parte de certas articulações de forma específica, ao cone, a exemplo dos dentes, que são encravados aos ossos. Cf. P. Ex., M.A. Marchi, *Dizionario tecnico-etimologico-filologico*, Milano, Pirola, 1928.

⁹ *Urv* – de onde *Urbe* a cidade- é o sulco, puxado pelo arado que segue o voo dos pássaros no espaço sagrado do céu, que é dividido, separado, pelo *cardo*, e que se reflete sobre a terra, sobre o solo da cidade que será edificada : le

mais ou menos “estupefacientes” que são fundadores, mas sobretudo uma lógica de fronteiras, de traçados, de linhas de separação, de proporções onde se dividem os mundos entre norte e o sul. Posicionamentos sofisticados, mas não sem referência- assemelha-se- à proporção de ouro (número de ouro). Os pontos ditos precisamente “*cardinais*”, aptos para acolher e tratar a contingência inaugural. E a referência “dourada” dos retângulos dessas proporções as quais ela se relaciona, indica um corte não puramente geométrico que visa à contingência, capaz de incluir o incomensurável¹⁰.

O *templum* é projetado de acordo com leis astronômicas, cuja delicadeza de cálculo deixa perplexo. Os especialistas falam de uma “ciência etrusca” e que é precisamente essa construção que impede de vaguear na vertente imaginária do mito. O *templum* exprime uma estrutura capaz de incluir o inesperado, uma contingência, a exigência de um local de fundação orientado e ao mesmo tempo separado-separador, justamente sob a idéia de um corte constitutivo da experiência que é inaugurada, e que também constitui lexicalmente o *templum*, em sua derivação – como mencionei acima – de *tem-no*, separar, *se parere*. Portanto, essas são as coordenadas de um lugar de separação que o *cardo* fixará, atravessando *decumanus* o curso do sol. Na encruzilhada desses dois eixos principais estava o *fórum*, local de trocas públicas. O lugar geométrico do *templum*, e a fundação das *urbs*, a *cidade* que, por consequência, são o reflexo dessa quadripartição celeste, que liga a contingência inaugural da adivinhação à fixidez das coordenadas estelares, nas quais o particular se introduz, o novo, a nova fundação.

É o *quatro* que domina esse espaço de abertura o qual, aliás, domina a “cidade quadrada...¹¹”, cidade do quatro latino-etrusca. Roma quadrada, o *urv*, sulco traçado, conforme sua origem, rigorosamente é quadripartida. Na aposta constitutiva desse minúsculo órgão de base da Escola, a referência estelar, referência aos *sidera* que precedem à orientação e, portanto, aos *de-sidera* resultantes disso, não parece inapropriada: o *cardo* resume os quatro, o cartel – de onde o “quartier” em francês, como o italiano “quartiere”, lugar da vida concreta e das relações habituais, “cuartel”... termo espanhol relativo a “quartier”, no sentido de defensivo, além do *habitat*, também em italiano¹². O mundo latino-etrusco deixou um profundo traço geométrico na própria construção de nosso mundo urbano, confundindo suas pedras com o discurso que as sustenta. É o que Lacan sugere referindo-se ao *cardo* e enfatizando tão precisamente a origem latina do termo, incluindo suas extensões que eu tento situar aqui¹³. A *comissão de acolhimento* é

templum – em sua complexidade, sobre e sob a terra – define-se desse traço inaugural em relação ao *cardo*, que atravessa o curso do sol, onde o mundus é o *templum* subterrâneo. (Ver as notas seguintes).

¹⁰ Dentre as muitas fontes que constituem uma abordagem da arqueoastronomia, desenvolvendo, entre outras coisas, a quadratura e a proporção do número de ouro, cf. A. Cherici, “Per una scienza etrusca, 2., *Templum, templi e rettangolo aureo*”, *Science and Technology for cultural Heritage*, 16, 2007; A. Gottarelli, “*Templum solare e città fondata*. La connessione astronomica della forma urbana nella città etrusca di Marzabotto (III)”, *Culti, forma urbana e artigianato a Marzabotto. Nuove prospettive di ricerca*. Atti del Convegno di Bologna, 2003, p. 101-138; C. Zanforlini, “La nascita di una città. Riti di fondazione nel mondo romano”, *Seguendo le tracce degli antichi*, Agosto 2016, A. Blumenthal, “Roma quadrata”, *Klio*, 1942, p.181-188 e também V. Di Cesare, “I cardini del cielo”, *L’Astronomia*, n. 38, ottobre 1984, p. 20-23. ‘

¹¹ Cf. A. Mastrocinque, *Roma quadrata*, in *Mélanges de l’école française de Rome*, 1998, n.110-2, pp. 681-697.

¹² Nas expressões como “*non dar quartier* (não desistir)” e “*lotta senza quartiere* (luta sem tréguas)”.

¹³ Cf. A. Gottarelli, *Contemplatio. Templum solare e culti di fondazione. Sulla regola aritmogeometrica del rito di fondazione della città etrusco-italica tra VI e IV secolo a.C.*, *Templa*, 2017; ver nota 10. A fundação de uma cidade, também a cidade latina etrusca, seguiu um conjunto escrupuloso de ritos. Primeiramente conhecer os auspícios, ou seja, mensagens divinas baseadas sobre o vôo e o canto dos pássaros, cuja interpretação comunicava as vontades dos deuses; tarefa esta de responsabilidade do *augúrio*. Em segundo lugar, cavava-se um poço circular no local onde duas rotas principais se reuniam, formando um ângulo reto: esse fosso era chamado *mundus*. No interior, em um ritual com um forte conteúdo simbólico, estavam enterrados símbolos religiosos, aqueles que deveriam assegurar o bem-estar da cidade em construção. Em seguida, um limite era traçado com a ajuda de um sulco cavado por um arado, delimitando dessa forma o território da cidade. Os ritos continuaram por dias, a fim de poder estender os próprios benefícios do ‘*mundus*’ a todo território delimitado, tornando-o dedicado aos deuses escolhidos. Como não era possível

nomeada de *cardo* – diz Lacan no “Ato de fundação” – ou seja, um gonzo em latim, termo – que ele sublinha – “*que indica seu espírito*”¹⁴”.

Templum é, portanto, um espaço eminentemente público, que regula, que inscreve, capaz de inscrever as leis do cosmos e da cidade. Suas fronteiras intransponíveis definem o caráter sagrado do laço civil. Aliás, é por isso que ele esconde uma referência secreta e edifica-se sob o *mundus*. Fossa umbilical, cavidade uterina, lugar vazio e misterioso, “lugar vazio” essencial do feminino¹⁵... A *Origem do mundo*, sabemos, certamente não era indiferente a Lacan... *Mundus* é então o lugar vazio, essencial à edificação fecunda da cidade, lugar obscuro da inseminação simbólico-real: jogamos nele objetos sagrados e representativos, torrões de terra, a terra de origem do fundador, sementes, frutos. Trata-se de um local germinal fechado à visão, inacessível e, no entanto, conhecido, ex-sistente. Uma presença subterrânea mítica, selada por uma pedra, “fossa cheia e que, uma vez fechada, fecha-se para sempre”, ou ritualmente aberta em momentos ligados – precisamente – aos equinócios. Constitui, pois, o centro “solar” do subsolo e o vazio essencial do sistema da “cidade quadrada”. O *templum* da cidade edificada é então um local separado, fundador do espaço civil, mas não sem fazer uma conjunção estrutural da abóbada estrelada com o mundo crônico e o *templum* subterrâneo. Infernos freudianos... Acheron responde à estrutura...¹⁶

Enquanto seguia o cartel sobre os traços de uma refinada “ciência etrusca”¹⁷”, podemos ver que a questão da Escola – via *cardo*, via *quatro* – está ligada à passagem estrutural da experiência da análise para outra dimensão discursiva, política, aquela da *civitas* (como da *polis*): experiências que interrogaram originalmente a estrutura do laço e seus paradoxos. Cartel-*Cardo* refere-se imediatamente a esta dimensão da refundação, e Lacan a situa como ponto de interrogação, questionando seu laço inédito, colocando em ato – cada vez mais refinado – um laço social *adequado à experiência de analisante no seu convívio social, até público, que é a Escola*. Laço social “nunca presente dessa forma” (Ver n. 37).

O que pode produzir um efeito separador, anti-sugestivo, no grupo? O que faz *cardo*? É o pivô que mobiliza um trabalho de teoria “que inclua uma falta”¹⁸”. “Transferência de trabalho”, é o ponto de partida de Lacan no *Ato de fundação*, porque o trabalho em cartel questiona e perturba o sono identificatório do grupo, ainda mais se esse sono é institucional¹⁹. Mas, dez anos mais tarde, em 75, repropondo com insistência o dispositivo, Lacan colocará em jogo mais explicitamente o único ponto em que podemos nos identificar com o grupo, isto é, o buraco da

construir imediatamente os muros de defesa sobre o primeiro traçado, um segundo sulco era feito, paralelo ao primeiro. A faixa de terra entre o primeiro e o segundo foi chamada de “pomerium”. Nesse território “excluído” estavam confinados os espectros, os fantasmas, as larvas, os demônios das doenças e os espíritos da guerra, da fome, das pestes e tudo o que poderia ser reduzido a situações negativas para a cidade e seus habitantes. Nessa faixa de território, não se poderia construir, não se podia habitar ou cultivar, nem mesmo passar: era a área dedicada exclusivamente aos protetores da cidade para proteger seu recinto (e seu interior). O recinto sagrado definia a *urbs*, a vila enquanto entidade consagrada. Na legenda de fundação de Roma, Remus é morto por Romulus porque ele porque atravessa – armado – esse sulco, profanando, portanto, a zona do *urbs*, vala que é no fundo ele mesmo – segundo sua etimologia- seu sulco-limite da origem.

¹⁴ J. Lacan, “Ato de fundação” (1964), *Outros escritos, op. cit.*, p. 240.

¹⁵ J. Lacan, “Prefácio a *O despertar da primavera*”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 559.

¹⁶ J.-P. Vernant, *As origens do pensamento grego*, trad. Isis Borges B. da Fonseca, 7º ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992, p. 91 e 93. De modo, aliás muito próximo, *polis*: “[...] que haja uma profunda analogia de estrutura, entre o espaço institucional no qual se exprime o *cosmos* humano e o espaço físico no qual os milésios projetam o *cosmos* natural” [...] “Destas correspondências entre a estrutura do cosmos natural e a organização do cosmos social, Platão mostra-se ainda plenamente consciente no século IV.”

¹⁷ Ver n.10 e n.11.

¹⁸ J. Lacan, “O engano do sujeito suposto saber” (1967), *Outros escritos, op. cit.*, p. 338.

¹⁹ J. Lacan, “Ato de fundação” (1964), *Outros escritos, op. cit.*, p. 239 e seguintes, em particular 242. Sono contra o qual os seminários em si não dão nenhuma garantia, sem que essa “transferência” esteja em ato.

não-relação, a partir do qual se constitui todo laço social²⁰. É isto que Lacan introduz em R.S.I., é o que desloca o cartel em direção à lógica do nó. No período lógico seguinte, 1980, em plena *Dissolução*, ele poderia até encorajar a “se colar”: “Vá em frente. Coloque-se em um grupo, fique junto pelo tempo que for necessário para fazer alguma coisa, e se dissolva depois, para fazer outra coisa. O que importa, eu denuncio a vocês, é que a *Causa Freudiana* escape ao efeito de grupo. De onde se deduz que ela durará apenas o temporário, quero dizer - se nos desamarrarmos antes de continuarmos juntos, não poderemos mais voltar²¹”. Interessante a retomada insistente do turbilhão, este turbilhão inédito em abril de 75, durante as *Jornadas sobre o cartel da Escola freudiana*, precisamente no mesmo período que R.S.I., pois é esse turbilhão que se conecta ao nó e faz o buraco operante.

Fica explícito que não é um progresso da doutrina que se espera de um cartel. Mas então o que, senão um *dizer* singular, a *experiência - analisante* – da relação de cada pessoa com a psicanálise, o que não acontece *tão só*. Nem só, nem em-par (o) grupo: “elaboração sustentada *em* um pequeno grupo²²”.

Os seres humanos parecem ter poucas alternativas entre colar e se odiar (modalidade indissolúvel da cola), então, o que o trabalho analítico do pequeno grupo traz de novo? Que surpresa de laço poderia haver com este pequeno dispositivo? Laço não sem saber... se houver, trata-se de um impacto político? Terá havido um cartel na medida em que a experiência no cartel se depare com o buraco da falta de relação. O eco do cardo nos coloca sobre esse traço, visto imediatamente por Lacan que, ao mesmo tempo, funda o cartel / funda sua escola. Como são estabelecidas as condições para uma "teoria que inclui a falta" (1967)? Houve um cartel porque a experiência no cartel encontra o buraco da não-relação? Oportunidade, queda e sorte, real, despertar (proposta de leitura freudiana já em 64, Pai, você não vê...). É aqui que se situaria o chamado de Lacan relativo à relação entre cartel, nó, buraco e turbilhão, sobre a qual se colocam as passagens que eu retomei, nas incidências de um *novo* laço social.

Para além de seus diferentes temas de trabalho, o cartel é o lugar de um dizer que em certo sentido “historicista”, torna *presente* o ponto onde cada um pode “pensar a psicanálise” conforme a indicação de Colette Soler²³: pensar vem de *pendere*, pesar e, portanto, tem a ver com a gravidade dos corpos, a queda: lugar de trabalho vivo, não sem corpo. É por isso que o cartel convém à experiência analisante da Escola, propicia ao compartilhamento não de afetos, mas compartilhar o que afeta, que faz ato, operatividade transversal, múltipla e, ao mesmo tempo, singular, para que se realize essa “base e refúgio” contra o mal-estar da civilização, que é a Escola, na medida em que se reúne e se questiona em torno do ensino de Jacques Lacan que para alguns – um “grupo em dificuldade de encontrar uma saída” – revelou-se “tão precioso ou tão essencial” –

²⁰ J. Lacan, *O seminário 22, R.S.I.* (1974-1975), lição de 15 de abril de 1975: “Não estou dizendo aí com que ponto do grupo eles devem se identificar. O ponto de partida para qualquer nó se constitui, já disse, na não-relação sexual como buraco. Não dois, pelo menos três, e o que quero dizer é que se vocês só forem três, isso já faz quatro. A mais-uma estará aí, mesmo que sejam só três [...]”

Cf. <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288>. Ver também a intervenção de encerramento das “Journées d’étude des cartels de l’École freudienne”, *Lettres de l’École freudienne*, n.18, 1976, p. 263 sq.

²¹ J. Lacan, *O seminário 27, Dissolução* (1979-1980), 18 de março de 1980, *Monsieur A*. Ver também, *D’écolage*, 1º de março de 1980.

²² Da passagem bem conhecida do “Ato de fundação” (1964), *op. cit.*, p. 235: “Os que vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier. Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de *uma elaboração apoiada num pequeno grupo*”. Sou eu quem sublinha. Para um comentário no momento que se anunciava uma crise, ver M. T. Maiocchi, “Non-tutto da sapere. Note sull’esperienza di cartel”, *Quaderni milanesi di psicoanalisi*, 1995 (repris en *Per Lettera 1*, aprile 2006, documento do FPL, (uso interno).

²³ C. Soler, “Le cartel analysant?” (2010), *Mensuel*, n. 57, 2011, onde essa maneira singular de “pensar a psicanálise” reporta-se ao nó intensão-extensão.

foi privilegiado em relação a outras “vantagens”, aquelas que foram oferecidas por outra política, não de Escola, ou de não-Escola²⁴.

Mas, olhando com cuidado, não é do mesmo lugar que Lacan questiona o “Estádio do espelho”, estendendo Freud, visando o ponto sensível da identificação? Existe outra maneira de tratar o vínculo que além da tensão agressiva do espelho, de outra maneira que a sugestão hipnótica? De fato, a questão não está tão distante do que Freud explicita, ao abordar diretamente o problema da sugestão, em 1914 e depois em 1921 – momentos de crise, de rompimento de laços, bem conhecidos - surpreendentemente retomando seus velhos temas de hipnose, identificação, sugestão, para uma subversão que certamente não vai na direção do “sentimento oceânico”, à Romain Rolland...

A vantagem do que Lacan traz é que essa pequena grande invenção é *prática*, é a práxis de um lugar, “propício” a esse “dizer” e ao tratamento permanente que ele opera, através do *turbilhão*. “Portanto, é necessário que eu estabeleça um turbilhão que seja propício a vocês. É isso aí, ou a cola garantida. [...] A hierarquia apenas se sustenta ao gerir o sentido. [...] *É certo que eu conto com o turbilhão. E, devo dizer, sobre os recursos doutrinários acumulados no meu ensino*”²⁵, eu já destaquei isso. Nas razões desse turbilhão, não está o ponto onde Lacan confia o destino de seu discurso como um ser vivo? Esse ponto de reagrupamento se forma não apenas em torno de seu ensino – embora seja mais precioso que o reconhecimento burocrático-institucional (como em 64) – mas em torno do vazio que esse ensino *sabe escavar*, vazio apresentado pela dimensão nodal que o cartel realiza pelo vórtice que a permutação produz. “Transferência de trabalho” é, portanto, o deslocamento de laços e os nós dos corpos falantes, colocando em jogo um real *do e no* encontro. É nisso que o cartel se faz lugar analisante, ou turbilhão ou cola, ou turbilhão ou nenhuma decolagem da Escola... Não de *D’écologie*... Nesse sentido, o cartel é condição da Escola.

A questão do cartel, a natureza de um laço propício à experiência paradoxal da análise, que não é sem um “dizer”, é homóloga àquela de uma Escola, da Escola uma vez que ela não é feita para se associar em grupo. Escola é uma *societas*, é claro, que exige afeto, *affectio*, como sabemos: há pessoas que se associam a ela, mas “não é um país para associados”, para retomar um filme..., um país de sócios[*socii*], para as pessoas que a *seguem*²⁶, aquelas que “vão atrás”. Escola não é para *seguidores*... de um chefe, uma ordem, uma hierarquia, mesmo de um “bom” fim: se a Escola atravessa estruturalmente a hierarquia – e seu “gerir sentido” – pela instabilidade e contingência do *gradus*, ou seja, se é *scholé*²⁷: se ela assume o tempo de uma parada, de um *dis-correr* (*dis-courir*), lugar de um discurso, lugar que *é* discurso. Nesse sentido, nossos textos institucionais não seriam para serem tomados eles mesmos, como “cartéis”, como sinais de trânsito – constantemente atualizados e públicos – da experiência em curso, e de seus impasses. Começando com a *Carta* em seu eco ao *cartel*, escrita do que ordena nosso paradoxal *cum vivere*, nossa vida com os outros, juntos: isso que faz *civitas*²⁸, é claro, mas “não como os outros”: ela visa o desejo de saber, que

²⁴ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (1967), *Outros escritos, op. cit.*, p. 250. F. Boisdon, *À l’École des cartels, politique du cartel?* Prélude à la Journée d’École de l’EPFCL, Paris, 14 juillet 2019.

²⁵ J. Lacan, *O seminário 27, Dissolução*, lição de 18 março de 1980, “D’écologie”: “É necessário que eu instaure um turbilhão que lhes seja propício. É isso aí, ou a cola garantida. [...] A hierarquia só se sustenta na gestão do sentido. [...] Eu conto com o turbilhão. E, devo dizer, sobre os recursos da doutrina acumulados em meu ensino”.

²⁶ Associado vem de *socius*, derivação etimológica de *sak*, seguir.

²⁷ Do grego *scholé*: lazer, descanso, facilidade. Discutir assuntos materiais em um tempo livre e, portanto, um tempo para intercâmbio científico e intelectual.

²⁸ Não é o caso de discutir aqui as diferenças – em Roma – entre *urbs* e *civitas*. Para este último, a ênfase é colocada no aspecto inclusivo também no nível social e jurídico, bem como na *polis* grega, que parece conter – forçando levemente a etimologia – a mesma raiz de *polys* (“muito”) para indicar a todos os cidadãos como uma “multiplicidade” unificada (*polloí*), comunidade que habita o espaço compartilhado (*cf. O sal do exílio*, prelúdio dessas mesmas Jornadas européias 2019). Para que haja uma cidade, os elementos essenciais são de fato a existência de uma *comunidade*, um conjunto de leis que governam sua coexistência e um espaço planejado de maneira rigorosa.

talvez seja *comum* a nós, mas que não é *como um...*, porque permanece irreduzivelmente singular, tornando-nos um pouco “grãos de areia”. (Isso coloca o problema do que é – no lugar analítico – *demo* ou mesmo *iso-cracia*²⁹. Que democracia pode jogar a cada vez o inédito de uma “política da singularidade”?)

E, portanto, a “política” da Escola como “política cartelisante”, possível alternativa à sugestão hipnótica generalizada? Não é por acaso que Freud retoma o tema da sugestão em dois momentos tópicos de seu percurso: em 1914 e 1921, quando a questão se torna premente, o inevitável fracasso, na clínica do sujeito (o homem dos lobos) e na clínica do fazer associação (o rompimento com Jung).

Crise³⁰, portanto, e é para enfrentar dois momentos de crise em sua Escola, como fundamento (1964) e dissolução (1980) – questionando as palavras atar-desatar e sua relação³¹ – que mesmo Lacan tenta e tenta novamente colocar em ato algo que, com surpresa, ele havia encontrado – em tempos muito antigos, imediatamente após a guerra – como um antídoto para um vínculo que literalmente vinha *do exército*.

O céu sobre Londres, que ainda segue os caminhos produzidos pela *Luftwaffe*, parece de fato ter sido favorável a esta invenção³². Estamos impressionados com a maneira nova e profunda pela qual Lacan é despertado pelo pequeno grupo de descoberta bioniana, pelo inesperado que opera no fervor desejoso que o anima, que consegue tocar esses desperdícios do exército, esses *dullards*, – Lacan enfatiza muito esse termo – um pouco rebeldes, um pouco malucos, do qual Bion e Rickman se ocupam³³. E não poderíamos chamá-los de “tolos”? Tolos, surpreendentemente disponíveis, a seu modo, para se tornarem inconscientes... Estúpidos em sua existência, talvez atordoados ou capazes de se surpreender com a sua ex-sistência. O pequeno grupo que lhes é proposto não tem como objetivo retificar seu “*dullness*” [embotamento], mas inesperadamente

²⁹ Cf. N. Bellanca, *Isocrazia, Le istituzioni dell'uguaglianza*, Castelvechchi, 2016. *Democratie*. (gr. δημοκρατία, de δῆμος “popolo” e κρατέω “eu domino”): “A democracia na Grécia é a soberania concedida a todos os que fazem parte dos δῆμος. A soberania do Estado pertencia a todos os cidadãos, nascidos ou regularmente cidadãos, independentemente de nascimento ou riqueza. Como é necessário, em princípio, que todos tenham um voto igual na democracia, a maioria é soberana e, portanto, onde não há como moderar as coisas, a classe baixa, que é a mais numerosa, facilmente se torna sinônimo de *demo*, a multidão, à qual se opõem o ‘pouco’ de pessoas que são mais ricas ou que se destacam. Nos primeiros tempos, esses governos não tinham o nome de democracia, mas eram indicados como πλῆθος ἄρχων. Os princípios básicos aqui são isonomia, liberdade, isocracia e alegoria. Para a economia, a lei é igual para todos; a liberdade é uma condição e objetivo necessários da democracia; isocracia e classe (‘igualdade de poder’ e ‘liberdade de expressão’), entendidas de várias formas ao longo do tempo, são os meios para estabelecer um governo democrático”.

http://www.treccani.it/enciclopedia/democrazia_%28Enciclopedia-Italiana%29/

³⁰ Tratam-se de temas que encontramos em 1914, precisamente no *Homem dos lobos, História do movimento psicanalítico*, e em *Recordar, repetir e elaborar*, depois em 1921 na *Metapsicologia*. Como apontei, é notável a insistência de Freud na crítica da dimensão sugestiva nesses momentos de reviravoltas teóricas e políticas. A ruptura com Jung e o ato clínico de transferência como repetição se redobram, no questionamento sobre o líder e a perspectiva de outra possibilidade nos laços que a psicanálise pode desencadear. O que permite uma solução que não seja a Igreja e o exército, nomes do Um? Uma modalidade de laço adequado, propício ao que é singular-separativo, a análise revela e coloca em cena.

³¹ Questões cruciais em nossa política de “mercados comuns” pegos entre migrações e confinamentos. Na virada entre *limen* e *limas* – como recorda Massimo Cacciari – “somos forçados a decidir se a fronteira é um *limen* ou *limes*, um limiar ou uma barreira, local onde nos escondemos ou onde depositamos o olhar, a inveja, o desejo”.

³² J. Lacan, “A psiquiatria inglesa e a guerra” (1945), *Outros escritos, op.cit.*, p. 106-126.

³³ “Atrasados na instrução, devastados pelo sentimento de sua inferioridade, desajustados e facilmente delinquentes, menos ainda por falta de compreensão do que em razão de impulsos de ordem compensatória, terrenos de eleição, portanto, para surtos depressivos ou ansiosos ou para estados confusionais, sob o impacto das emoções ou comoções da linha de fogo, condutores naturais de todas as formas de contágio mental, os sujeitos afetados por déficits muito grandes tiveram que ser isolados como *dullards*, para os quais o nosso amigo Dr. Turquet, aqui presente, fornece o equivalente francês não no termo ‘retardado’, mas em ‘bronco’. Dito de outra maneira, trata-se do que nossa linguagem coloquial designa pela palavra *debilóide* [...]” *Ibid.*, p. 110.

desperta, ali, o desejo, pela *via* do particular. É nesse termo de *dullard*, intraduzível, que Lacan insiste, indicando também o risco social de uma segregação que o tratamento a-hierárquico do pequeno grupo pode combater, centrado como pode no que pode surgir como invenção do próprio sujeito.

Porque Lacan insiste sobre esse termo, *dullard*? A raiz germânica do termo conecta-o, através de passagens sucessivas, ao antigo alemão *toll*, que amplia a área semântica e se abre para a idéia de extra-ordinário, fantástico, ao que causa maravilhamento: em suma o *dullard* deixa-se surpreender. De *estúpido* a *estupefato*...

Este texto parece atravessado pelo fervor de uma abertura “política” reencontrada, depois do sombrio horizonte nazista, em uma Londres de limpeza de detritos, de vazios verticais e cortantes – Lacan observa isso – em vez de ruínas espalhadas, e podemos até encontrar neste texto uma alusão à permutação, que finalmente animará seu turbilhão de cartéis, como recurso de um desejo em ato. Assim, na invenção produzida por esse tipo de cartão de cuidados forçados oferecidos aos sujeitos (no) limite, existe um panorama mais verdadeiro e variado, mais propício à “variedade”... dos sujeitos em jogo. “Verdade” é a palavra que, em qualquer caso, conclui o texto. Lacan está impressionado, ele nos descreve.

Mas essa história levemente encantada de Londres *ao ar livre* se abre para outra história, outra anedota, também capturada no imaginário de uma abertura-fechamento. Estou falando de “tempo lógico”... Que é do mesmo ano, 1945. E que diz o mesmo requisito para um horizonte de “saída”, que mostra de fato que “o coletivo não é nada senão o sujeito do individual³⁴”. É o mesmo teste do que é um laço propício ao ato. Desde a serena operatividade do outro lado da Mancha, dessas pessoas que trabalham em debates e perguntas (e quem recuperará essa preguiça dos *dullards* na vida civil) até o cinza da prisão e seu diretor malicioso, a paisagem se modifica, mas a pergunta não é a mesma? Como decidir sobre um passo de saída, se não de maneira precisa e paradoxal por causa de algo que os três prisioneiros do apólogo enodam, mas somente quando eles se apreendem como separáveis, pelo fato de serem tomados na contingência desse nó: paradoxo de uma tomada que a torna – ela – mais um, quarto, real do nó que faz ato, passo lógico da saída, sua maneira “de fazê-lo³⁵” o nó. Eles “se apreendem”: é a contingência de um novo acontecimento de um novo saber, não dedutível, que os concerne *juntos*, mas um instante de despertar não indentificatório-especular, que – pelo contrário – seria, para os três, a ruína.

Assim, com o cartel, laço inédito, *descolar*/*decolar* [*décoller*/*d'écoler*] a Escola, *s(e)-cartelizar*, *ex-cartelizar*, sair da sugestão do grupo e/ou institucional – que ameaça sempre nas sombras – em virtude de um laço social “jamais surgido até o presente³⁶”, mas que não garante contra o fato de que essa novidade permaneça oculta se ela não for ativamente renovada. Daí as vantagens, o “recurso” do *turbilhão* como organização *anti-segregativa*, *anti-recalcamento*, *inclusive de um buraco*, aquele que o turbilhão escava, para colocar em jogo, em ato, mas que não garante que essa novidade permaneça oculta se ela não for ativamente renovada. Daí as vantagens, o “recurso” do *turbilhão* como organização *anti-segregativa*, *anti-recalcamento*, *inclusive de um buraco*, aquele que o turbilhão escava, para colocar em jogo, em ato, *ato-alisar* [*act-ualiser*], os efeitos do ensino lacaniano, como efeitos autenticamente “políticos”, que têm incidências sobre o laço civil, sobre

³⁴ J. Lacan, “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma” (1945), *Escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 213, n. 6.

³⁵ J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sinthoma* (1975-1976), trad. Sérgio Laia, Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 140.

³⁶ J. Lacan, “D’écologie”, (11 de março de 1980), *O seminário 27, Dissolução* (1979-1980), *op. cit.* Eis a passagem: “Também assim é a falha de Freud, a de haver deixado os analistas sem recursos, e, por outro lado sem outra necessidade senão a de sindicalizar-se. *Eu tentei inspirar-lhes outros anseios, o de ex-sistir*. E aí triunfei. Isto é marcado pelas precauções com que se contorce o retorno à trilha. O que não é verdade para todos, posto que há gente suficiente para seguir meu rastro, e subsistir através de um laço social jamais surgido até o presente”.

a *polis* e nos colocando nele, deixando-nos “inspirar por outro anseio, o de *ex-sistir*”³⁷, incluí-los em sua própria – e “diferente daquela de todos” – reinvenção da psicanálise hoje.

PARA A ESCOLA DO PASSAR A: O LUGAR DO CARTEL

Marie-Annick Le Port Gobert
Rennes, França

Partamos da lógica seguinte: a instituição psicanalítica e a Escola de psicanálise são distintas. A instituição dá suporte à Escola, no sentido de apoiá-la, elevá-la, cuidar dela, ajudar sua produção. Ela também deve suportar sua antinomia com a Escola, funcionando como um grupo, não de psicanalistas, mas de analisantes, muitas vezes apegados ao engodo da relação sexual e não desejando se afastar muito do discurso do mestre. Isso é estrutural.

É quando no um a um, o Um se presta ao discurso analítico, e que esse Um faz Escola. Ele se distingue pela saída de um discurso para fazer escutar o que diz respeito ao discurso analítico. A lógica vem dizer aqui que não há Escola de Psicanálise sem a instituição. Esta última imprime seu estilo, seu traço, seu rastro, até mesmo seu sintoma para fazer sua Escola. Por isso, me parece que as instâncias de uma Escola em particular estão ligadas aos significantes e ao estilo da instituição que contribui a fazê-la, em sua atualidade contemporânea. Na minha opinião, é impossível fazer o passe em outra Escola que não seja aquela na qual se está alojado.

Em nossa Escola, e por mais de 20 anos, a instituição dos Fóruns de Campo Lacaniano optou por sustentar o procedimento do passe e seus cartéis através do Colegiado Internacional da Garantia (CIG), para recolher um saber, quando este existe, a propósito do desejo do analista. Esta questão é, aliás, a única que Lacan colocou em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Para fazer Escola, o Colegiado Internacional da Garantia se dedica inteiramente a essa questão do desejo do analista, a recolher o que se escuta, e nomear ou não o Analista da Escola (AE).

Ainda nesse espírito de fazer Escola, gostaria de fazer uma proposta:

Que, sob a égide deste CIG, também seja possível recolher os testemunhos dos momentos de passagem dos analisantes, autorizando-os a querer dizer o que é passar ao discurso analítico em diferentes circunstâncias de seu percurso de analisantes, seja em suas análises ou em suas vidas. Desses momentos que fizeram ato para eles, situando-os, por um tempo, um pouco como outro deles mesmos.

Isso necessitaria outro tipo de cartel, que não seria “do passe” para nomear os AE e centrado na busca do desejo do analista, mas um cartel de “passagem”, ou seja, um local de trabalho sobre a questão das passagens de um discurso ao outro.

Aqui estão alguns exemplos de situações possíveis:

- Quando um analisante pede para entrar na Escola como membro, ou para se inscrever nos Fóruns, o que se passou com ele?

³⁷ *Ibid*

- Quando um cartel termina, um cartelizante deseja testemunhar sobre um saber adquirido e sobre as modalidades da passagem de sua questão ao saber novo ou ao novo questionamento?
- Quando, na análise, se efetua uma passagem (a queda de uma identificação ou qualquer outro acontecimento que se torne advento do real em um percurso). Testemunhar, portanto, dos passes em uma análise e não apenas do último passe na análise.
- Quando um analisante, que pela primeira vez expôs seu trabalho a outros, deseja dizer algo sobre essa passagem tão importante em sua mudança de relação aos outros e à Escola: como isso o torna diferente em sua relação à psicanálise?
- Quando um analisante que se tornou passante no procedimento não foi nomeado e queira dizer algo sobre essa passagem da qual a instituição não lhe solicita *a priori* os detalhes de seu testemunho (alguns o fizeram, mas em um círculo restrito, não como parte de um trabalho de Escola).
- E *quid* da entrada em análise?
- E a passagem do sintoma de entrada ao sintoma analítico na análise?
- O que entendemos sobre o nó da transferência na experiência de jovens analisantes?

Existem provavelmente outras circunstâncias em que um analisante desejará, para fazer Escola, levar seu dizer para dar crédito ao discurso analítico. Naos seriam provavelmente muito numerosos os que gostariam de testemunhar, mas sua passagem transmitida por uma instância da Escola permitiria, assim como a tomada de palavra dos AE na Escola, o recebimento de trabalhos preciosos para o avanço da psicanálise.

O tempo de uma passagem, sua causa, seu efeito e seu resto, não são eles o que estrutura os fundamentos da psicanálise, a saber, o ato e o discurso?

Concretamente, seria suficiente para começar a experiência, que haja um ou vários cartéis intitulados “passagem”, em complementaridade com os cartéis do passe, que o CIG proporia organizar sob sua responsabilidade. Poderíamos imaginar um cartel de “passagem” por polo¹, por exemplo, para utilizar uma modalidade mais prática. Este dispositivo permitiria que a juventude analítica (refiro-me aos jovens que entraram em análise) fizesse saber o que é um tratamento analítico em seu momento de báscula de um discurso ao outro.

Não há passagem sem ato, e nenhum ato sem um sujeito que se ausente do ser. Nessa lógica, um analisante só pode fazer a leitura de seu ato com outros, fazer com que outros escutem o que produziu para ele uma mudança de posição em relação à sua causa, o objeto *a*. Não cessamos de dizer, com Lacan, que um laço social novo é a consequência do discurso analítico. Mas o que diz a experiência do analisante dessa problemática hoje? O que restará disso para o laço social em nossa comunidade?

Se dermos crédito ao que Lacan diz em “Mais, ainda” (uma frase que citamos à vontade), “há emergência do discurso analítico a cada travessia de um discurso a outro²”, assim, não seria pertinente escutar aqueles que se arriscariam a fazer valer sua eficácia? Não basta citar Lacan textualmente (em que consiste essa “alguma emergência?”), mas procurar transmitir na experiência em que consiste essa passagem? Pois há uma aparente contradição entre o fato de que o ato do analista é sem discurso e o discurso que se diz analítico. A Escola de psicanálise

¹ N. T.: O Fórum EPFCL-França é composto de diferentes “polos”.

² J. Lacan, *O seminário, livro 20, mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 27.

bem mereceria recolher dos analisantes sobre essa passagem do ato ao discurso, um testemunho que faça Escola.

Assim, um cartel criado da mesma maneira que os do passe no procedimento, se ofereceria ao trabalho de ver como, na experiência, e não teoricamente, podemos cernir o encontro de um sujeito com o objeto causa que o conduziu ao desejo, ainda que vislumbrado, e mesmo sem saber o que toca o real desse objeto. A simples constatação da perda de gozo para passar a um ato que fundará uma nova situação, que possa se escrever para uma Escola, não estaria aí a substância do que a psicanálise tem para fazer escutar?

A instituição sempre poderá relutar em propor um dispositivo a mais, que constitui um trabalho suplementar para o CIG. A Escola, ela, sairia mais fortalecida e os analisantes que se prestarão a isso, e que serão provavelmente tão pouco numerosos quanto os candidatos passantes, seriam os transmissores de um saber, da mesma forma que os futuros AE nomeados.

Sabemos que, se o *plus* da transferência de trabalho visa o real e toca o gozo, não haverá nenhuma *raison* [raison] para fazer esse trabalho, mas sim *raison* [raison] para a psicanálise, seja com o objetivo de transmitir não o que sabemos, mas o que provém do impossível a saber, o que só pode ser escutado. E também propor, talvez, que não há interpretação que possa transformar o sujeito do inconsciente, e, talvez, também devolver ao real do corpo suas cartas de nobreza lacanianas.

Esses cartéis de “passagem” seriam tão efêmeros quanto os testemunhos, reagindo aos lampejos e à pressa de dizer, eles seriam pegos no mesmo turbilhão que os do passe, na operação da fábrica de Escola, e chegariam a tocar com as mãos uma possível Escola *não-toda*. Eles obedeceriam ao tempo do inconsciente dos analisantes de Escola.

Esses cartéis seriam implementados pelo mesmo processo que os do passe, com candidaturas abertas (talvez adicionar o número) e voto em AG.

O que nos interessa aqui é, no fundo, um saber sobre o resto, quando um sujeito passou pelo pequeno *a* laciano para mudar de discurso. O resto que é o AE seria equivalente ao resto recolhido pelos cartéis “passagem”, onde os analisantes se tornariam, por um lapso de tempo, sem nomes... portanto no caminho do desejo do analista.

Tradução: Elisabete Thamer

O QUE FUNDAMENTA O CARTEL SOBRE OS TEXTOS FUNDADORES?

Anna Wojakowska-Skiba
Varsóvia, Polônia

Faz doze anos que, durante uma análise dita lacianiana, eu me instalei como analista, sabendo que o analista só se autoriza de si mesmo¹. Desde então, meu saber ganhou consistência graças ao ensino dos membros da EPFCL-França, em um segundo segmento de minha análise, e graças ao trabalho do cartel sobre os textos fundadores da Escola.

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 248-264.

O cartel começou cinco anos após a fundação do Fórum que trazia, em seu nome, nosso pertencimento à IF e nosso vínculo com a Escola. Cinco de nós se reuniram, incluindo um “mais um” que não tinha mais experiência do que os outros quanto a esta tarefa. Nós nos adaptamos às instruções do “Ato de fundação”, na época da ignorância dos pioneiros. Éramos um pouco mais de quinze, menos da metade dos quais tinham se instalado como analistas. Alguns haviam acabado de iniciar a segunda fase de suas psicanálises na França. Alguns haviam participado de encontros internacionais. Não havia nenhum membro de Escola, ninguém com uma experiência de passe. Para maior parte, a diferença entre o Fórum e a Escola era opaca.

Um cartel lacaniano é um desafio para um pequeno grupo, por ter que se adaptar aos princípios definidos no “Ato de fundação”, ou seja, sustentar o trabalho coletivo para alcançar produtos individuais e não permitir que ninguém se constitua como chefe para subir de *gradus*.

Como explica Lacan no *RSI*, o cartel é baseado na identificação com o grupo. Mas, diferentemente da massa freudiana, é uma identificação com um ponto específico. Este ponto é “o coração de cada nó borromeano” onde está localizado o desejo que dá uma possibilidade de identificação. Corresponde ao desejo histérico e este ponto é o objeto *a*, que faz falta, que faz um buraco³ no saber. Essa falta causa o desejo de saber, mesmo se, para cada membro do cartel, esse buraco no saber esteja colocado em outro lugar.

Nosso cartel trabalhou na leitura de três textos fundadores, ao mesmo tempo que em sua tradução para o polonês: “Ato de fundação”, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” e “Discurso na EFP”. O saber adquirido através deste trabalho se multiplicou após a organização de reuniões abertas ao público, com membros do Fórum e com ensinantes do Colégio Psicanalítico de Paris.

Durante esse trabalho, outro membro do cartel e eu própria solicitamos a admissão como membro da Escola e fomos aceitos. Isso teve efeitos imaginários sobre o grupo e sua dinâmica. Do lado positivo, a distância que separava o Fórum da Escola foi reduzida e a admissão na Escola tornou-se imaginável. Do lado negativo, a distância entre os semelhantes aumentou: o que esses dois sabem mais? Assim se colocou a questão de dois. E não é à toa que Lacan afirmou, em *RSI*: “Não há dois, pelo menos três”.

Tudo isso, além do fato de não termos seguido o conselho de Lacan sobre a duração máxima do cartel, levou-nos à experiência de cola no cartel e a uma crise no seio do Fórum.

O grupo se dividiu em dois polos que orbitaram em torno de duas opiniões diferentes sobre uma iniciativa profissional de um dos membros. Alguns o entenderam como indo contra o Fórum. Cada polo dispunha de seus “mais-um” transferenciais. Discussões internas tomavam espaço. Mas, um dia, um desses polos decidiu fazer apelo, fora do grupo, aos “mais um” transferenciais. Um cartel de desafio – pode-se perguntar se referindo a um dos quatro significados da palavra cartel no CNTRL⁴?

Os “mais um” transferenciais, como descreve Colette Soler, são “investidos dos prestígios do sujeito suposto saber⁵”. Ao redor deles, são criados subgrupos cujos membros compartilham o mesmo amor de transferência, pois amamos aquele a quem atribuímos o saber sobre o inconsciente. O objeto desse amor, parece-me, pode ser um outro como analista, membro da Escola ou mesmo como mulher. Trata-se, a cada vez, de um saber suposto suplementar.

² J. Lacan, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 235-247

³ J. Lacan, *O seminário, RSI*, inédito, lição de 15 abril de 1975.

⁴ Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales <https://www.cnrtl.fr/definition/cartel>

⁵ C. Soler, “Cartel d’École”, *Mensuel*, n° 25, mai 2007, p. 41.

Esse apelo aos “mais-um transferenciais” foi feito sem o conhecimento dos outros membros do Fórum, mas demandava uma resposta. Exceto que, como Lacan diz em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, “não há Outro do Outro”⁶. Essa resposta veio, portanto, na forma de uma interpretação analítica, sem resolver a questão. O apelo voltou aos remetentes e, o problema, ao Fórum.

A questão que se coloca é seguinte: por que essa situação, perturbadora para o grupo e desastrosa para o relacionamento entre as pessoas, não causou uma cisão? O trabalho continua e de formas que atraem novas pessoas e novas instituições, especialmente universitárias. Além disso, após o final do trabalho sobre o terceiro texto fundador e o término do cartel, traduzimos e estudamos a “Nota italiana”, também conhecida como “Carta aos italianos”⁷ e, recentemente, com David Bernard, trabalhamos sobre a experiência do passe, com mais e mais participantes. Um efeito de laço com o Fórum e de transferência à Escola apareceram.

Para responder à pergunta de Albert Nguyên em seu prelúdio, como foi possível essa saída de crise? Penso que, além dos efeitos de análise da maioria dos protagonistas, trata-se de efeito do cartel. Aqui estão os meus argumentos.

O cartel, como a Escola, era para Lacan um órgão que intervém nessa transferência espontânea que gera a fragmentação interna em grupos analíticos⁸. Mas como isso funciona? Parece-me que o que opera é o objeto *a*, e de duas maneiras. Por um lado, pela queda, ainda que momentânea, do sujeito suposto saber desses “uns transferenciais”, porque, se estão no cartel, seu saber deve ser furado, em falta. Por outro lado, através da participação no cartel daqueles que compartilham o mesmo amor de transferência, o fato de assumirem uma posição de “Tu podes saber” que pode reduzir a distância imaginária entre “uns transferenciais” e os que amam. E esse saber adquirido se multiplicou ao longo dos encontros abertos aos outros.

Após o trabalho do cartel sobre os textos fundadores, nosso grupo tomou consistência e com um objetivo comum, facilitando a resposta às questões que surgiram àqueles que queriam romper com os antagonistas do polo oposto. Mas Lacan não disse, em *RSI*, que quando os seres humanos não se identificam com um grupo, eles estão ferrados?

O cartel sobre os textos fundadores constitui uma modalidade de trabalho que ensina aos membros do cartel, psicanalistas e interessados na psicanálise, que a Escola existe para garantir que um analista “provém de sua formação”, como Lacan o diz em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967” e, como ele acrescenta em 1974, que o analista “não se autoriza senão por si mesmo... e por alguns outros”⁹. Essa função do cartel contribui para o que acontece no consultório, para a experiência do próprio inconsciente, ou seja, para psicanálise em intensão.

Mas o cartel também é um instrumento de coesão do grupo, apesar das crises. Essa função contribui para a psicanálise em extensão, portanto, para a psicanálise na instituição que faz face ao mundo. Após os encontros organizados em torno dos textos fundadores, um novo significante entrou no discurso. Aqui estão as palavras de minha paciente que participou desses encontros: “Sonhei que minha colega fazia o passe em Paris”. Podemos, assim, deduzir que um saber sobre a Escola se instituiu. Sem esse saber, não há futuro para a psicanálise em intensão e, sem ela, a psicanálise está fadada à extinção.

⁶ J. Lacan, “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 827.

⁷ J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 311-315.

⁸ C. Soler, *op. cit.*

⁹ J. Lacan, *O seminário, Os não-tolos vagueiam [Les non-dupes errent]*, inédito, lição de 9 de abril de 1974; versão brasileira, Salvador, de Espaço Moebius, 2016, p. 183.

Entre a psicanálise em intensão e a psicanálise em extensão, existe uma hiância. É uma hiância entre o particular e o universal, o individual e o coletivo, mas é o enodamento entre o um e o outro que torna eficaz a garantia da Escola.

Segundo Lacan, no cartel construído com base no nó borromeano, como ele o diz em sua “Intervenção na sessão de trabalho sobre: ‘Do mais uma’ e da matemática¹⁰” (13 de abril de 1975), se trata de que cada um imagine ser responsável pelo grupo, não imaginariamente, mas efetivamente¹¹. Parece que esse efeito pode ser transferido do cartel para um subgrupo de membros no Fórum, composto pelas pessoas mais ativas que estão na base do trabalho. Uma vez que a decisão de ficar foi tomada por cada um desse grupo, isso teve o efeito de manter a coesão do Fórum. Nesse contexto, a ruptura do laço por uma pessoa não resulta na dissolução de todo o resto.

Os três registros que constroem o nó, como Lacan o diz em “O triunfo da religião¹²”, um mês antes de *RSI*, são três “pequenas cordas” que o mantêm fora da água. Aparentemente, apesar da onda.

Tradução: Elisabete Thamer

O CARTEL INTER-FÓRUM E INTER-NACIONAL NA SUA FUNÇÃO NODAL DE COLOCAÇÃO À PROVA DO LAÇO SOCIAL NA ESCOLA DA IF

Celeste Soranna
Roma, Itália

Sabe-se que o 14 de julho é uma data importante para Paris porque ela constitui um dos acontecimentos históricos culminantes da Revolução francesa, pois a Bastilha era o símbolo do Antigo Regime. Porém, a tomada da Bastilha não tem um valor somente para os franceses, ela representa, como Giosué Carducci o evoca em seu “*Ça ira*”¹³, a passagem à época moderna, uma nova era para a humanidade, como também teria dito Goethe. É uma revolução que opera um corte epistemológico, um corte claro do que era o velho mundo e seus paradigmas.

O termo “revolução” reenvia a outra revolução bem mais importante, e não somente para a história da psicanálise, aquela da invenção do inconsciente efetuada por Freud, que Lacan em seu retorno a Freud denomina “revolução copernicana”. É sob a égide do significante “revolução” que eu gostaria de colocar as questões sobre o cartel e a Escola. Trata-se da revolução que se segue, ou melhor dizendo, que se renova a cada vez na oferta do discurso analítico.

O discurso psicanalítico é o paradigma da Escola dos cartéis, embora o cartel não tenha a estrutura, nem o funcionamento do discurso psicanalítico.

¹⁰ J. Lacan, “Journées des cartels de l’École freudienne de Paris, Maison de la Chimie”, *Lettres de l’École freudienne*, 1976, nº 18, p. 248-259.

¹¹ J. Lacan, “Intervention dans la séance de travail sur: ‘Du plus une’ et de la mathématique” (13 avril 1975): “Trata-se de que cada um imagine ser responsável pelo grupo, tendo, como tal, a responder por isso. [...] Além disso, ele não se imagina sem motivo, já que, de fato, o que faz o nó borromeano está submetido a essa condição de que cada um seja, efetivamente, e não apenas imaginariamente, o que mantém todo o grupo”.

¹² J. Lacan, *Le triomphe de la religion*, précédé de *Discours aux catholiques*, Paris, Seuil, “Paradoxes de Lacan”, 2005, p. 101; *O triunfo da religião*, precedido de *Discurso aos católicos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

¹³ Stefania Baragetti, *Carducci e la Rivoluzione, I sonetti di Ça ira*, Roma, Gangemi Editore, 2009.

É certo que o cartel dá consistência ao discurso psicanalítico enquanto “instrumento”, “órgão de base”. No entanto, a função de “órgão de base”, ainda que ela seja fundamental, não explica toda a causa de uma Escola.

“Quais cartéis para nossa Escola?” Primeiramente, no nível da denominação, a Escola é a Escola da IF, isto é, da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano. O que quer dizer que cada cartel é internacional por definição. É uma escolha que não é somente estatutária, É uma escolha que, igualmente, se articula a partir do conceito da dimensão “social” da pluralidade de línguas, as quais formam uma rede de trocas entre os vários fóruns e que leva em conta o fato de que o inconsciente não é sem ligação com a linguagem.

O significante “inter”, da inter-nacional, está também presente quando se fala de cartel, basta pensar inter-cartel. Isto permite pensar a Escola de psicanálise não como uma simples comunidade, embora ela o seja de fato, assumindo, além disso, princípios de regulação que a fundamentam, mas também como o que se funda sobre o que não existe e que não se situa como um “entre”, mas como um “inter”; dito de outro modo, pode-se compartilhar mas sem fazer relação. E sabe-se que o fato de que não haja alguma coisa não significa que ela não exista, ao contrário.

Ademais, há um ponto subjacente à questão “quais cartéis?” que ressoa do seguinte modo: como se pode permanecer membro da Escola – de onde pode resultar o desejo de prosseguir – além das idiosincrasias próprias à história de cada fórum?

Em outros termos, como trazer para um plano epistêmico o que permanece retido na busca de relação ao seio da Escola, enquanto Lacan nos adverte que não há relação? Eu acredito que isso vale também para a Escola. É preciso ir além e não permitir que o objeto causa se torne objeto de relação entre as pessoas. Isto é um obstáculo em todos os níveis.

É por isso que eu escolhi, no título, a expressão “colocação à prova”. “Colocação à prova” é uma expressão utilizada para definir a transferência ao invés de laço propriamente dito, mas é uma expressão que descreve também a experiência de um laço que não é para todos.

Dizer “quais cartéis para nossa Escola?” reenvia também aos diversos tipos de cartéis. É verdade que há diversos tipos de cartel, trata-se frequentemente de uma diferença dada pela finalidade própria ao cartel: tradução, revisão, redação de textos, leitura, estudo. Há, finalmente, os cartéis do passe que trabalham sobre as demandas ao coração da Escola, e que, supõe-se, são outra coisa. Mas, quaisquer que eles sejam, os cartéis compartilham a estrutura formal concebida por Lacan, a saber, eles atendem a uma regulação dada pelo número de participantes (4+1), e sua finalidade é atingir um objetivo mais ou menos preciso em um tempo dado. Eu penso que há uma diferença entre os cartéis que tem um objeto já definido, como por exemplo uma tradução, e os cartéis que parecem não objetivar as questões ao reduzi-las a um produto dado, porém que implicam a produção de um saber outro. Como diria Kuhn a propósito dos cartéis orientados para um produto específico, eles operam por uma “experiência de conversão²”. Eu gosto muito da expressão de Kuhn porque, mesmo que ele o ignore, ela lembra os mecanismos sintomáticos da histeria na produção de saber em um certo tipo de cartel, para os quais o produto seria um produto de conversão. Em todos os casos, a estrutura do cartel remete à eventualidade de uma passagem – de um discurso a outro – enquanto que, às vezes, é um autêntico apoio ao invés de uma passagem.

Outra coisa é saber o que é que se produz a partir desta falta radical que está na base da subjetividade. Lacan, no *Seminário 10*, no capítulo intitulado “De uma falta irreduzível ao significante”, enuncia uma fórmula muito forte sobre o saber: “[...] a partir do momento em que

² T. S. Kuhn, *La structure des révolutions scientifiques*, Flammarion.

isso é sabido, em que algo chega ao saber, há alguma coisa perdida, e a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço do corpo³”.

É assim que não há somente encontro de corpos, quer isto ocorra pessoalmente ou virtualmente. Não há somente a voz, corpo sutil... há também a escrita, que ganha corpo a partir de uma perda, para cada um de forma diferente. Ela faz *corpo* e faz *sintoma* implicando o nome de *cada um*, às vezes com uma única palavra, às vezes com uma frase... ou uma elaboração.

Mas, a diferença mais importante para mim, entre os diversos tipos de cartel, concerne a diferença que há entre formalização e ato.

Pode-se formalizar ou declarar um cartel, mas não há nenhum cartel sem ato, e além disso, não se pode saber, nem calcular os efeitos de um ato. Aqui identificamos a afinidade com o discurso analítico em lugar do discurso histérico.

E de qual maneira? Com uma incidência, por sua vez, sobre os grupos.

Tomemos a expressão segundo a qual o cartel seria a alma da Escola. Como dizia Bachelard a propósito dos cortes epistemológicos: “[...] frente ao mistério do real, a alma pode se fazer, por decreto, ingênuo⁴”. Ele queria dizer que, aquilo que se acredita saber vela o que se pode encontrar como um novo saber. Eu penso que há um saber reservado somente para a experiência de uma psicanálise propriamente dita e que também o cartel é o protótipo de uma forma de estar socialmente juntos. É algo que, como não existe, não se funda em uma relação e, ao mesmo tempo, não está fora da Escola. Pode ex-sistir como uma fórmula inédita de uma dimensão social, de um laço que não é para todos⁵, fundada em uma opção ética.

Fazer um cartel não é uma experiência teórica, nem um simples intercâmbio cultural, porque o intercâmbio cultural não toca o real. De que real podemos falar nesse caso? De fato, cada pertencimento a um grupo é marcado por um gozo. Às vezes, esses “pertencimentos” são muito duros de suportar, às vezes apresentam alguns traços de perversão masoquista. Além disso, onde reina a identificação, reina ao mesmo tempo a rivalidade e o imaginário do pertencimento que muitas vezes acaba colocando uns contra os outros. Trata-se de processos de grupo em detrimento da necessidade lógica da diferença. Tudo isso coloca entaves para a operação de uma causa outra.

Supondo o cartel como laço, como função de laço na Escola, podemos vislumbrar efeitos analíticos do trabalho do cartel, mas dentro dos limites que a própria função impõe, na perspectiva de fazer um laço além da identificação ao seu grupo de pertencimento. Não se trata de um elogio do não pertencimento⁶. De modo algum! Porque o desafio do cartel, o que faz falar, é o pertencimento à Escola, que é um pertencimento outro. É dessa maneira que pode ser protegido algo do desejo do analista, em uma Escola que verdadeiramente deseja analistas e que pode acolher e sustentar as questões como sempre novas.

A partir de uma experiência ainda em andamento, lembrando que já existe há vários anos, proponho que haja um lugar na Escola, um espaço, onde situar os ditos cartéis inter-fórum. Em outras palavras, não um quadro de avisos ou um catálogo, mas um lugar onde se possa localizar a possível contingência de uma troca, a eventualidade de colocar à prova novos laços.

Antes de concluir:

³ J. Lacan, *O seminário, livro 10, A angústia*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005, p. 149.

⁴ G. Bachelard, *La formazione dello spirito scientifico*, Roma, Raffaello Cortina, 1995, p. 55.

⁵ Ao dizer “um laço não para todos”, eu compreendo o que Colette Soler, no texto de 12 de novembro de 2017 dedicado à IF, ao citar Lacan, escreve: “Neste sentido, nossa política, a política ‘para nós’”, dizia Lacan, “é nossa forma de conceber um certo laço social. Este laço não é sem sua ética, a saber, uma posição em relação ao real”.

⁶ M. Zacchigna, *Piccolo elogio della non appartenenza: una storia istriana*, Trieste, Nonostante Edizioni, 2013.

Talvez... nenhuma outra “revolução” que não seja “outra”, senão “outra”, ou seja, seguindo o vetor da subversão indicado por Lacan⁷ e desde ontem ... ainda com o vento em suas velas do exílio... do qual ainda se sente o perfume... um corte?

Para concluir:

O trabalho de cartel – como foi concebido por Lacan –, cujos membros da Escola pertencem a vários fóruns, abre a perspectiva de uma transferência de trabalho muito além das identificações com seu próprio fórum de pertencimento. É assim que se pode fazer a experiência de um desejo outro, de modo que ele vá muito além do que é chamado de diferenças “linguísticas” e não somente: visando o coração desta passagem que leva cada membro da Escola a consentir em escrever os termos de sua implicação, em seu nome próprio, para a psicanálise.

Tradução: Graça Pamplona

O CARTEL: ARRISCAR-SE À PSICANÁLISE

Carole Leymarie
Paris, França

Eu escrevera, espontaneamente, um primeiro título que era “O cartel, aí se arriscar”. Depois, reformulei mantendo o termo risco e acrescentando “da psicanálise” que indica o meio, o objetivo e suas implicações para a nossa Escola.

Começarei por esta noção de risco. O risco veicula, ao mesmo tempo, a ideia de sorte e de perigo, mas também a de escolha, de decisão do sujeito de se aventurar no desconhecido.

“Imponha sua sorte, segure sua felicidade e vá em direção ao seu risco. Olhando para você, eles vão se acostumar¹”, escreveu René Char, este poeta e resistente francês, citado por alguns homens de poder² para justificar seus atos, às vezes ilegais. Mas se tomarmos esta citação tendo por referência o homem René Char, proponho tomar essa noção de risco em referência à noção de desejo, mais precisamente de um desejo decidido, sobre o qual diria que ele próprio não cedeu. René Char abandonou o ensino médio depois de uma brincadeira jocosa de seu professor sobre seus primeiros versos, integrou-se ao grupo dos surrealistas por muitos anos, antes de deixá-lo para reencontrar sua liberdade. Em seguida, no momento da Ocupação, ele não hesitou em colocar sua vida em risco ao participar da Resistência, com arma na mão. Lacan, ele mesmo, não falou de risco, apesar de ter se arriscado também, mas sem armas nas mãos, para sustentar uma modalidade de trabalho e o “organismo em que deve realizar-se³”: o cartel e a Escola.

No texto “Ato de fundação”, de 1964, Lacan destaca que ele não “precisa de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos⁴”, tal qual ele mesmo.

O que seriam trabalhadores decididos? Trabalhador designa o que é próprio do analisante, é ele

⁷ J. Lacan, “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 807.

¹ R. Char, *Rougeur des matinaux*, Les Matinaux, Gallimard, Paris, 1950, p. 101-110.

² Frase citada especialmente por Jean-Marie Messier, antigo presidente de Vivendi.

³ J. Lacan, “Ato de fundação”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 235.

⁴ *Ibid.*, p. 239.

que trabalha no tratamento analítico, mas é também um termo próprio ao inconsciente, este “trabalhador ideal”⁵.

No cartel trata-se de estar nesta posição analisante, analisante da psicanálise, como Lacan o fez durante toda a sua vida. É preciso ainda ter o desejo decidido. Um desejo decidido pela e para a psicanálise.

O risco de colocar-se em trabalho no cartel poderia ser da mesma ordem que aquele do momento de entrada em análise, aquele de optar por esta incógnita possivelmente perigosa; “incógnita possivelmente perigosa” é, aliás, o argumento mais amplamente utilizado, mesmo que formulado segundo os significantes próprios a cada um, para aqueles que não querem optar. Entretanto, não é suficiente entrar em análise para que a escolha de trabalhar em cartel se imponha para o sujeito. Que ele queira saber um pouco mais sobre o que funciona no tratamento pode ser uma das motivações.

Começamos a trabalhar em cartel independentemente do momento em que estamos em nossas análises. De modo lógico, no sentido da transferência, fazemos a escolha de trabalhar em cartel na Escola de nosso analista. Mas, se inscrever na Escola como membro é ainda uma outra etapa diferente. O voto de Lacan era de que entrássemos na Escola pelo cartel, mas isso não acontece quase nunca desta maneira, alguns já mencionaram isso em diferentes ocasiões⁶. Não deveríamos, portanto, nos instruir a partir dessa prática instituída, de que a entrada na Escola não é feita pelo cartel? São ditos cartéis somente os grupos de trabalho de 4+1 que estão inscritos no “Catálogo de cartéis”. Se partimos do princípio de que todo cartel é de Escola, devemos continuar a chamar de cartel todo grupo de trabalho de 4+1, ou deveríamos reservar o termo cartel para os membros da Escola? É uma questão que levanto, que poderiam critica-la por ter uma visada segregativa, mas que poderia também ter a vantagem de não perder de vista o que ela recobre e é a esse ponto que quero chegar.

O cartel é “o estofado” da Escola, como Sophie Henry o chamou em seu prelúdio para essa jornada, com sua metáfora tirada sobre “tear” [*métier à tisser*], que evoca em francês, ao mesmo tempo, a profissão e a ferramenta de trabalho do tecelão. Isto faz eco ao que estou tentando dizer relativo ao meio e ao objetivo do cartel, pela e para a psicanálise. É pela posição de analisante da psicanálise e para que a psicanálise continue a se transmitir e a existir, que nós temos necessidade de trabalhar com alguns Uns. Quais Uns? Aqueles que estão orientados por um mesmo horizonte, “um mesmo Sujeito suposto Saber”, dizia Colette Soler na discussão do seminário Escola de 16 maio de 2019⁷. Este “Sujeito suposto Saber” é Lacan? Se sim, o que é que diferencia nossa instituição das outras Escolas ou associações lacanianas? Dito de outro modo, por que não trabalhamos em cartéis inter-Escolas analíticas?

Volto-me, assim, para a história da criação de nossa Escola e da modalidade de funcionamento que foi adotada, a da permutação de pessoas em todas as instâncias que a constituem. Essa particularidade de nossa Escola foi pensada em resposta ao que motivou sua criação, ir contra os efeitos de grupo, no sentido de que o Um poderia querer se colocar aí como mestre. O Um que desempenha a função de sujeito suposto saber é induzido pela transferência, porque não? Mas não há um Um que, enquanto mestre, se mantenha ao nível das nossas instâncias.

Para voltar ao cartel, trata-se do mesmo para o mais-um que tem esta função durante dois anos junto de três a cinco cartelisantes. Meu questionamento visa o que Lacan enuncia em “D’écologie”, ou seja, no final de seu ensino e tendo ele mesmo se deixado ensinar por sua

⁵ J. Lacan, “Televisão”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 508-543.

⁶ Cf. Intervenções de Bernard Nominé e Colette Soler no Jornada de cartels em 2016 (textos publicados no *Bulletin des cartels* n°6)

⁷ C. Soler, “A transferência depois”, *Mensuel* n. 135, outubro 2019, p. 35-41.

experiência de Escola. Ele retoma a ideia de permutação que já estava presente desde o “Ato de fundação”. Já estamos vinte e cinco anos depois, quando ele acrescenta que é “para evitar o efeito de cola⁸” e que “o sorteio permitirá a renovação regular das referências”⁹.

O que me questiona, e ainda em ligação com o princípio de permutação próprio ao cartel e a nossa Escola, é que participamos muito pouco dos sorteios para constituir novos cartéis. Alguns o fazem, mais frequentemente os novos, alguns continuam a fazê-lo mas, depois que começamos a nos conhecer e a nos reconhecer, temos tendência de trabalhar mais ou menos com os mesmos. Digamos que nós nos escolhemos entre nós.

Em uma Escola que se fundou sobre o princípio de institucionalizar a permutação em todas as suas instâncias, por que não se adotou o princípio do sorteio para constituir todos os cartéis que poderiam, assim, serem ditos de Escola? Esta questão abre para uma outra, mais ampla, me parece: o que nos assegura de que não estamos nos efeitos de clã?

Acredito que já coloquei muitas questões. Vou, agora, concluir sobre o risco. O cartel, sob o risco da psicanálise, é o de um desejo decidido de quem se engaja em um trabalho em cartel, em nossa Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo laciano, e o risco para ela, nossa Escola, é o de ver a história se repetir através do efeito de discurso.

Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

⁸ J. Lacan, “D’écologie”, *Ornicar ?*, n. 20/21, Paris, Navarin, 1980, p. 14-16.

⁹ *Ibid.*

TERCEIRA JORNADA INTERAMERICANA DA EPFCL

CLÍNICA DO FINAL DE ANÁLISE

ABERTURA

Beatriz Maya
Medelín, Colômbia

A Escola dos Fóruns de Campo Lacaniano é internacional. Ela agrupa psicanalistas de várias partes do mundo. É a maneira pela qual Jacques Lacan pensou que eles poderiam formar um agrupamento que correspondesse mais ao discurso analítico que contempla o real. A cada dois anos, nós nos reunimos em um Encontro Internacional, todos os Fóruns que dela fazem parte e, a cada dois anos, intercalando com esse Encontro, realizamos uma Convenção Europeia e um Simpósio Interamericano, que é o que nos reúne hoje.

No âmbito de todos esses encontros, há uma Jornada de reflexão em torno da Escola e dos pilares que a sustentam, tal como Lacan a pensou com seus dispositivos: o cartel, a supervisão, o passe e a própria análise. Viemos da Convenção Europeia, realizada na semana passada em Paris, em torno do tema do cartel em todas as suas dimensões, incluindo os cartéis do passe. Hoje, escutaremos nesta jornada de trabalho o que corresponde a todo um andaime que põe em movimento essa experiência que podemos chamar, sem dúvida, de coração da Escola, criado por Lacan como dispositivo de garantia.

Começaremos ouvindo uma das AE atuais, Adriana Grosman, que, com seu ato, pretende estabelecer laços entre os membros da Escola, tentando passar, do horror, ao saber sem saber. Corresponde a continuar fazendo rodar o passe, como ela diz, sem Outro que saiba, para poder transmitir que o “horror no corpo, tecido de *lalíngua*, estranho saber não sabido de uma passagem, lhe mostra o impossível de saber. Ela nos dará “uma voz que se solta”.

Também ouviremos hoje a reflexão que as passadoras podem fazer sobre a experiência de escuta e a transmissão do testemunho pelo qual passaram. De que maneira foram tocadas e que consequências isso teve para cada uma. Adriana Alvarez mostrará que o passador é posto à prova e pode aceitar ou não a função, embora tenha interpretado sua designação como “Aqui se fez algo pelas costas”. Para Gisela Suárez, será uma questão de consentir com uma aposta que a levou a um ato decidido de abandonar a instituição à qual ela pertencia por muitos anos e apostar na Escola dos Fóruns. Ida Freitas encerra, assim, sua exposição: “A experiência no dispositivo do passe como passadora demonstrou o que cessa de se escrever e o que não cessa de não se escrever em uma análise, portanto o impossível de uma transmissão, fazendo apelo a uma ética diante do real que faz aí *mostração*”; mas, antes, ela nos conta a incerteza vivida na experiência, na qual um saber sobre a tentativa vã de honrar o passante com seu dizer fiel é enfrentada com horror.

Sandra Leticia Berta, membro do precedente CIG, tratará de responder à preocupação sobre o lugar do diagnóstico no passe, levando a cabo sua reflexão com a importância da singularidade diferenciada da particularidade a partir da lógica, o que a levará a afirmar que “não deveria haver lugar para o diagnóstico (universal nem particular) nos cartéis do passe”. O que, segundo ela,

não impede que haja perguntas sobre os “tipos clínicos” nos cartéis. Ele deixará esta questão para debate: “Há litoral entre o *diagnóstico do singular* e a nomeação?”

Da mesma forma, Ana Laura Prates, membro do CIG atual, proporá uma diferença entre o uso que se faz do diagnóstico na clínica analítica, onde o considera necessário para o manejo da transferência, do diagnóstico não necessário na experiência do passe, dado a diferença radical da transferência, pois nos dirá que o passe “exclui a transferência enquanto amor que se dirige ao saber. Se transferência há, é aquela que Lacan um dia chamou pelo nome de transferência de trabalho”.

Os secretariados de passe também têm algo a colocar em discussão. Trata-se do que acontece com as demandas de passe que são endereçadas a eles. Elisabeth da Rocha Miranda, membro da CLGAL anterior, responderá à pergunta: “Qual a função da entrevista para entrada no dispositivo de passe?” Ela situará a função de secretariado fora do burocrático, pois se trataria de uma função que toma cuidado para não confundir a entrevista com o próprio passe e para isso afirmará que o secretário tem a função de dobradiça entre o candidato e o dispositivo do passe.

Por fim, a participação de Clara Cecilia Mesa, membro do atual secretariado do passe, girará em torno da pergunta: “Como o secretariado do passe articula o tratamento das demandas que lhe dirigem com o que seria a clínica do final de análise?” Desenvolverá a resposta através do que seria cernir uma demanda de passe entendida como “passar do enganoso da demanda para joeirar o desejo que subjaz”.

Reunimos, assim, todos os elementos que entram em jogo na experiência do passe, desde o passante, os passadores, os secretariados e os cartéis do passe. Dessa forma, fazemos existir a Escola diante de um público variado que, aos poucos, possa assimilar como é o nosso funcionamento, para o qual aponta a garantia da Escola para além da análise. Uma Escola orientada pelos ensinamentos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, este último apostando em ter o real como ponto de mira.

Sabemos que por trás da experiência do passe estão os analistas que, graças a seus atos, propiciam a formação de novos analistas que, por sua vez, multiplicarão exponencialmente as possibilidades de novas análises didáticas. Alguns destes serão colocados à prova no testemunho que poderá permitir ao cartel a decantação do desejo do analista. Há também os AME, Analistas Membros da Escola, que propiciam que a engrenagem possa funcionar, graças à designação de passadores.

Vocês estão convidados a escutar e discutir o que é dito aqui com a convicção de que, em nossa Escola, todas as vozes são ouvidas com o devido respeito por tomar sempre em conta a singularidade.

Tradução: Elisabete Thamer
Releitura: Graça Pamplona

QUAL DE(S)CISÃO PARA O PASSE?

Adriana Grosman
AE, São Paulo, Brasil

Falar para um público tem causado mais desdobramentos para minhas questões, identificadas como restos ou mostras de um inconsciente que não para de não parar. Essa descoberta, ligada ainda a experiência do fim de análise entusiasmo e faz falar mais, *encore*. Há uma mudança de direção da fala, não mais para o analista, mas para um público, para uma Escola, que aposta, na transmissão singular da experiência de análise daquele que acabou e formalizou seu percurso e na transferência de trabalho.

Nunca foi fácil falar em público e foi uma surpresa encontrar no novo sintoma do fim, ao falar, a que chamei de “descolada”, a Escola fazendo parte deste, “d-escola-da”, aquilo que se sabe sem saber. Venho pensando nisso como a possibilidade de fazer laço, após a solidão vivida no fim. Um achado do analista numa Escola onde a formação continua fazendo os laços crescerem, para o trabalho e interesse pelo inconsciente, esse conjunto aberto, desconhecido, que faz com que possamos produzir nossas órbitas.

Também girava nessa órbita, meu trabalho, a clínica, onde era possível escutar este inconsciente além do Outro, inconsciente estruturado como uma linguagem, suposição do ser falante, que retorna a mensagem invertida, e assim, escutar os outros, aquele que chega com seus ditos e certezas, e pode com o tempo vir a se surpreender. Como nada ocorre como é o esperado, se surpreender é o que pode acontecer de melhor, incluir a contingência nesses ditos certos e defendidos do sujeito que procura um tratamento para a sua dor.

É preciso dizer que desde a experiência como passadora venho me surpreendendo com os dados rolando, não para acertar o passo, mas para fazer o passe rolar. Fala para um, que fala para outros, outros que falam para outros, e assim vai rolando o falar, condição primeira: “fale mais”. O sujeito, fala ser, falta a ser, precisa falar.

Faz falar este elemento tão inconsistente e não revelado, o conteúdo da carta, que chegou ao seu destino, “sem saber”. Não tem dica do Outro, o “decifra-me...” edipiano dirigido ao oráculo cai por terra. Nesse momento a descoberta é que não tem Outro e, mais ainda, não tem outro que saiba, nem que garanta a “ex-sistência”.

A transmissão parte daí, é portanto, uma missão, como todas, impossível. Impossível de dizer, já dito, contradição sempre presente, não fugimos dela, porque o dizer está por trás do dito mas nem por isso é simples o dizer.

Por outro lado, a convocação para este dizer é grande: “Diga!”

O que se ouve deste dizer?

Fui escutada ao dizer justamente na relação que fiz com o olhar, quando lancei uma frase que precipitava um saber, que me fez silenciá-lo por um momento e avançar novamente. Não por acaso, tratava-se da separação do fim (de análise), e incluía o analista e não só o analisando como precipitadamente eu podia ver. Voltarei a este ponto.

Importante lembrar que o dizer implica a pulsão, “as pulsões são, no corpo, o eco, do fato que há um dizer¹”. Transmitem, partindo do olhar, uma mudança onde num primeiro

¹ J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sintoma*, 1975-1976, trad. Sergio Laia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 18.

momento, falava de uma imobilização representada pelas fotografias, eu sendo vista a partir daí, do olhar do outro, sendo fotografada, para o ponto onde o olhar atravessava a fantasia, e via o vazio, real.

Instante importante de ver, que chamei de horror, um horror que acorda o sujeito, como diz Soler. Horror no corpo, tecido de *lalangue*, estranho saber não sabido de uma passagem.

Essa topada com o real foi numa ópera, “*The Passenger*”, onde reencontro com a angústia, por um arrepio no corpo, seguido de muita emoção porque me lembrava o medo que estava vivendo naquele momento do fim.

Através da cena da ópera sou arremessada a cena das mulheres carecas trabalhando nos campos de concentração, e vejo o que antes não podia ser visto, o significante careca caindo de seu significado e até o medo de ficar doente dizendo outra coisa. Apontava para um insuportável vazio, *infalável*, das experiências de horror vividas, nesse caso, pela minha avó, estas que marcam o corpo, transmitidas mas não simbolizáveis, não humanizáveis.

Descubro o impossível de dizer e como isso faz sofrer.

Parecia ser “melhor não saber”, dito repetido da infância que sempre me intrigou. Poucas lembranças sobraram desta infalável experiência de horror vivida pela minha avó, judia e escondida como católica, durante a guerra.

Uma delas, quando sentada ao piano, na casa de estranhos recebe a visita de um coronel da SS, este a cerca e a assombra, o som das suas botas, pisadas fortes se aproximando a deixaram imobilizada, com medo de ser descoberta, jogando fora, assim, suas últimas fotografias da família. Ela apagou tudo menos o som das botas se aproximando, esse barulho que posso escutar agora.

Um barulho, estranho saber ex-sistente, que dá medo, justamente, porque revela um olhar entre as frestas, para o vazio. O que dizer do vazio? Um corpo carimbado que insiste em tentar encobrir a dor dessa existência de ser marcado pelo Outro. Marcas ainda que o simbólico não alcança, isso se apreende numa análise, não dá para não ter se enganado, ou ter sido “enganada” pela *lalangue*, como já disse em outro momento.

Esse dizer de *lalangue* extrapola o sujeito, o faz querer falar, assim como antes falava para se livrar da dor do sintoma. Parece ser outro falar, um falar de uma experiência da diz-menção² desse inconsciente.

Assim, missão impossível seria mostrar a emergência do inesperado. Como Lacan mostrou com o *Banquete*, “O belo não é, ele se faz. Nasce da penúria e demanda o que não tem fronteiras, o real. O belo é o inesperado, a esperança que irrompe até mesmo em lugares inesperados, numa conversa, no lixo. O belo não nasce do que a carta diz, mas do que ela não diz, nasce dos furos, da deterioração, da decomposição³”.

Demolido o belo, Lacan inicia um novo banquete, o da transferência, “que gira em torno de Sócrates, aquele que não pretende saber nada além do amor, não diz quase nada, e este quase é o essencial⁴”. O analista está neste lugar do quase nada.

² Diz-menção, a função da fala e o campo da linguagem, constituem o corpo como lugar, topos, escrita do nó borromeano que apresenta como enlaçamento RSI em torno deste ponto comum, objeto *a*.

³ Platão, 427-347 a.C., *O banquete*; tradução notas e comentários Donaldo Schuler. Porto Alegre, L & PM 2018, p. 171.

⁴ *Ibid*, p. 170.

Saber que desconforta, Lacan insistia “nenhum ensino fala do que é psicanálise, cuida-se apenas de que ela seja conforme⁵”. Para confortar o analista?

Como um psicanalisante passa a psicanalista? Não é narrando a sua história, nem procurando a sua origem, nem se confortando, mas decidindo separar-se de um Outro, sujeito suposto saber, eixo por onde se articula a transferência, encontrando um vazio, uma solidão. Uma voz que se solta.

Desde o diálogo de Platão, sabemos: “nada de diálogo”, cada um fala sozinho. O que não apaga a dimensão do tempo para o dizer, o grande percurso de uma análise, do amor transferencial até a dissolução, ou liquidação da transferência, para uma análise acabar, chegar ao seu fim.

Lacan, mais tarde, na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, chama à atenção para a futilidade do termo liquidação com respeito a este furo, diz ele, “somente onde se resolve a transferência. Só vejo nisso, ao contrário das aparências, a denegação do desejo do analista⁶” e continua “a transferência nunca foi senão pivô dessa própria alternância⁷”. Mostrando a importância do desejo do analista que aponta para este furo, entre dois, onde se resolve a transferência.

Assim, e aqui encontra-se a frase que me deu tanto trabalho: “daquele que recebeu a chave do mundo na fenda da impúbere, o psicanalista não mais tem que esperar um olhar, mas se vê tornar-se uma voz⁸”.

Difícil questão, que não pretendo esgotar aqui, mas elucidar com Nguyễn⁹ que ouve esta questão sobre a voz, em Lacan, como sendo sua lição sobre o desejo do analista... “devolve ao psicanalista o efeito de angústia em que ele oscila em sua própria dejeção¹⁰”.

Aí que está a questão, se produz um movimento que diz respeito aos dois, dois parceiros da análise e porque não, também na separação.

O analista não tem mais que esperar um olhar, objeto privilegiado do fantasma do analisante, fantasma que ele justamente atravessa e que o analista até então sustentava. Mas, o ponto de tornar-se uma voz, voz como voz de solidão, só por onde é possível escutar o outro. O analista oscila em sua própria dejeção seria o resto, resíduo deixado pelo próprio analisante. Fim de análise¹¹.

Me pareceu importante juntar esta posição de psicanalista dejetivo, para deixar o outro ir como um dos pivôs desta separação, antes não vista, porque enfatiza a importância da formação do analista, que não para de não se escutar. Levando, assim, a questão da *de(s)cisão* do passe no sentido de falar para a Escola, para outro, ligada ao “diálogo” solitário, de um não saber, que aposta no trabalho, *work in progress*, a partir do laço, para a própria formação do analista (psicanálise em intensão), como também um “*animateur*” da psicanálise (psicanálise em extensão). Função do AE.

⁵ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003, p. 250.

⁶ *Ibid*, p. 260.

⁷ *Idem*.

⁸ *Idem*.

⁹ A. Nguyễn, “Do saber –fazer ao saber-dizer do psicanalista”, *Wunsch* Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n.17, fev. 2018, p. 38.

¹⁰ J. Lacan, J. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 260.

¹¹ A. Nguyễn, “Do saber –fazer ao saber-dizer do psicanalista”, *Wunsch* n.17, *op. cit.*, p. 39.

Desejo do psicanalista que decide separar-se e, voltamos ao início do texto, decide falar para um público para manter vivo o trabalho com o inconsciente freudiano.

Uma separação que nunca se encerra, desta forma, um “se parir”, a cada fala e a cada escuta.

Se saca o “Um” no final de uma análise. Não o “Um” unificante, mas pelo contrário, o *um* que desunifica. Freud pareceu buscar o *um* unificante, percebeu a dimensão disruptiva disso para a sociedade¹², porque parecia deixar o ser sozinho, desamparado, tudo que indicava acabar com a sociedade. De fato, Lacan acabou, rompeu com esta sociedade e valorizou a partir disso, o um que faz laço.

Deixá-lo ir, o paciente, em plena descoberta angustiada é contra a corrente... nada confortante.

UMA POSTA À PROVA

Adriana Álvarez Restrepo
Medelín, Colômbia

A proposta de contribuir para a reflexão a partir de minha experiência como passadora me permite articular algumas ideias surgidas nos encontros do cartel: “Depois do passe”. Parte do que escrevo é fruto dos aportes que recolhi nestes encontros em que propomos voltar sobre nossos passos, esclarecer algo da experiência e cingi-la até os limites de nosso alcance para não deixar que fique como algo insondável. No processo, vemo-nos ligados à Escola ao nos articular a um trabalho conjunto.

Retomando a metáfora de Freud na qual propõe a análise como uma partida de xadrez¹, podemos considerar que essa partida contempla, entre as jogadas finais, o momento clínico do passe: a destituição subjetiva. Posteriormente, chegará o término da partida, que Lacan nomeia a passagem de psicanalisante a psicanalista².

Lacan, na Proposição de 9 de outubro, estabelece o princípio do passe e faz uma afirmação que sustenta sua proposta sobre este dispositivo: “Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar³”. Então se convida aqueles que estão nesta brecha a elaborar algum saber a respeito, pois este saber não está decantado. Ao término da relação de transferência, resta um ser destituído como sujeito, guinada do ser que dá passagem a um desejo novo. Tanto na “Proposição de 9 de outubro” quanto na “Nota italiana” [Nota aos italianos], o momento clínico da destituição subjetiva aparece ligado a todo aquilo que concerne ao passe⁴. Parte da eficácia do dispositivo se suporta em

¹² C. Soler, C., *O que faz laço?*, trad. Elisabeth Saporiti, São Paulo, Escuta, 2016, p. 22.

¹ S. Freud, “Sobre la iniciación al tratamiento” (1913), *Obras completas*, tomo XII, Buenos Aires, Amorrortu, 1978.

² J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, J. Zahar, 2003.

³ *Ibid.*, p. 258.

⁴ C. Soler, *Comentario de la Nota italiana de Jacques Lacan*, Asociación Foros del Campo Lacaniano, 2008.

momentos diferentes da destituição e, por estas condições estruturais, o dispositivo em si mesmo está posto à prova a cada vez.

O passante põe em marcha o dispositivo quando arisca dar conta daquilo que o levou a querer ocupar o lugar de analista e se anima em apresentar o saldo de sua análise depois de ter constatado limites inevitáveis. Este saldo se expressa em traços que nos aproximam ao que pode lhe servir de suporte para ocupara a função de analista. Assim extrai as consequências de sua análise ao voltar sobre os passos do final e sobre os efeitos clínicos de seu tratamento. Algo que não está na ordem do significante se transmite, como uma marca que tem a ver com o real⁵, à qual se aproxima o passador deixando nele seus efeitos.

O trabalho do passante se faz antes e durante a passagem pelo dispositivo e, em seguida, vemo-lo surgir nas transmissões posteriores em espaços de Escola. No que escutei, pude observar como um passante nomeado pôde situar aquilo que fica de fora, o desalojado, o que funciona em sua singularidade como orientador, também o que lhe permite se autorizar a conduzir outros na associação livre, a posição singular frente ao horror ao saber que lhe permitirá não retroceder em sua escuta como analista, transformações importantes em seu tratamento, entre outras coisas. O passante toma a si mesmo como caso, não preenchendo-o com teoria, mas deixando indicado o ponto de furo e assinalando que há um real.

Nesta aposta, resulta definitivo que o passante consinta em se desprender dos restos de sua análise e que consinta em não estar. Terá que deixar que esse saber não sabido siga seu curso e que fique submetido a um traçado que não se pode dirigir. Isso implica se dispor para que o testemunho siga eu caminho nessa engrenagem de estrutura cortada e descontínua que é o passe. Por isso seu testemunho circula como água e o passante cultiva o afastamento, de maneira que, no dispositivo ele está dentro e fora ao mesmo tempo.

Por outro lado, o passador se encontra à prova em sua maneira de responder a um tipo de destituição em ato, tendo sido designado por seu analista, que já fez leitura clínica dos momentos do passe próprios desta análise. O que chega com a surpresa da ligação me parece como: “Aqui se fez algo pelas suas costas”, foi-lhe proposta uma função para qual não se considerou seu consentimento até o momento, e então retorna uma pergunta: Está disposto a admitir uma função para a qual não há um saber? O chamado inclui consentir em estar destituído na operação do passe para operar como placa sensível e como caixa de ressonância do passante. Aqui a possibilidade de-ser o passe é ter saído do passe recentemente ou estar nele.

Ao passador cabe fazer passar algo do que o passante lhe transmitiu com a dificuldade da natureza do que se passa ser da ordem do intraduzível. Um passador se presta a deixar-se levar pela corrente sem saber para onde vai, impregnando-se do dizer do passante e deixando que isso opere sobre seu inconsciente. Então o testemunho será como água e o passador estará aí deixando-se levar pela corrente. Sem sabê-lo, o passador encontra a marca do desejo de saber que faz de um sujeito resto da humanidade e, logo, o cartel deverá localizá-la⁶. Para o passador, o recurso às formalizações é obstáculo para que se deixe surpreender pelos efeitos da experiência, ficando o apreço ao dispositivo em sua pretensão de que seja ali mesmo onde se pode esclarecer algo.

Por outro lado, o cartel verifica a função do desejo do analista no reconhecimento de uma marca da experiência feita em análise sobre a qual não há um saber. O cartel está destituído de um saber sobre o passe, pois sobre esta marca que se deverá reconhecer não há um

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*

saber, é uma marca que vem do real e será verificada do lado do afeto ou, em suma, do lado de algo que não passa pelo significante⁷.

Por último, a tendência à padronização pode ser entendida como uma defesa do cartel frente à destituição, pois o que se faz presente é um dizer destituído que exige o dispositivo. “Um dizer” que passa, um dizer novo que se confunde, um defeito do dizer com efeitos de transmissão. Nestas condições se dá a prova do passe, convidando o passador á aproximar-se ao passe daqueles que caíram da falácia de supor um sujeito ao saber⁸, e que fazem com tudo isto causa para que os outro se analisem.

Tradução: Leonardo Pimentel

ESTAR UM PASSO MAIS ATRÁS DO QUE O PASSANTE

Gisela Suárez Sepúlveda
Medelín, Colômbia

Passaram-se aproximadamente 20 meses desde que fui surpreendida por um telefonema. Do outro lado, uma voz com sotaque estrangeiro me informava sobre o sorteio de passadores: você foi sorteada, aceita ser passadora? O telefonema me causou um estado subjetivo de perplexidade, de confusão, de curiosidade, isto é, uma série de emoções descontraídas. Somente então me dei conta de que estava em outro momento de minha análise, ao mesmo tempo em que um titubeio me invadia para assumir o dispositivo da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano. Esse estado subjetivo desconcertante foi se dissipando pela série de perguntas que emergiram para mim, tais quais: em que momento estou da minha análise? Posso ocupar esse lugar apesar de não estar vinculada a essa Escola? Essa experiência evocou em mim uma lembrança daqueles primeiros anos de aproximação à psicanálise quando estava em uma atividade de Escola sobre o cartel – cartel do passe. No momento em que escutava falar sobre isso, disse a uma amiga que estava à minha direita: “eu não acho que terei essa experiência, é para outros”. Via como algo inalcançável!

Mas hoje estou aqui, diante de vocês, em uma cidade da qual não sou originária, para tentar dizer algo sobre uma experiência clínica e subjetiva de caráter único, que marca um momento decisivo em minha relação com a psicanálise.

A seguir, nomearei três aspectos que descrevem o que essa experiência deixou para mim.

O primeiro aspecto: uma grata surpresa

Fui surpreendida por meu analista, já que ninguém mais pode fazer esta designação – a qual eu não esperava e à qual disse “sim”, depois de ter perguntado a ele se poderia ocupar esse lugar por não pertencer aos Fóruns. Sua resposta foi: “por que não?!”.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

Nesse momento, me vi confrontada a um vazio de saber. Não havia imaginado esse lugar de passadora porque achava que não estava preparada para isso. Dias depois, lembrei uma frase que me era enigmática e que tinha lido no *Seminário 11*: “é o sujeito que é chamado, não há outro, portanto, senão ele, que possa ser escolhido¹”. Como responder a esse lugar de passadora? Essa foi outra pergunta que surgiu para mim nesse primeiro momento, e da qual espero poder dar conta.

“Para Lacan, o passador é como o estudante que não terminou sua tese, mas que está trabalhando nela²”. Ter estado no lugar de passadora foi me descobrir no passe, foi consentir com esse momento, foi me possibilitar escutar um testemunho antes do cartel do passe – pois eles não o escutaram diretamente, mas através dos passadores –, o que me provocou uma grande responsabilidade para transmitir o testemunho escutado.

Segundo aspecto: consentir com uma aposta

Seguindo esse exemplo do estudante, digo que aceitei a designação confiada a meu processo de análise e na aposta feita por meu analista, porque não há um padrão, um protocolo ou um modelo a ser seguido. Foi um lugar que comecei a ocupar a partir do momento em que disse “sim”, apesar da incerteza que mencionei anteriormente, a qual foi se dissipando no encontro com o passante e com os jurados do passe.

É um encontro às cegas? Atrevo-me a dizer que não. “Vai-se com alguma referência”, apesar de ser um encontro entre dois desconhecidos. Aqui se põe à prova o dispositivo do passe, dando passagem a uma confiança espontânea mediada pela transferência com a psicanálise e em que se põe em jogo a escuta, o olhar e a voz. Primeiramente, foi com o passante e, logo, com o cartel, ao qual se transmite o testemunho.

Tive a oportunidade de realizar dois encontros com a passante, nos quais a tensão esteve presente, mas não se manifestou como obstáculo para estar ali. Estive ávida por querer escutar a experiência de análise e percebi como seus dizeres já não estavam mais submetidos à demanda do Outro.

Lacan colocou entre o passante e o júri da Escola os passadores, e diz que eles “são o passe”. Algo do passe ressoou para mim para poder fazê-lo chegar ao júri; foi a experiência de análise que se colocou à prova para acolher o relato da história trágica do passante e deixar fluir o que deve passar de sua realidade: os modos sintomáticos, como pôde elaborá-los e como foi seu percurso até a hystorização.

É um tempo lógico único que se dá ao acaso, que não tem a ver com acumular saberes teóricos; não se trata de estar somente na posição de secretário para entregar as anotações a um júri, mas há uma total disposição para poder interagir com passador e com o júri.

Em direção a um trabalho de Escola

É uma aposta entre vários, na qual estão involucrados o passador, o analista, o passante, os membros do cartel, o secretariado e o próprio dispositivo do passe da Escola, o que a faz viva!

É um lugar ativo, único, edificado com a singularidade de cada passador; chega o momento em que menos se o espera.

¹ J. Lacan, *O seminário*, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 50.

² J.-A. Miller, *Introducción a la clínica lacaniana*, Gredos, 2017, p. 258 – 266.

É uma designação que faz alusão à própria análise, a estar em um final, do qual ainda não adveio a saída, está-se atrás do passante, o passante vai na frente. “É apaixonante ver o que será o ‘passo adiante’ para ele. E poder testemunhar se o que ocorre é realmente um ‘passo adiante’³” (Miller, 2017, p. 260).

A Escola, através desses encontros, nos permite assumir que a designação de passador não é um lugar fixo, é transitório e é possível vivenciá-lo.

Essa experiência me aproximou de uma Escola de trabalho, com uma porta entreaberta que precisa terminar de ser aberta para que se possa entrar. Para poder atravessá-la foi preciso tomar a decisão de sair de outro lugar em que me encontrava, há muitos anos, em um trabalho decidido que chegou a seu fim.

Esse encontro fez-me sentir convocada e com desejo de contribuir com meu grão de areia a um trabalho de Escola que só é possível se está barrada.

Para finalizar, quero compartilhar a seguinte frase de Jacques Lacan: “*quando estamos frente a algo impossível resta somente um caminho: fazê-lo. O impossível é para ser feito, não para ser prometido, claro que tem um requisito: não retroceder frente o desejo impossível que nos habita*”⁴.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

DO POSSÍVEL DO TESTEMUNHO AO IMPOSSÍVEL DA TRANSMISSÃO

Ida Freitas
Salvador, Brasil

Foi durante o trabalho no secretariado do passe, já imersa nas questões acerca das demandas dos passantes ao dispositivo do passe, que me surpreendi com a indicação de meu nome como passadora, sobreposição que se fez necessária diante do momento de passe. Como equacionar o tempo lógico do inconsciente com o cronológico do secretariado? E me afasto, a partir daí, das entrevistas e discussões dos candidatos ao passe, que tanto me interessavam por permitir uma primeira aproximação mais direta a esse dispositivo, e me incluo na lista de passadores pela qual também estava responsável.

Particpei de dois passes nesse período, experiências absolutamente distintas que fizeram a demonstração de que “há um real na formação do analista” se considerarmos que funcionar como passadora toca diretamente essa formação, na medida em que pode vir a afetar drasticamente a análise – foi assim no meu caso –, especialmente seu momento final, por fazer interrogar concepções construídas pela experiência e aprendidas pelo estudo sobre o final de uma análise.

³ *Ibid.*, p. 260.

⁴ O. Castilleros, *Las 85 mejores frases de Jacques Lacan*, obtido a partir do link <https://www.frases-y-reflexiones.com/>

O possível do testemunho

“Deixo-o à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar, da melhor maneira possível, sobre a verdade mentirosa¹”. Reservo aqui a expressão testemunho para o passante.

Testemunhar o quê?

Sobre uma história, sobre essa *histoeria* tratada em uma ou mais análises, que diz da relação de cada um com seu inconsciente, sobre os pontos cruciais dessa experiência, seus efeitos, afetos, sobre o que foi possível transformar, atravessar no campo dos ideais, das identificações, como cada um se virou com seus significantes mestres, com suas marcas, seus traumas, enfim, sua ex-sistência.

Testemunhar ao passador produz enredo, narrativa. Uma história recortada dessa existência, que é contada com certa cronologia, ordenamento e sentido, com elementos que o passante julga essenciais como os principais sonhos que marcaram por um efeito revelador da inconsciente linguagem ou por desconstruírem algum sentido, ou ainda interpretarem certa posição de gozo. Cada um a seu estilo busca demonstrar início, meio e fim de sua experiência analítica com maior ou menor formalização de seu próprio caso.

Ao abordar o essencial da história transferencial, algumas interpretações com efeitos de virada, queda, desprendimento são postas em evidência confirmando o laço analítico e o trabalho de transferência em curso até seu final com o desenlace testemunhado.

Essa decantação conduz e é conduzida à circunscrição do final da análise e suas implicações, em termos de separação do Outro, mudança de gozo, travessia da fantasia, esvaziamento da demanda, queda do sujeito suposto saber, e um saber fazer, virar-se com o que resta da operação analítica.

O impossível de uma escuta e transmissão

Reservo a expressão transmissão ao trabalho do passador.

No seu comentário à “Nota italiana”, Soler² levanta a seguinte questão: O que deixam incerto os passadores? – a partir da frase que destaca de Lacan: “o bastante para que os passadores se desonrem ali ao deixar a coisa incerta” – e responde:

O que deixam incerto é a questão de saber se há analista, e se a deixam incerta é porque não se pronunciaram a partir de dois traços; que há um sujeito que cerniu seu horror ao saber e que foi levado ao entusiasmo.

Sempre me coloco questões a respeito dessas incertezas como as expressas a seguir.

O encontro com a cartel pode desconcertar, desarrumar, desordenar a intenção de fala/transmissão do passador, e, ainda, produzir embaraço, inibição. Por quê?

Porque coloca o discurso diante de um impossível de dizer, expõe o sujeito na função de passador ao Real dessa experiência?

¹ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” [1976], *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003. p. 569.

² C. Soler, *Comentario de la ‘Nota italiana’ de Jacques Lacan*, Medellín, Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2018, p.106

Na tentativa vã de dizer da melhor forma, a mais clara, a mais próxima, mais fiel ao que foi escutado do testemunho, pode haver um encontro com o vazio de sentido, ou melhor, com a inutilidade de todo sentido, o encontro com o sem sentido que atordoa, desnorteia, corta, promove um deparar-se com o horror de saber?

Na tentativa vã, também, de honrar prioritariamente o passante, sua fala, os efeitos tão surpreendentes de sua aventura analítica, de sua experiência, até mesmo a beleza de uma discursividade ou narrativa (eis aqui um enorme engodo), sua intenção de transmissão, e assim, sem saber de antemão, não priorizar a função passador que é o próprio passe, essa dobradiça analisando/analista, o passador acaba por não alcançar a tarefa de, em seu encontro com o cartel, verter a “meia verdade de um saber insabido”, deixando incerto que há um sujeito que cerniu seu horror ao saber e que foi levado ao entusiasmo?

De um testemunho a outro, de uma transmissão a outra, de analisando a analista, função de passador

Uma experiência que atordoa não é sem efeitos e consequências para um sujeito que está às voltas com seus atravessamentos e travessias, advento do real que faz trabalhar, dar alguns passos a mais, ainda na elaboração dos limites da fala, da linguagem, da relação do dito com o dizer, da radicalidade a que se pode reduzir o falasser.

Uma nova experiência, segunda volta, que carrega os efeitos epistêmicos e subjetivos de uma primeira, possibilita uma posição quase absolutamente distinta na transmissão, quando a função de levar e passar o testemunho se destaca como fundamental.

Tendo perdido o afã de dizer tudo e também deixado cair a bobagem de um compromisso imaginário com o passador no aquém de suas palavras, foi possível o distanciamento necessário tanto da pessoa do passante, quando da subjetividade do passador, sendo então exequível a transmissão da lógica na história recolhida do passador, evidenciando o essencial, o mais esvaziado possível de sentido para a comunicação ao cartel.

Uma segunda volta, segundo encontro com o cartel, que a meu ver deixa mais evidentes as questões em torno da conclusão da experiência, que põe em causa a passagem analisando/analista com seus efeitos relativos ao horror de saber e afetos resultantes.

A experiência no dispositivo do passe como passadora demonstrou o que cessa de se escrever e o que não cessa de não se escrever em uma análise, portanto o impossível de uma transmissão, fazendo apelo a uma ética diante do real que faz, aí, mostração.

QUAL A FUNÇÃO DA ENTREVISTA PARA ENTRADA NO DISPOSITIVO DO PASSE?

Elisabeth da Rocha Miranda
Rio de Janeiro, Brasil

O passe na Escola de Lacan é um dispositivo que tem a estrutura do chiste, onde dois falam e um terceiro ri denunciando um dito que ilumina o desejo que se esconde por trás desse dito. Então temos o passante e dois passadores que se dirigem ao cartel do passe que julga se houve ou não um final de análise naquilo que ouve dos passadores.

O objetivo dessa estrutura, nos ensina Lacan, é propiciar que algo novo surja quando o analisante tenta passar algo de sua própria análise. Assim saímos do caso clínico construído pelo analista para a prática do testemunho da própria análise. Mas para entrar nesse dispositivo o candidato deve se dirigir ao secretariado do passe. Tal secretariado é composto por membros de Escola eleitos em assembleia para compor o Dispositivo Local de Escola no caso do Brasil a CLEAG Comissão Local Epistêmica e Acolhimento e Garantia¹. Dentro dos membros que compõem essa comissão são retirados os que atuarão na CLGAL, Comissão Local de Garantia para América Latina composta atualmente por dois membros do Brasil e um da América Latina Norte e outro da América Latina Sul. A CLGAL compõe o secretariado do passe para o Brasil e América Latina Norte e Sul.

Então temos: o passante passa sua experiência, o passador passa o que pode colher dessa experiência para o cartel do passe que julga a partir do que ouviu. E o secretariado, o que faz? Secretaria. O que é *secretariar*?

O dicionário nos diz que secretariar é viabilizar um funcionamento. No passe o secretariado tem como finalidade receber o pedido do candidato a passante para ingressar no dispositivo do passe e decidir sobre a pertinência desse pedido. Nesse sentido o secretariado do passe não teria uma função puramente burocrática, não se trata apenas de viabilizar um funcionamento. Pelo contrário, é uma tarefa delicada e sutil que envolve a confiança da comunidade analítica que elegeu tais analistas para o secretariado.

De início minha experiência me levou a questionar a entrevista com o candidato a passante: Até onde se deve levar a entrevista para que esta não se confunda com as entrevistas de testemunho dado aos passadores? O membro do secretariado não deve fazer perguntas que induzam o candidato a passante a falar o que quer que seja, e mais ainda deve esclarecer ao candidato que nessa entrevista não se trata de dar depoimento de sua análise.

O candidato a passante deve ter clareza quanto aos objetivos do passe e qual é o seu compromisso com a Escola. A nomeação de AE analista de Escola não é apenas um novo nome, um título, mas sim um compromisso com um trabalho específico na Escola; o de transmitir a teoria psicanalítica por um período de três anos, transmissão que se dá a partir de sua própria análise, a partir de sua falta e do encontro radical com a castração ao final de uma análise. Vê-se a importância que tem o fato de o candidato ao passe saber do que se trata ao se lançar nessa empreitada. Mas também não cabe ao secretariado tal advertência.

Dito isso vamos ao que cabe ao secretariado, ou seja, ter clareza do que é necessário para que um candidato se torne passante entrando no dispositivo do passe.

¹ N.E: Essa descrição corresponde ao procedimento de composição dos Dispositivos Locais de Escola na América.

O membro do secretariado deve se limitar a ouvir com o objetivo de colher significantes que apontem se há um desejo de passe de fato e como esse desejo surgiu. Essa escuta é importante porque muitas vezes um candidato a passante se dirige ao secretariado do passe em um impulso sem elaboração, no que poderíamos chamar de passagem ao ato, ou *acting out*, ou ainda um desejo de nomeação, no caso, mais ligado à hierarquia do que ao *gradus*. O que deve aparecer nitidamente nessa entrevista com o secretariado local é a certeza do candidato a passante de que sua análise terminou. Certeza de que não há mais o que dizer para nenhum analista e sim para a Escola, para a comunidade a qual pertence. O passe é algo que se dá à Escola.

Avaliar essas questões não se faz sem consequências. Ao término da primeira entrevista, quando ainda transcrevia o que pude ouvir, me adveio o meu próprio final de análise, mas não sob a forma de um sonho ou de algo que pudesse ser dito e sim como uma experiência do inconsciente. Um experimentar a falta, um viver o furo que propiciou a escuta do outro que justamente tenta falar desse furo, desse real impossível de ser dito. O que emerge é a falta-a-ser. A política da falta-a-ser é a política do inconsciente que sustenta o ato analítico.

Sabemos que ao início de uma análise, já nas primeiras entrevistas quando o sujeito do inconsciente se presentifica e faz uma demanda pode-se apreender algo da fantasia do sujeito que só será formalizada ao término da análise. No início se antevê algo do final. Ao se dirigirem ao secretariado do passe o inconsciente do candidato, esse trabalhador incansável permitiria que algo do final da análise daquele sujeito pudesse advir, ainda que nas entrelinhas dessa demanda? Existe no encontro como o secretário algo de um real em jogo na medida em que o sujeito está justamente experienciando seu desejo de falar sobre o final de sua análise. Esse real em questão é preciso circunscrevê-lo, aproximar-se dele com palavras. É justo pela presença desse real que uma das dificuldades encontradas nessas entrevistas é não permitir que o sujeito nos fale para além de seu desejo de passe e de sua trajetória.

Penso que o secretariado do passe funciona como uma dobradiça entre o dispositivo do passe e a possibilidade de sugerir ao candidato que elabore melhor sua demanda. Dobradiça que se move para um ou outro lado, guiada pelo que se pode ler nas entrelinhas dos ditos do candidato.

Um dito comum a muitos sujeitos, um chiste banal, pode trazer em seu bojo a marca da castração necessária ao final de uma análise. Perceber nos ditos do candidato um ponto que aponte para o desejo genuíno de falar sobre o que experienciou em sua análise foi o critério do secretariado do passe do qual participei. A cada entrevista o secretário que recebeu o candidato fez um resumo da entrevista e discutiu com os outros membros da CLGAL de maneira que todos os 4 membros puderam opinar sobre cada demanda.

Depois disso comunicávamos ao candidato se ele poderia ou não sortear os passadores. Cada candidato tem uma lista própria de passadores da qual são excluídos os que têm o mesmo analista que ele ou os que são próximos em sua vida social e outros impedimentos que poderiam atrapalhar a escuta do passador.

Trago aqui alguns significantes que estiveram de forma mais frequente nas demandas de entrada no dispositivo. São eles:

- Liberdade em relação aos rótulos, títulos, etiquetas e outras imposições sociais.
- Liberdade em relação ao próprio gozo.
- Sentimento de felicidade extrema.
- Desejo de dar testemunho sem esperar um novo nome sem esperar nenhuma nomeação.
- Surpresa com os efeitos de uma análise, “não é que isso funciona mesmo”.

- Necessidade de falar de sua análise para a Escola e não mais para a analista.
- Na saída da última sessão de análise lhe veio a frase. *AH! É assim!* E surgiu *AE* (homofonia em português).
- Empuxo a falar para a Escola – separação do Outro.
- Expansão do mundo – abertura para todas as atividades que desejava fazer.
- O passe é o furo na Escola
- Certeza de que o inconsciente existe.
- Necessidade de transmissão de um outro lugar – do lugar de *AE* – do final de análise.
- Assombro!!! o inconsciente se apresenta no registro do real.

Entre o final de análise e o pedido do passe verificou-se que a maioria dos candidatos passou por um momento de elaboração. Muitos relataram o momento em que o desejo de passe surgiu. São eles:

- 1- Após ouvir o depoimento de um *AE*.
- 2- A indicação para passador feita pelo *AME* seu analista, fez surgir um “quando terminar a análise vou fazer o passe”.
- 3- O sonho que marcou o final de análise indicava o desejo de fazer o passe.
- 4- O próprio final de análise despertou o desejo de dar o testemunho do que viveu.
- 5- Um candidato disse que durante a análise jamais pensou em pedir o passe por achar que era muita exposição. Após o final o que surgiu foi justo o contrário, um empuxo a transmitir a passagem de analisante à analista. Não há exposição, pois tudo já não tinha mais o mesmo peso.

Ao todo foram 13 pedidos para entrar no dispositivo do passe: 12 no Brasil e 1 na Argentina. Desses 13 só um candidato suscitou dúvidas e necessitamos de mais de uma entrevista. Dos 13 admitidos, três foram nomeados *AE*: Adriana Grosman e Andrea Milagres, do Brasil, e Julieta de Battista, da Argentina.

CINGIR UMA DEMANDA DE PASSE

Clara Cecilia Mesa
Medelín, Colômbia

Agradeço à comissão de organização desta Jornada de Escola pelo convite para apresentar algumas reflexões sobre o trabalho que vimos realizando na CLGAL. O que apresento não é apenas uma elaboração própria, empresto a minha voz para fazer passar os debates suscitados pela experiência, no curto tempo de nosso funcionamento.

Parto da seguinte pergunta: “*Como o secretariado do passe articula o tratamento das demandas que lhe dirigem, com o que seria a clínica do final de análise?*” É preciso partir de uma posição precisa: não é função dos secretariados do passe (SP) verificar um final de análise, esta é a função dos cartéis do passe, mas isso não impediu que a pergunta sobre o que é o final de análise estivesse presente como a política que orienta a escuta das demandas recebidas. Dois níveis de escuta diferentes e muito interessantes na proposta do dispositivo: os SP, em nosso caso a CLGAL, escutam a demanda de viva voz, diretamente do candidato, cândido, diz

Lacan¹, que deseja testemunhar e converter-se em passante, enquanto que o cartel do passe escuta o testemunho dos passadores e decide, a partir daí, sobre as possibilidades de nomeação ou não de um AE. Então: qual é a função de uma comissão mediadora? Esta espécie de antessala? Nestes primeiros meses de trabalho, isto nos abriu uma série de perguntas:

O que o SP escuta? Espera-se encontrar um bem dizer? O bem dizer se escuta? Qual seria a diferença para com o dizer, que, conforme Lacan, se infere (não se deduz, pois isto seria uma operação) – é possível fazermos uma diferença?

Quais foram as razões que o levam a pedir o passe? Engana-se ou não nesta demanda?

Os tempos do passe: tempos cronológicos e tempos lógicos. Tempo do final de análise, tempo da demanda de passe, tempo de passe

É evidente que não temos um instrumento que dê conta, com certeza, das razões que subjazem à demanda, por isso, cernir uma demanda seria a tarefa essencial dos dispositivos locais de Escola. O termo cernir é bem apropriado, se o tomamos conforme o dicionário que o define como peneirar, passar algo por uma peneira ou depurar, eleger com cuidado e minúcia, cernir vem do verbo transitivo “cernir” e do latim “cernere” que quer dizer “separar”, cernir também é discernir, colar, crivar, filtrar. Passar por um coador, uma peneira de farinha na qual a parte mais grossa fique em cima e o mais fino caia, então: que caia os dejetos do dizer? “O dizer deixa dejetos e dele só se pode recolher dejetos”, diz Lacan em *La Grande-Motte*².

E então ficamos com outro problema, não obtemos o testemunho, apenas a demanda. O que é uma demanda? Arrisco, para dar conta disso, pelo menos a teoria: toda demanda encerra mais além, um desejo, com o qual se poderia dizer que: cernir a demanda é passar do enganoso da demanda para crivar o desejo que subjaz. Mas, qual desejo? Desejo de passe? Desejo de transmissão? Desejo de analista?

Não entrar enganado, quer dizer, não entrar como um crente da verdade? Da verdade da história ou das garantias do Outro do qual ainda se espera uma garantia? Isso significa que há uma maneira de escutar um dizer, uma enunciação que permita discernir uma relação com o real e, nesse sentido, que se considere a possibilidade de aquela marca da qual Lacan fala na “Nota aos italianos” [Nota italiana], essa que os congêneres terão que reconhecer..., seja audível. O final de análise produz um bem dizer que se faz escutar. No entanto, como articulá-lo, se seguimos Lacan quando situa o dizer, não no campo da palavra, mas como ato? Quando diz: diante de “qualquer dizer: nós emprestamos nossa voz. Isso é uma consequência. Quer dizer, não é a voz: o dizer é um ato”³. A decisão de demandar o passe tem estrutura de ato? E o que escutamos então é: de que modo essa decisão tem uma função de corte que marca um antes e um depois? Um “sem retorno”? Ou trata-se de um *acting out*, uma espécie de precipitação em direção ao momento de concluir sem o tempo suficiente para compreender?

Então a função dos SP é justamente a de receber as demandas de passe, escutá-las e, na escuta, tratar de escutar o não dito... um dizer que permita crivar, o que há de verdadeiro

¹ N. T.: *Candidat candide* é um jogo de palavras que Lacan faz em francês e que é mais difícil repetir em português do que em espanhol, porque em português a palavra cândido mais dificilmente é associada a sincero.

² J. Lacan, *La Grande-Motte*, p. 4.

³ J. Lacan, *El seminario, libro 22, RSI (1974-75)*, inédito, clase del 18 de marzo de 1975. “C’est bien ce que je dis à propos de n’importe quel dire, nous prêtons notre voix, ça c’est une conséquence, le dire, ce ne pas la voix, le dire est un acte”.

nela e, em consequência, por em marcha o complexo e, mesmo, custoso dispositivo do passe em nossa Escola.

Tomamos então a diferença entre a demanda e o testemunho do passe, mas se a política que orienta também o trabalho dos SP é a do final de análise, é porque o SP também deve escutar mais além dos efeitos terapêuticos da análise, que os candidatos referem usualmente na entrevista e, além, dissonar algo do que o candidato pode decantar sobre se houve ou não um final de análise, mas, sobretudo, se foi possível saber algo dessa espécie de aberração, como o diz Lacan, dessa anomalia que implica que depois de ter feito uma análise, ainda quer fazer a passagem de analisante a analista. Bem, é possível saber em uma entrevista com o SP, algo prévio ao ingresso no dispositivo que permita cernir essa anomalia, essa irrupção, essa aberração⁴? Destaquemos que, se Lacan utiliza essas expressões tão fortes, é porque não concebe uma relação de continuidade entre o final de análise e o surgimento do desejo do analista, é disso que é preciso dar provas, não de ter terminado a análise, mas porque, apesar disso, decide dar testemunho do desejo de ocupar o lugar do analista. Da “Nota aos italianos”, sabemos: “pode ter havido análise, mas sem chance de ter havido analista⁵”.

Ficam, pois, as perguntas: O discernimento pode implicar um dizer *não*? *Não* em que sentido? Talvez não haja clareza sobre se houve realmente um fim de análise? Um *não* como consequência em relação ao tempo, um *ainda não*? E como cerni-lo? “Discrição também significa discernimento⁶”, mas também prudência e, no entanto, como determinar se essa prudência deixará passar um momento crucial, o do frescor, o do momento de concluir do prisioneiro que está se preparando para sair e demonstrar como chegou a deduzir quem é pois, seguindo Lacan, “a verdade do sofisma só pode ser verificada em sua presunção, se pode ser dito, na afirmação que constitui. Isso revela, portanto, que depende de uma tendência que aponta para ele, uma noção que seria um paradoxo lógico se não fosse reduzida à tensão temporal que determina o momento de concluir⁷”.

Evoco nesse ponto o texto de Jacques Adam em *Wunsch* n.8, quando reitera a importância desse momento crucial de giro em direção ao discurso analítico e adverte sobre as implicações quando se deixa escapar esse momento, o que pode implicar, diz ele, “uma falta ética por parte dos que têm que julgá-lo, ou uma instauração defeituosa do dispositivo que, numa Escola, deveria permitir escutar esse momento-chave. Mas quem pode julgar sobre esse deixar escapar? Se esse momento não é percebido, a falta é dos candidatos ao passe ou dos membros dos cartéis do passe? Quem, no final das contas, resiste em deixar passar os candidatos aos quais o dispositivo é oferecido?⁸”

Deixar passar ou não, com discernimento, essa é a questão⁹.

Tradução: Sonia Alberti

⁴ J. Lacan, *El seminario, libro 19, ... o peor*, Buenos Aires, Paidós, 2012, p. 190.

⁵ Ja Lacan, “Nota italiana”, *Otros Escritos*, Buenos Aires, Paidós, 2012, p. 329. N. T.: A frase toda em francês é: “S’il n’en est pas porté à l’enthousiasme, il peut bien y avoir eu analyse, mais d’analyste aucune chance”.

⁶ J. Lacan, “Sobre la experiencia del pase”, *¿Ornicar?* n. 1, p. 38

⁷ J. Lacan, “El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada. Un nuevo sofisma”, *Escritos 1*, México, Editorial Siglo XXI, 1971, p. 34.

⁸ J. Adam, “Dejar pasar”, *Wunsch* n.8, p. 8.

⁹ Parafraseando o “ser ou não ser, esta é a questão” shakespeariana.

O SINGULAR DE CADA EXPERIÊNCIA DO PASSE

Sandra Leticia Berta
São Paulo, Brasil.

Agradeço às colegas da Comissão Internacional da Garantia (CIG) por ALS-ALS- Brasil¹ pelo convite. Depois da experiência realizada nos anos 2016-2018 no CIG tenho os ecos e as perguntas que deixou e que afetam diariamente minha clínica e o trabalho de Escola. A proposta do tema dessa mesa “O lugar do diagnóstico no cartel do passe” é interessante porque abre para várias perguntas: Qual é o lugar? Há um lugar? Em que incide? a que chamamos “diagnóstico” hoje, na psicanálise? Orientada pelas mesmas propôs o título da minha apresentação, apontando o singular da experiência.

Sobre o diagnóstico

A palavra “diagnóstico” significa *algo que se sabe* ou se conhece *através de* e que *refere a alguma coisa*. Em psicanálise temos que diferenciar se se trata de um diagnóstico das estruturas e seus tipos clínicos, oriundos da nosografia da psiquiatria clássica ou se podemos afirmar que diagnosticar em psicanálise, a partir do borromeano, refere ao diagnóstico do caso por caso que indique *o singular*. Longe da universalidade dos diagnósticos clássicos, a função analista se dispõe à produção da diferenciação entre o mito e a estrutura, índice de um real (RSI). Assegurar-se disso na entrada em análise é contar com a bússola da transferência que inclui a suposição de um saber e aquilo que de um saber restará intransmissível. Em resumo, o diagnóstico serve para a direção da cura. Nos carteis do passe, a inferência que está em jogo é uma *inferência imediata* (no sentido lógico) “através do” que se pode concluir pela transmissão de um testemunho. Porém, de ter lugar para o diagnóstico do singular: qual? Retomarei essa questão.

Sobre singular e experiência

Acerca de “singular” temos que diferenciar o que propõe Aristóteles e o que propõe Lacan.

Singular [*kath' hékaston*], traduzido por “acerca de cada um”, essa é a indicação de Aristóteles. Lacan em “L'étourdit”, portanto depois de considerar a *particular máxima* (escrita por Jacques Brunschwig e que Aristóteles teria enterrado³), dá um passo a mais, não priorizando a “particular”, e destaca “o singular de um ‘confim’ [*confîn*] para que ele faça a potência lógica do *nãotodo* ser habitada pelo recesso do gozo que a feminilidade furta...⁴”. Aqui não se trata da particular (alguns) que faz contraponto com a exceção e que nos obriga a ficar na balança “Há alguns que...” “Há alguns que não...⁵”. Lacan a partir desse *escrito* destaca o singular, uma produção ou produto que, por contingência – cessa de não se escrever – escreve (possível) um modo de *fazer-se* aí onde o referente é o furo verdadeiro, não há Outro do Outro... e de *savoir-*

¹ Beatriz Maya (secretária e membro por ALN), Ana Laura Prates Pacheco (Brasil), Andrea Fernandes (Brasil) e Vanina Muraro (ALS).

² Aristóteles, *Sobre la interpretación*, edição electrónica de www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, p. 8.

³ G. Le Gaufey, *El no-todo de Lacan* (2006), Buenos Aires, El cuenco de plata, 2007.

⁴ J. Lacan, “O aturdido” (1972), *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 467.

⁵ C. Fierens, “Le dire du pastout”, *Essaim*, n. 22, Paris, Érès, 2009, p. 65-79.

y-faire com isso. É esse singular que considera o *não-todo* e a negação da existência ($\overline{\exists X}.\overline{\Phi X}$) na qual “o Outro é um tal espaço que, de excluir seu limite, é idêntico a seu interior, e então, ao furo do recalque originário⁶”.

Sobre a *experiência* somente gostaria de apontar o real em jogo e de como considerá-lo, seja pela contingência que o ateste, seja por certo *autômaton* de apego à doxa.

O que é esse singular na experiência do passe? Essa pergunta vale para as diferentes instâncias do dispositivo do passe: o secretariado do passe, o encontro do testemunho do passante com o passador, o encontro de cada passador com o cartel do passe, a elaboração posterior do cartel entre os membros que o compõem, a nomeação ou não.

O que recolho da experiência no CIG 2016-2018

Os membros de um cartel do passe escutam os passadores e não o passante. Portanto, um cartel escuta o que um passador em função possa transmitir dos seus encontros com o testemunho do passante. Em cada testemunho se espera que o passante tenha testemunhado do que uma análise lhe produziu. Certamente, uma análise não deveria produzir ao analisante um diagnóstico universal nem particular, mas sim uma resposta singular, algo que se destaca ao final de seu percurso: um detalhe que é da ordem do efeito e que surpreende, nem sempre como um trovão ou um corte... pode ser uma suspensão que passa quase inadvertidamente, assim como o escrevi para o simpósio do passe de em setembro de 2008. Cito:

“Essa suspensão é índice de uma de-tensão⁷ no percurso de uma análise, momento em que a falta de precisão encontra a chance de cifrar essa *alguma coisa* indizível que se destaca de tudo aquilo que fora dito, mas que o evoca também, produzindo esse efeito de surpresa, a questão da *intensão: de que se serviu*. Isso nos chegou pelos passadores e houve a ocasião de se centrar nesses pontos de suspensão, de pescar a opacidade desse momento e de acompanhar seus efeitos⁸”.

Essa é a tese – não a hipótese – forte para dizer que não deveria haver lugar para o diagnóstico (universal nem particular) nos cartéis do passe. Simplesmente porque não é isso que orienta o que possa produzir um cartel: uma nomeação ou não. É uma questão de princípio.

Mas a experiência demonstra, parcialmente, outra coisa, pelo menos na minha experiência e naquilo que posso ler a partir da história do passe em nossa Escola. Frequentemente, encontramos alusões ao diagnóstico dos tipos clínicos. Por que isso acontece? Minha hipótese é a seguinte: se a transferência é da ordem do *sujeito suposto saber* e se o saber pode articular-se em significantes, na parceria analista/analísante-analista, é possível que nesse sentido que acompanha todas as coordenadas do inconsciente estruturado como uma linguagem compareça a presença de um debate sobre os tipos clínicos no momento de trabalho de elaborações nos cartéis do passe. Seria interessante a atualização desse debate sobre as estruturas e os tipos clínicos pelo barulho que isso produz à hora em que se deve estar à disposição de outra coisa que não é isso.

Porém, a evocação do tipo clínico nem sempre refere à intenção de diagnosticar o que seria a posição do passante. O que se escuta de um testemunho é: a construção da ficção fantasmática, aquilo que foi a relação do analisante ao Outro, as modificações sintomáticas, ou seja as

⁶ M. Bousseyroux, “Le pastout: sa logique et sa topologie”, *L'en-je lacanien*, n. 10, Paris, Érès, 2008, p. 9-27.

⁷ Tentamos fazer desse neologismo o equívoco voluntário que era aquele de uma passante de língua espanhola entre / de-tensión / (diminuição da tensão) e / detención / (detenção).

⁸ S. Berta, “Pontos de suspensão”, *Wunsch 19*, fevereiro de 2019, p. 48.
<http://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch19.pdf>

mudanças com relação ao gozo, a queda de certas ideias, os diferentes momentos de encontro com a extimidade, a queda da certeza da ficção ou a confirmação da certeza. Enfim, se escutam os diferentes recortes entre o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir desse percurso que se sustenta no enigma da existência – a construção da *Hystoria* antes que a historiola.

Em nenhum cartel dos quais participei se priorizou o debate sobre o tipo clínico para decidir pela nomeação ou não. Certamente, teria sido perturbador que isso estivesse em jogo e fosse decisivo na nomeação de um AE. Lembro o que dizia Lacan aos italianos “é do não-todo que depende o analista”⁹. Nos cartéis do passe se está à espera de alguma coisa que diga da mutação do desejo, algo da ordem do *efeito* que faça signo de que aí, nisso que o testemunho transmite, tem-se tocado um ponto de finitude da questão que se articulava à demanda, do gozo que a sustentara, ainda se a análise, por vezes, não concluiu. Aí há algo, há do analista – *Il y a de l’Un* –, *Um dizer* dessa *suspensão conclusiva*. Precisamente porque o que se infere de um testemunho é o que não se pode somar – “[...] essas experiências não podem somar-se”¹⁰.

Concluo

O *singular de cada experiência do passe* está em questão quando nos referimos ao diagnóstico e à nomeação no trabalho do cartel do passe. Levo a um extremo paradoxal a pergunta colocada nessa mesa e arrisco a dizer que se na psicanálise o diagnóstico é do singular, haveria que retirar consequências e elaborar sua diferença com a nomeação. No cartel do passe, o singular – índice do “*confirm*” transmitido (ou não) no testemunho – orienta os debates. Nomear AE é o produto do que se infere e se conclui do que fez transmissão no testemunho, algum efeito sobre o *saber-fazer-aí-com* o intransmissível de um saber¹¹. Há litoral entre o *diagnóstico do singular* e a nomeação? Deixo essa pergunta para nosso debate.

O QUE SE PODE CONHECER ATRAVÉS DO PASSE?

Ana Laura Prates
São Paulo, Brasil

Por mais que levemos em conta os fenômenos elementares, e sustentemos a importância de mantermos o diálogo aberto com a nosologia e a nosografia psiquiátrica, há uma radicalidade ética na Psicanálise: o diagnóstico estrutural só pode ser feito sob transferência. Na prática, sabemos que a história da Psicanálise está repleta de estudos e construções de personagens históricos ou da literatura transformados em casos clínicos. Há os que entendam a aproximação de Lacan a Joyce como um estudo de caso, ideia com a qual não estou de acordo.

Em todo caso, se tomarmos a experiência psicanalítica como sendo da ordem de um discurso que oferece um tratamento inédito ao campo do gozo, teremos que considerar a presença do analista, ou seja, o conceito de transferência – como um dos 4 conceitos fundamentais da

⁹ J. Lacan, “Nota italiana” (1973), *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 312. [“c’est du pas-tout que relève l’analyste”, “Note italienne”, *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 308].

¹⁰ J. Lacan, “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*” (1973), *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 553.

¹¹ Colette Soler no Encontro Internacional da EPFCL (Barcelona, 2018) privilegiou o Um dizer performático do testemunho. “O que não se garante”, em *Wunsch 19*, fevereiro de 2019, p. 41-43.
<http://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch19.pdf>

Psicanálise, ao lado da pulsão, da repetição e da interpretação – como condição *sine qua non* para qualquer aproximação possível da questão do diagnóstico. Seria importante nos perguntarmos, então, o que diagnosticamos em Psicanálise, e com qual finalidade. Se tomarmos o diagnóstico com um conhecimento que se dá através de algo, poderíamos modular essa pergunta para: O que conhecemos através da transferência, e para que nos serve, clinicamente, esse conhecimento? Ora, se com Lacan, concebemos a transferência como amor que se dirige ao saber, e mais ainda, ao sujeito suposto saber que equivale ao próprio sujeito do inconsciente, é inevitável localizá-la, tal como ele o faz no matema da Proposição de 9 de outubro, como algo da ordem de uma operação de linguagem. Assim, é no campo da linguagem de podemos situar o diagnóstico estrutural, tomando como referência o operador no NdP e suas coordenadas lógicas para classificarmos nossos analisantes enquanto neuróticos, psicóticos ou perversos.

Se tomarmos as indicações de Lacan para pensarmos a política da direção da cura, precisamos conhecer a estratégia transferencial de nossos analisantes para que, com a tática da interpretação, possamos manipular a transferência visando sua (diz)solução. A solução da transferência bem como sua consequente dissolução é, portanto, tributária da interpretação e do ato analítico, na medida em que opera ao mesmo tempo com a alienação e a verdade do sujeito em sua relação com a castração.

Ainda no campo da linguagem, mas já levando em conta a particularidade da modalidade pulsional na montagem da fantasia, bem como os paradoxos da relação inversamente proporcional entre desejo e gozo é importante que o analista reconheça os tipos clínicos na neurose para que possa exercer sua liberdade tática. Não por acaso, analogamente, Lacan pluraliza as psicoses de modo a modular as intervenções cabíveis em um tratamento possível. É preciso também conhecer as particularidades instrumentais da vontade de gozo que estariam em cena nos menos frequentes casos de perversão que consentem com o discurso do analista. Em todos os casos, o que está em jogo é a localização do objeto *a* como agente do discurso, implicando o Saber no lugar da Verdade.

Ora, se o campo da linguagem é expandido para o campo do gozo, há ainda outro diagnóstico que se dá através de seu aparelhamento pelo discurso do analista: os modos de gozo, que são, finalmente, o único critério que temos enquanto psicanalistas, para classificar um ser falante enquanto homem ou mulher. Que em seu último ensino Lacan tenha localizado essas modalidades no nó, permitindo uma leitura inovadora do sintoma, isso não é sem consequências para nossa clínica, já que o sintoma enquanto letra implica na leitura de uma marca única e singular.

Que ao final de uma análise o analista que adveio da cura queira transmitir algo dessa marca, fazendo-a passar, com algum artifício, para outro discurso, e que o dispositivo do passe por ela se interesse especialmente, eis o ponto crucial que nos interessa discutir. E entendo que é partindo desse ponto que podemos pensar a questão do diagnóstico no passe. Seria importante, entretanto, estarmos advertidos de que se trata menos das presunções de estrutura e tipos clínicos que os componentes do cartel do passe vieram a fazer a partir do que puderam escutar dos relatos dos passadores (o que não quer dizer que não o façam), mas, antes, da passagem extremamente paradoxal e até mesmo extraordinária de uma marca singular e incomunicável para a construção de uma comunidade analítica de Escola, o que implica necessariamente a lógica do coletivo. O diagnóstico no passe, portanto, ao contrário daqueles imprescindíveis para a direção da cura, exclui a transferência enquanto amor que se dirige ao saber. Se transferência há, é aquela que Lacan um dia chamou pelo nome de transferência de trabalho.

Esse termo está um tanto em desuso, mas gostaria de retomá-lo. Para tanto, revisitei um texto que escrevi no início do século, chamado justamente “Transferência e transferência de trabalho”, no qual colocava a seguinte questão que agora retomo, 20 anos depois, a partir da

minha experiência no cartel do passe: “O que acontece no final com a transferência e o que isso tem a ver com a Escola?”. Em 64 Lacan afirma que “*o ensino da Psicanálise não pode se transmitir de um sujeito ao outro a não ser pelas vias de uma transferência de trabalho*”. A Escola, então, enquanto *locus* de transmissão da psicanálise se sustenta por essas vias. E em 67, eis o passe, como sequência lógica e ética dessa proposta. “Trabalhadores decididos” é o termo que corresponderia a essa modalidade transferencial, e está claro que ele não pode se confundir nem com o voluntário do bem estar social, o operário padrão, o profissional liberal e em hipótese alguma com o escravo. Do que se trata, então? No “Discurso na EFP”, Lacan propõe que contra os semblantes de crença e “tudo o que se dissimula da economia do gozo”, seria melhor que o Psicanalista confiasse no inconsciente ao se recrutar.

O que se pode, então, reconhecer através do passe? O ato advindo de cingir o horror de saber que “não há relação sexual”; mas não somente. Também o desejo de analista que daí pôde advir, eventualmente; mas não somente. É preciso diagnosticar também o índice de uma decisão que sustenta alguns em uma relação com essa garantia gratuita e esse abrigo aberto e não todo chamado Escola.

CONTRIBUIÇÃO DO CIG

O QUE FAZ CONVENCER NO JULGAMENTO DO CARTEL DO PASSE?

Nicole Bousseyroux
Toulouse, França

O que é uma convicção? Essa noção pertence ao discurso filosófico e ao discurso jurídico. Em um tribunal, os jurados são convidados a julgar por sua própria convicção. Isso foi introduzido durante a Revolução Francesa, ou seja, na época do culto à Razão. Redigida para os jurados em 1791, a instrução é repetida na seção 342 de nosso antigo código de instrução criminal de 1808, que declara: “A lei não exige que o júri considere os meios pelos quais foram convencidos; não lhes prescreve regras de que devam tornar particularmente dependente a plenitude e a suficiência de uma prova; exige que se questionem em silêncio e meditação, e busquem na sinceridade de sua consciência, quais impressões ficaram acerca do motivo das provas apresentadas contra o acusado e os meios de sua defesa. A lei não lhes diz: *Você tomará como verdade qualquer fato atestado por este ou aquele número de testemunhas*; também não lhes diz: *Você não considerará como suficientemente comprovada qualquer evidência que não seja formada por tal processo-verbal, tais peças, testemunhas ou pistas*; apenas lhes dá essa pergunta, que contém toda a medida de seu dever: *você tem uma convicção íntima?*”

É claro que a convicção íntima referida na lei é uma noção eminentemente subjetiva que se assemelha à crença. Não deve ser confundida com opinião nem persuasão. Persuadir é fazer alguém acreditar, fazer com que os outros sigam o que se acredita. No cartel do passe, não é por persuasão que o cartel pode concluir. Mas, o que pode dar a convicção íntima em suas deliberações?

Sabemos que os filósofos questionaram essa noção de convicção. Nietzsche diz que “crenças são mais perigosas que mentiras”. Thomas Edward Lawrence, autor de Sete Pilares da Sabedoria, disse: “Podemos discutir opiniões, mas as crenças são curadas apenas com tiros”. É por isso que Nietzsche considera que a convicção deve ser colocada sob o controle da desconfiança. Isso deve valer para nós no cartel do passe. Temos que ter cuidado com a nossa convicção íntima, especialmente porque se trata de julgar o mais íntimo do passante. Cuidado com nossas convicções íntimas. A estrutura de enodamento dos cartéis do passe deve ter a função de colocar à prova o dizer da convicção íntima de cada um de seus membros para que o cartel chegue a um julgamento coletivo, ou seja, uma convicção partilhada.

De fato, Lacan diz que, em seu “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XP*”, deixou o dispositivo do passe - definido como “colocar à prova a historização da análise” – para “aqueles que se arriscam a testemunhar o melhor da verdade mentirosa”, sendo esta articulada com o real, pois mostra sua “antinomia a toda verosimilhança”. O analisante se enfrenta ainda mais com a verdade mentirosa que, no discurso analítico, se inclina a dizer a verdade. Mas qual é a verdade? A verdade é a qualidade que atribuímos ao que dizemos ou pensamos. Isso também se aplica à qualidade que atribuímos ao que os passadores dizem e à qualidade que o passador atribui ao que o passante diz. Em lógica, atribuímos essa qualidade às frases, ou melhor, às proposições que qualificamos de verdadeiras ou falsas. Mas uma proposição é ela própria o conteúdo de uma crença, ela própria relativa a uma opinião ou a um saber, e é esse conteúdo que consideramos verdadeiro ou falso. Desse ponto de vista, a questão da natureza da verdade se reduz à questão de como validamos como verdadeiro o conteúdo de uma proposição.

Observemos aqui que Lacan define a análise – ou melhor, a posição analisante – em relação a essa questão de dizer a verdade. Assim, ele a formula no seminário “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre”, de 10 de maio de 1977: “Penso que, afinal de contas, a psicanálise é o que faz verdadeiro. Como deve ser entendido? É um golpe de sentido, é um sentido branco” [*C’est un coup de sens, c’est un sens blanc*]. Fazer verdadeiro é fazer sentido branco, semblante de sentido [*c’est faire sens blanc, semblant de sens*]. Em outro texto do mesmo período, encontrado no catálogo *Artcurial* publicado para a venda de 117 obras gráficas e manuscritas de Lacan, no Hotel Dassault, em 30 de junho de 2006 às 14h15, ele até escreveu (Manuscrito 82): “Valeria, [Lacan barra “valeria” [*il voudrait*] e escreve em uma única palavra, dissociando o ouvido da ortografia esperada por uma espécie de disortografia calculada], *il vodraimyeux*¹ que não se imagine que dizemos algo que seja verdade. A verdade é da terapêutica. Isto é, quando alguém tem um sinthome, pode fazê-lo passar à psicanálise. É exatamente isso. O que significa dizer que alguém aí aperta o botão do inconsciente o qual nada mais é do que o fato de que o homem fala, ele fala como espécie. Ele não sabe o que diz. Mas acontece que ele diz alguma coisa *do real*, querendo dizer a verdade”. É a prova deste algo do real que coloca o passe enquanto ele *hystorisa* a análise. Assim, o passe conduz o sujeito a fazer o relato *hystórico* (com o *y* de histérico) de sua análise e, logo, testemunhar a verdade mentirosa, mas o que é importante para Lacan é a questão de saber se alguma coisa do real emerge deste colocar à prova.

É uma questão para o cartel do passe: o testemunho, que quer dizer da verdade, é suficiente para conseguir dizer algo do real? Estamos lidando com “esse atrapalhamento” [*c’t’embrouille*] entre a verdade que o analisante está inclinada a dizer e o real do inconsciente. Daí minha pergunta: o que pode convencer o cartel de que algo do real foi dito no testemunho, algo do real, antinômico a toda a verosimilhança, portanto, algo que ex-siste a toda verdade disso que foi dito no testemunho através de tudo o que o passante foi levado a dizer da verdade a seus passadores? É aí que surge a questão do dizer, na medida em que ele ex-siste ao dito, a querer dizer a verdade e, no entanto, esse dizer é, para Lacan, o único testemunho do real. O cartel do passe conseguiu extrair do que ouviu, em seu trabalho sobre um testemunho do passe, um dizer que seja testemunha do real do inconsciente? A questão não é mais, no cartel, estar convencido da verdade, mas estar convencido do real, e saber se o cartel é capaz de se formular o que há nesse dizer que do real testemunha. Existe um dizer que o cartel pode deduzir do testemunho e que pode nos convencer?

Lembro aqui a nota de Lacan sobre a escolha dos passadores, que ele endereçou aos analistas de sua Escola, sendo os passadores da época da École Freudienne de Paris designados pelos A.E. Encontra-se isso no manuscrito n° 87 de *Artcurial*, datado 26. V. 76. Lacan aí escreve que, na análise, existe um risco que diz respeito à questão de que alguém engajado no passe possa testemunhar que está a serviço de um desejo de saber e que esse saber foi necessário construí-lo com o seu inconsciente, ou seja, o saber que encontrou foi apoiado em seu próprio e pode não ser adequado para a localização de outros saberes. Lacan termina sua nota dizendo o seguinte: “Às vezes, a suspeita que surge nesse momento é de que a sua própria verdade, talvez em análise, sua própria análise, não chegou a barrar. É preciso um passador para ouvir isso”.

Este texto difícil chama nossa reflexão. A questão que Lacan me parece suscitar é a da verdade que, na análise, não chegou à barra, a barra deve ser entendida em seu equívoco. Ouvimos aí a barra do tribunal onde testemunhamos e também a barra sobre o sujeito dividido entre saber e verdade ou ainda a barra do discurso analítico que coloca o saber no lugar da verdade. Lacan parece dizer que, em seu testemunho do passe, o passante pode suspeitar que sua própria verdade, a qual no inconsciente diz respeito às coisas sexuais, não chegou à barra, à barra do real dessas coisas do sexo. E Lacan acrescenta que é preciso um passador para ouvir aquilo que,

¹ Neologismo que parece juntar as palavras *il voudrait* [valeria], *voix* [voz] e *yeux* [olhar].

da verdade do inconsciente, não chegou à barra do real. É preciso um passador para ouvir isso, para ouvir essa falha no querer dizer a verdade, no querer dizer a verdade das coisas sexuais. E é, na minha opinião, neste fracasso da chegada da verdade à barra do real que se joga o passe, o real do passe.

É nisso que o cartel do passe, na medida em que julga um passe, não precisa julgar a verdade que chega à barra. Pelo contrário, ele deve julgar o que não chegou à barra do inconsciente, pois sua verdade “concerne exclusivamente às coisas sexuais” (manuscrito *Artcurial* n° 75).

Nesta nota sobre os passadores, Lacan subordina o sucesso do passe à escolha dos passadores, que devem ser escolhidos, segundo ele, como capazes de ouvir o que, da verdade própria do analisante que chegou ao fim de sua análise e que pede o passe, não chegou à barra. Isso coloca a barra do cartel do passe a esse nível: aquela onde nós temos que trabalhar, como diz Giacometti, para saber por que isso falha. Temos que trabalhar para saber por que a chegada à barra da verdade do inconsciente falha. Porque é nessa falha que algo do real pode vir ao dizer. Quando se nomeia A.E. um passante, o cartel do passe diz sua íntima convicção que algo do real passou ao dizer.

Tradução: Miriam Pinbo

PRÓXIMOS EVENTOS



—TRATAMENTOS DO
CORPO EM NOSSA ÉPOCA
E NA PSICANÁLISE—

XI Encontro Internacional dos Fóruns
VII Encontro Internacional da Escola de
Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

03-06 MARCHAR | 2021 | Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660 | Buenos Aires
Argentina

DATA A SER DEFINIDA



TEMA DA JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

LÍNGUA(S) E PASSE

<https://www.praxislacanianiana.it/convegnoroma/>

IV SIMPÓSIO INTERAMERICANO DA IF-EPFCL

SEGREGAÇÃO E SINGULARIDADE

IV JORNADA INTERAMERICANA DE ESCOLA

PORTO RICO

2021

DATA A SER DEFINIDA

***Wunsch 20* foi editado pelo CAOÉ 2018-2020, composto por:** Beatriz MAYA, Ana Laura PRATES, Elisabete THAMER e Camila VIDAL, com a colaboração de Ana CANEDO, Maria Claudia DOMINGUEZ e Daniella FERRI.

AGRADECIMENTOS

O CIG 2018-2020 agradece afetuosamente a todos os colegas que, nos cinco idiomas, contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

Um agradecimento especial a nossos colegas Graça PAMPLONA, Nicolas BENDRIHEN e François TERRAL pelo trabalho de releitura e de preparação deste número.

TRADUTORES EM LÍNGUA FRANCESA

ISABELLE CHOLLOUX, NATHALIE DOLLEZ, DOMINIQUE FINGERMAN, PAOLA MALQUORI, OLGA MEDINA, CÍCERO OLIVEIRA, ELISABETE THAMER, LINA VÉLEZ

TRADUTORES EM LÍNGUA ESPANHOLA

SANDRA LETICIA BERTA, RITHÉE CEVASCO, SONIA CUTRI, ROBERTO DÍAS, ROSA ESCAPA, VICKY ESTEVEZ, LYDIE GRANDET, LÓLA LÓPEZ, GUSTAVO ADOLFO MORALES, BERNARD NOMINÉ, MARIA LUISA GARCIA PIANA CARVALHO, FRANCISCO JOSÉ SANTOS GARRIDO, CARMEN URKOL, CAMILA VIDAL, IVAN VIGANÒ, PATRICIA ZAROWSKY

TRADUTORES EM LÍNGUA PORTUGUESA

SONIA ALBERTI, ELYNES BARROS LIMA, SANDRA LETICIA BERTA, MARIA CLAUDIA FORMIGONI, ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES, LEONARDO LÓPEZ, ÂNGELA MUCIDA, CÍCERO OLIVEIRA, GRAÇA PAMPLONA, LEONARDO PIMENTEL, MIRIAM PINHO, ELISABETH DA ROCHA MIRANDA, MARIA LAURA SILVESTRE, ELISABETE THAMER

TRADUTORES EM LÍNGUA ITALIANA

ANNALISA BUCCIOL, CAROLINA CECCI ROBLES, EDOARDO CINQUEGRANA, ANGELA COPPOLA, MARIA EUGENIA COSSUTTA, MARIA CLAUDIA DOMINGUEZ, PIERO FELICIOTTI, ANTONIA IMPARATO, MANUELA LANDINI, MARIA TERESA MAIOCCHI, EVA ORLANDO, AMBRA PROIETTI, CECILIA RANDICH, MARINA SEVERINI, IVAN VIGANÒ, LEILA ZANNIER

TRADUTORES EM LÍNGUA INGLESA

MARIO ABOUD, ROBERTO DÍAS, ESTHER FAYE, ELIO GHARIOS, YANN GRÉARD, ELIE HÉLOU, PASCALE KOLAKEZ, DEBORAH MCINTYRE, MICHEL MOLINA, JULIEN MRAA, ALBERT NGUYÊN, LEONARDO RODRIGUEZ, SUSAN SCHWARTZ, DEVRA SIMIU, SHEILA SKITNEVSKY FINGER, THIAGO SOUZA, JOANNA SZYMAŃSKA, NESTOR TAMARIN, LOUIS-MARIE TINTHOIN, SAHAR YACOUB, ANNA WOJAKOWSKA-SKIBA, GABRIELA ZORZUTTI

SUMÁRIO

JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA PRIMEIRA CONVENÇÃO EUROPEIA DA IF-EPFCL

ESCOLA DOS CARTÉIS

Abertura, <i>Elisabete Thamer</i> (França)	03
OS CARTÉIS DO PASSE	
Sol Aparicio (França), <i>Questões sobre uma experiência efêmera</i>	05
Bernard Nominé (França), <i>O tempo em ação no dispositivo do passe</i>	08
Patrick Barillot (França), <i>O passe, uma marca a encontrar?</i>	11
Carme Dueñas (Espanha), <i>Cartel do passe: trabalho de doutrina ou orientação teórica?</i>	14
Albert Nguyên (França), <i>O cartel do passe: norma, doxa e singularidade</i>	17
Sophie Rolland-Manas (França, AE), <i>Travessia de análise... fragmentos de passe</i>	20
 OS CARTÉIS NA ESCOLA	
Anne Castelbou Branaa (França), <i>O cartel, um dispositivo inaudito para fazer laço de Escola a partir do não partilhável</i>	25
Maria Teresa Maiocchi (Itália), <i>Ex-cartelisar</i>	28
Marie-Annick Le Port Gobert (França), <i>Para a Escola do passar "a": o lugar do cartel</i>	36
Anna Wojakowska-Skiba (Polónia), <i>O que fundamenta o cartel sobre os textos fundadores?</i>	38
Celeste Soranna (Itália), <i>O cartel inter-Fórum e inter-nacional na sua função nodal de colocação à prova do laço social na Escola da IF</i>	41
Carole Leymarie (França), <i>O cartel: arriscar-se à psicanálise</i>	44

TERCEIRA JORNADA INTERAMERICANA DA EPFCL III SIMPÓSIO INTERAMERICANO DA IF-EPFCL

CLÍNICA DO FIM DE ANÁLISE

Abertura, <i>Beatriz Maya</i> (Colômbia)	47
Adriana Grosman (Brasil, AE), <i>Qual de(s)cisão para o passe?</i>	49
Adriana Álvarez Restrepo (Colômbia), <i>Uma posta à prova</i>	52
Gisela Suárez Sepúlveda (Colômbia), <i>Estar um passo mais atrás do que o passante</i>	54
Ida Freitas (Brasil), <i>Do possível do testemunho ao impossível da transmissão</i>	56
Elisabeth da Rocha Miranda (Brasil), <i>Qual a função da entrevista para entrada no dispositivo do passe?</i>	59
Clara Cecília Mesa (Colômbia), <i>Cingir uma demanda de passe</i>	61
Sandra Leticia Berta (Brasil), <i>O singular de cada experiência do passe</i>	64
Ana Laura Prates (Brasil), <i>O que se pode conhecer através do passe?</i>	66
 Nicole Bousseynroux (França), <i>O que faz convencer no julgamento do cartel do passe?</i>	 69

PRÓXIMOS EVENTOS	72
-------------------------	----

